



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO: INTERFERÊNCIA DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO NO ESPANHOL FALADO POR NATIVOS RESIDENTES NO
BRASIL?**

ONILMA FREIRE DOS SANTOS

RECIFE

ONILMA FREIRE DOS SANTOS

**SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO: INTERFERÊNCIA DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO NO ESPANHOL FALADO POR NATIVOS RESIDENTES NO
BRASIL?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração em Linguística. Orientadora: Prof^ª. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva

RECIFE

2013

Catálogo na fonte
Andréa Marinho, CRB4-1667

S237s Santos, Onilma Freire dos
Sobre o parâmetro do sujeito nulo: interferência do português brasileiro no espanhol falado por nativos residentes no Brasil? / Onilma Freire dos Santos. – Recife: O Autor, 2013.
144p.: Il.: fig., graf. e quadros.

Orientador: Cláudia Roberta Tavares Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2013.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Linguística. 2. Língua Portuguesa – conversação e frases. 3. Língua Espanhola. 4. Interferência Linguística. I. Silva, Cláudia Roberta Tavares (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC2013-54)

ONILMA FREIRE DOS SANTOS

**Sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo: Interferência do Português Brasileiro
no Espanhol Falado por Nativos Residentes no Brasil?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, em 28/2/2013.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª. Dr.ª. Cláudia Roberta Tavares Silva
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof.ª. Dr.ª. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
LETRAS - UFPE



Prof.ª. Dr.ª. Telma Moreira Vianna Magalhães
LETRAS - FAC. LETRAS

Recife – PE
2013

A Priscila Freire de Lima, minha avó querida, em memória!

À minha MÃE, Olena Freire de Lima, que sempre esteve ao meu lado nos bons e não tão bons momentos. Toda vitória minha é vitória sua, mestra!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, dos hereges ou dos cristãos, enfim, que sempre esteve por perto, mesmo quando eu não estive tão perto.

À minha mãe, que me acompanhou tal qual Deus, sem nunca me abandonar no caminho e sempre proporcionou-me novos caminhos. Sem ela, nada seria possível!

Aos meus filhos, Priscila, Juliana e Vinícius, que foram sempre combustível para a minha luta... Vocês são para mim exemplo de amor.

A Jeferson Mendonça, que me deu apoio para continuar e dividiu comigo, podendo ou não, o peso dos outros fardos e a leveza dos prazeres.

À estrelinha, Maria Clara Freire, que veio ao mundo para iluminar minha vida!

Aos meus irmãos, firmes e fortes sempre! Vilmar Freire, Ozilma Freire e Vagner Freire.

Ao sobrinho Thyago Sobral, que ouvia minhas lágrimas com atenção e paciência.

Aos amigos de academia que acreditaram em mim: Hélio Castelo Branco, Ton Irsael, Flávia Farias, Edney Belo, Marcelo, Rosemberg Nascimento, Andréa Moraes, Daniele Basílio, companheira de graduação e, em especial, Thays keylla; Aos amigos de todas as horas: Nilson Albuquerque e Micheliny Karla.

Aos professores que me deram palavras de incentivo, em especial, Alberto Miranda Poza orientador inicial e exemplo de sapiência (você não sabe o tamanho do amor fraterno que lhe dedico), Alfredo Cordiviola e Lucila Nogueira, meus sinceros agradecimentos e minha eterna admiração.

À minha orientadora, atenciosa e amável, Cláudia Roberta Tavares da Silva, que mostrou novos caminhos quando o desespero acadêmico bateu à porta. Por toda paciência, dedicação e colaboração.

À professora Stella Telles que, gentilmente, aceitou apoiar-me nesta empreitada ao participar da banca de examinadores desta dissertação. Nunca esquecerei seu olhar tranquilizador e incentivador nas etapas em que estivemos juntas (da graduação à Pós-graduação).

À professora Telma Magalhães que se deslocou de seu pedacinho de Nordeste ao meu para dar sua contribuição neste trabalho, participando da banca de examinadores externos.

Aos funcionários do PPG-Letras (Diva e Jozaías), sempre atentos, bem humorados e esclarecedores.

À CAPES, pelo incentivo financeiro.

Todo homem, orador, escritor ou Poeta, todo homem que usa da palavra não como um meio de comunicação de suas ideias, mas como um instrumento de trabalho, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento da sua atividade.

José de Alencar

RESUMO

Situada na linha teórica da Sintaxe Comparativa, calcada na Teoria de Princípios e Parâmetros e apoiada na noção de Atrito linguístico, esta pesquisa visa comparar a língua espanhola da Europa falada por nativos residentes no Brasil há mais de 10 anos com o português brasileiro. O Parâmetro investigado neste trabalho é o Parâmetro do Sujeito Nulo, o qual distingue línguas que licenciam sujeitos nulos e línguas que não licenciam esses sujeitos. A hipótese norteadora é que o português brasileiro, considerado uma língua semi-pro-drop por estar em processo de mudança, exerce influência no espanhol falado pelos nativos, devido ao atrito linguístico constante. Desse modo, foram objetivos deste trabalho: a) observar se falantes nativos do espanhol residentes no Brasil têm preenchido a posição do sujeito por pronomes plenos em contextos que seriam obrigatórios de sujeitos nulos em sua língua materna, devido ao constante contato com o PB; b) analisar os contextos frásicos de produção de sujeitos nulos e plenos na fala dos nativos de língua espanhola, tomando por base as seguintes variáveis selecionadas a partir de estudos sobre o PB: 1) *Posição do sujeito*; 2) *Tipo de oração*; 3) *Duplicação de sujeito*; 4) *Morfologia de flexão verbal*; c) Relacionar os resultados encontrados ao tempo de permanência dos nativos espanhóis no país, bem como à faixa etária dos informantes, tomando por base a hipótese de que os espanhóis mais velhos tendem a ser mais conservadores e resistentes às interferências de um idioma no outro; e d) Discutir, a partir dos dados analisados, o atrito linguístico levando em conta as diferentes etapas sugeridas por Sharwood Smith (1983). Para tanto, foram entrevistados 10 nativos, oriundos de diferentes localidades da Espanha e residentes no Brasil há mais de 10 anos. Os dados que compõem o *corpus* foram transcritos, codificados e avaliados com base nas propriedades do Parâmetro do Sujeito Nulo. Observamos que algumas propriedades sofreram influência do português brasileiro, entre elas: o tipo de oração e a duplicação de sujeitos. Além disso, por ser o espanhol em análise uma língua de morfologia de flexão rica, chegamos à conclusão de que a Morfologia de flexão verbal não é responsável pela marcação positiva ou negativa do PSN.

Palavras-chave: Parâmetro do Sujeito Nulo; Português Brasileiro; Espanhol europeu; Interferência

RESUMEN

Situado en la Sintaxis comparativa, basada en la teoría de los principios y parámetros y apoyada en la noción de Contacto, esta investigación tiene como objetivo comparar la lengua española de Europa hablada por los nativos que viven en Brasil desde hace más de 10 años al portugués de Brasil. El parámetro investigado en este trabajo es el parámetro de sujeto nulo, que diferecian lenguas en que los sujetos nulos son licenciados y lenguas que no licencian estos sujetos. La hipótesis fundamental es que el portugués brasileño, lengua considerada semi-pro-drop por estar en proceso de cambio, influye en los parámetros del español hablado por los nativos, contacto. De este modo, los objetivos de este estudio fueron: a) observar si los hablantes nativos residentes en Brasil han llenado la posición del sujeto por pronombres plenos en contextos que se requerirían sujetos nulos en su lengua materna debido al contacto constante con el PB; b) analizar los contextos frásicos de producción de sujetos nulos y plenos en el habla del español nativo, con base en las siguientes variables de los estudios sobre PB: 1) Posición del sujeto; 2) Tipo de Oración; 3) La duplicación del sujeto; 4) Morfología de flexión verbal; c) Relacionar los resultados que se refieren a la estancia de los españoles nativos en el país, así como la edad de los informantes, basados en la hipótesis de que los españoles mayores tienden a ser más conservadores y resistentes a las interferencias de un idioma a otro. E d) Discutir, desde el *corpus*, el atrito lingüístico teniendo en cuenta los diferentes pasos sugeridos por Sharwood Smith. Para tanto, entrevistamos a 10 nativos de lugares diferentes en España y que viven en Brasil desde hace más de 10 años. Los datos fueron transcritos, codificados y evaluados en base a las propiedades del parámetro del sujeto nulo. Observamos que algunas propiedades fueron influenciadas por el portugués brasileño, a saber: el tipo de la oración y la duplicación del sujeto. Por otra parte, por ser el español analizado un idioma de morfología de flexión verbal rica, llegamos a la conclusión de que la morfología de flexión verbal no es responsable por la señalización positivo o negativo de una lengua, con respecto al PSN.

Palabras clave: Parámetro del sujeto nulo, portugués de Brasil, español europeo, interferencia

Lista de imagens, tabelas, quadros e gráficos

Imagens

Imagem 1: Mapa das línguas românicas.....	29
Imagem 2: Princípio do Subconjunto.....	34

Tabelas

Tabela 1: Caracterização da riqueza de AGR em PB e no espanhol.....	55
Tabela 2: Marcação de traços binários positivos e negativos.....	55
Tabela 3: Percentual de frases declarativas finitas com verbos inacusativos.....	111

Quadros

Quadro 1: Paradigmas do PB e do espanhol europeu.....	20
Quadro 2: Conjugação do verbo cantar (inglês, espanhol e português europeu).....	31
Quadro 3: Conjugação do verbo <i>chanter</i> (“cantar”) em francês	33
Quadro 4: A classificação do atrito de van Els.....	40
Quadro 5: Paradigmas do PB1 e PB2.....	53
Quadro 6: Paradigmas do Espanhol.....	54
Quadro 7: Paradigma dos pronomes nominativos em espanhol extraído de Soares e Silva (2006).....	59
Quadro 8: Paradigma de flexão verbal rica do espanhol	60
Quadro 9: Ocorrências e taxas de sujeito nulo em Madri e Buenos Aires.....	63
Quadro 10: Resumo dos contextos de sujeitos nulos e plenos na gramática adulta do PB e do EE.....	74
Quadro 11: Mapeamento dos informantes selecionados na pesquisa	77
Quadro 12: Quantitativo geral de sujeitos plenos e nulos no <i>corpus</i> da pesquisa.....	84
Quadro 13: Quantitativo de sujeitos nulos e plenos no EE de Madri.....	85

Quadro 14: Comparativo de preenchimento dos nativos residentes no Brasil com o dos nativos que vivem em contextos monolíngues	86
Quadro 15: Ocorrência de sujeitos plenos por pessoa do discurso nos dados da pesquisa....	87
Quadro 16: Ocorrência de sujeitos nulos por pessoa do discurso	87
Quadro 17: Ocorrência de duplicação do sujeito por informante.....	100
Quadro 18: Percentual de inversão VS por tipo de verbo no <i>corpus</i> da pesquisa	110
Quadro 19: Mapeamento dos informantes selecionados na pesquisa.....	116
Quadro 20: Quantitativo geral de sujeitos plenos e nulos no <i>corpus</i> da pesquisa.....	116
Quadro 21: Quantitativo de sujeitos plenos e nulos por informante pesquisados.....	117
Quadro 22: Fases de Sharwood Smith por informante	118

Gráficos

Gráfico 1: Sujeitos nulos e plenos nos dados da pesquisa.....	89
Gráfico 2: Sujeitos nulos no <i>corpus</i> da pesquisa, tomando por base a referência semântica.....	90
Gráfico 3: Sujeitos plenos no <i>corpus</i> da pesquisa, tomando por base a referência semântica.....	90
Gráfico 4: Percentual de sujeito plenos e nulos de Xavier (2008, p.358).....	92
Gráfico 5: Orações coordenadas e subordinadas.....	97
Gráfico 6: Percentual de sujeitos duplicados no <i>corpus</i> da pesquisa.....	100
Gráfico 7: Percentual de concordância no <i>corpus</i> da pesquisa.....	102
Gráfico 8: Percentual de sujeitos pré e pós-verbais no <i>corpus</i> da pesquisa.....	109
Gráfico 9: Percentual de tipos de verbos encontrados no <i>corpus</i> da pesquisa.....	110

Lista de abreviaturas

AGR: Concordância
ASL: Aquisição de Segunda Língua
DAL: Dispositivo de Aquisição da Linguagem
DS: Estrutura D
EE: Espanhol Europeu
EPP: Princípio de Projeção Estendida
FL: Faculdade da Linguagem
GU: Gramática Universal
HAP: Hipótese de Acesso Parcial
HAT: Hipótese de Acesso Total
HAN: Hipótese de Acesso Nulo
L1: Língua materna
L2: Língua estrangeira
PB: Português Brasileiro
PE: Português Europeu
P&P: Princípios e Parâmetros
PSN: Parâmetro do Sujeito Nulo
SN: Sujeito Nulo
SS: estrutura S
SVO: Sujeito/Verbo/Objeto
VOS: Verbo/Objeto/Sujeito
VS: Verbo/Sujeito

SUMÁRIO

Introdução	13
CAPÍTULO 1: Fundamentação teórica	23
1.1 Sintaxe comparativa: breves incursões.....	23
1.2 Perspectivas de análise para o tratamento da posição sujeito (PSN).....	28
1.2.1 O preenchimento da posição sujeito em línguas românicas na gramática adulta: sob o viés da gramática gerativista.....	28
1.3 Pressupostos básicos.....	35
1.4 Atrito e Interferência.....	39
1.5 Breves incursões no campo da aquisição da linguagem: a perspectiva paramétrica.....	41
CAPÍTULO 2: Sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo – Aprofundamento	49
2.1 A interface sintaxe-morfologia: evidências para o PSN?.....	49
2.1.2 Caracterização da natureza da morfologia de flexão verbal no espanhol e no português brasileiro.....	52
2.1.2.1 A proposta de Roberts (1993).....	52
2.1.2.2 A Proposta de Galves (2001).....	55
2.2 Revisitando as propriedades do PSN.....	56
2.2.1 O PSN no Espanhol Europeu.....	59
2.3 Contextos de sujeitos nulos e plenos: uma questão de opcionalidade?.....	64
CAPÍTULO 3: Procedimentos metodológicos	75
3.1 Créditos à Sociolinguística Quantitativa.....	76
3.2 População investigada.....	76
3.3 Coleta e seleção dos dados.....	78
3.4 Variáveis selecionadas.....	78
3.5 Codificação dos dados.....	82
CAPÍTULO 4: Análise dos dados	84

4.1 Ocorrência de sujeitos nulos e plenos no EE: evidência de interferência do PB?.....	84
4.2 Um olhar para a morfologia de flexão verbal e a ordem de palavras: evidências de assimetria entre o PB e o EE?.....	102
4.2.1 Natureza da morfologia de flexão verbal.....	102
4.2.2 Sujeitos plenos em posição pré e pós-verbal no EE.....	107
4.3 Atrito Linguístico: Etapas de Sharwood Smith.....	113
4.4 Sobre a faixa etária: Mais idoso, mais conservador?.....	115
Considerações finais	119
Referências Bibliográficas	124
Anexos	138

INTRODUÇÃO

O atrito, segundo SCHMID (2004, p. 244) “não é mais do que uma situação de línguas em contato”. Surgiu como área de estudo na década de 80 e pode ser considerado um subcampo do Bilinguismo ou dos estudos de Contato de Línguas. Indissociável da ideia de atrito está a noção de interferência. Entendemos interferência como um fenômeno que ocorre quando uma língua estrangeira (L2) interfere na produção oral ou escrita da língua materna (L1) dos falantes, mediante o fenômeno do atrito entre línguas em contato, corroborando a redução de estruturas paramétricas na Língua materna.

A hipótese da redução “ampliação” de estruturas paramétricas da língua materna está apoiada na noção de atrito defendida por Köpke e Schmid (2004, p. 5) que o consideram como “a redução não patológica da proficiência numa língua previamente adquirida por um indivíduo”. Essa concepção, fundamentada na psicolinguística, não é a única existente nos estudos linguísticos, contudo, é a que nos interessa por focar a investigação em nível individual (o falante) e não coletivo (a comunidade de fala).

Relacionada à questão do atrito está a noção de competência e desempenho¹. Refletindo acerca dos conceitos chomskynianos, Sharwood Smith (1983) apud Köpke (1999, p. 105) sugere que o atrito se apresenta em três diferentes etapas: 1) desvios de desempenho, enquanto a competência permanece estável; 2) mudanças na competência, mas o falante é ainda capaz de adotar uma variedade padrão da língua quando as circunstâncias o requerem; 3) emergência de uma nova competência. (CAPILLA, 2007).

Quanto à terceira etapa, a tradição linguística acredita ser impossível a aquisição de novas competências após o chamado período crítico, o que pressupõe a impossibilidade de mudança (cf. CURTISS, 1977; SCARPA, 2001; FERRARI, 2007). Contudo, para Köpke apud Capilla (2007, p. 27),

[...] é prematuro chegar à conclusão de que a competência não pode mudar nos adultos: se já está parcialmente modificada, nada impede que ela continue experimentando mudanças até alcançar essa terceira etapa de “nova competência.

¹ “Competência (conhecimento que o falante-ouvinte possui de sua língua) *versus* performance “desempenho” (o uso efectivo da língua em situações concretas)” (CHOMSKY, 1965, p. 84).

Do ponto de vista da psicologia cognitiva, alguns autores consideram que o conhecimento linguístico, como qualquer outro, não se perde ou desaparece. “Ele se torna inacessível com a falta de uso, mas é recuperável com os estímulos adequados.” (HANSEN, 2001, p. 67). Em nossa pesquisa, lançamos mão da ideia de atrito e de interferência para comparar, à luz da sintaxe comparativa, duas línguas em contexto de bilinguismo: O português brasileiro e o espanhol.

Com o advento da nova sintaxe comparativa e sob o viés da teoria gerativa, estudos comparativos entre línguas românicas, por exemplo, vêm ocupando espaço significativo no âmbito das investigações linguísticas desde a década de 80 no século XX (RIZZI, 1989).

Kato e Ramos (1999, p. 105-146) fizeram um apanhado dos estudos desenvolvidos no âmbito da sintaxe gerativa desde a década de 60, quando o gerativismo dava ainda seus primeiros passos no Brasil, tomando por base os artigos de Lemle (1967) e Mattoso Câmara (1967). Estudiosos como Eunice Pontes (1969-1973), Leila Barbara (1971-1975) e Mary Kato (1972-1974) produziram as primeiras dissertações e as primeiras teses na linha da sintaxe gerativa no país. Entre os temas abordados, destacam-se: a) o léxico e a sintaxe, centrando a atenção na decomposição léxico-semântica dos verbos, a fim de correlacionar o papel semântico dos argumentos ao tipo de complementação: acusativas e inacusativas (MIRANDA, 1975; LOBATO, 1978; BERTHIER, 1974; AZEVEDO, 1977; FÁVERO, 1974/1982); b) as estruturas sintáticas do português (ALMEIDA, 1977; MARTINS, 1976; IKEDA, 1977; MAIA, 1975; PERINI, 1977); c) as estruturas simples (CUNHA, 1978; ARRUDA, 1978; BRANCO, 1979) e d) as estruturas oracionais complexas (RODRIGUES, 1975; CARDOSO, 1976; ROMUALDO, 1975; MORAIS, 1971, entre outros).

Concernente aos estudos comparativos entre línguas, destacam-se, na comparação entre o inglês e o português, as pesquisas de Ramos (1973) acerca das preposições, Cerqueira (1984) acerca dos tempos verbais, Lemle (1979) sobre a ordem dos adjetivos no sintagma nominal e Pereira (1979) sobre as formas gerundivas. Dá-se destaque ainda ao trabalho de Senday (1975) que compara o português e o espanhol no que se refere aos clíticos. Todos esses trabalhos foram de extrema importância para o avanço dos estudos linguísticos que se desenvolveram à luz da teoria gerativista.

Alguns anos depois, toma fôlego no Brasil a abordagem do Modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) após a publicação das teses de Milton do Nascimento (1984) e Moreira da

Silva (1983) na França. Galves também figura como uma das pioneiras dos estudos nesse modelo com trabalhos acerca do objeto nulo referencial (1984), das particularidades das construções com o pronome *SE* (1986) e do enfraquecimento da concordância no português brasileiro (PB) (1993).

A partir do acima exposto, é fundamental entendermos, em linhas gerais, em que consiste a teoria gerativa desenvolvida por Chomsky (1981, 1986) para a compreensão da nossa proposta, tomando por base sua concepção de língua. Para o gerativismo, a mente é organizada em faculdades, entre elas, a faculdade da linguagem (FL), que diferencia o homem dos animais. Nessa perspectiva, a língua é “um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY, 2002, p. 13), valendo esclarecer que é a recursividade que faz com se produzam frases infinitamente.

Alguns conceitos que emergem da teoria gerativa são importantes para esta pesquisa, como os conceitos de competência, desempenho e Gramática Universal (GU). O que se conhece de uma língua, independentemente de instrução escolar, e a capacidade de se elaborar e julgar sentenças como gramaticais ou não é o que se conceitua na teoria gerativa por competência linguística, seu objeto de estudo.

Desse modo, para o entendimento das diversas gramáticas das línguas naturais, prevê-se na GU a existência de princípios e parâmetros linguísticos: de um lado, aqueles que são iguais para todos os indivíduos da nossa espécie, sendo rígidos para todas as línguas; do outro lado, aqueles que possuem dois valores de marcação (+ ou -) que serão fixados pela criança no processo de aquisição. Após acionado/fixado o valor positivo ou negativo do parâmetro, a criança adquire sua gramática nuclear, que se distinguirá, por sua vez, de outras gramáticas.

Ao longo dos anos, diversas investigações têm centrado a atenção no chamado Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) em línguas românicas, conforme atestam os trabalhos de Lobo (1994) para o português europeu (PE); Rizzi (1988), Kato, (1999) e Martins (2009) para o italiano; Badía Margarit (1988), Luján (1999) e Soares & Silva (2006) para o Espanhol da Europa (EE). No que se refere ao PB, estudos realizados sob o ponto de vista sincrônico e diacrônico apontam para um preenchimento cada vez maior da posição sujeito por sujeitos plenos, ao contrário do que ocorre nas demais línguas supracitadas que usam sujeitos nulos (nomeadamente *pro*) por serem línguas que fixam positivamente o valor do

parâmetro (línguas *pro-drop*) (DUARTE, 1993, 1995, 2003; ROBERTS, 1993; KATO, 2000, KATO; DUARTE, 2003). A fim de evidenciarmos essa assimetria, observemos os contextos frásicos a seguir.:

(1) *Eu* vou ao teatro. (PB) (sujeito pleno)

(2) ___ Vou ao teatro.² (PE) (sujeito nulo) (LOBO, 1994, p. 9)

Kato (1999) apresenta-nos sujeito nulo em italiano, ao contrário do PB:

(3) *Ela* fala Tagalog. (PB)

(4) ___ Parla Tagalog. (italiano)

Em EE, Margarit (1998) apresenta dados em que os sujeitos são plenos em PB, mas nulos no EE:

(5) Quando João trabalha, *ele* não bebe. (PB)

(6) Cuando Juan trabaja, ___ no bebe. (EE)

A assimetria verificada, segundo pesquisas mais recentes acerca do PSN, pode ser explicada por um processo de mudança em relação à marcação do valor desse parâmetro em decorrência do enfraquecimento da flexão verbal por que tem passado, por exemplo, o PB (DUARTE, 1993): essa língua parece estar caminhando para se tornar uma língua não-*pro-drop* como o inglês que não licencia sujeitos nulos (ex.: I play (“*Eu* jogo.”) versus * ___ play. (“*Jogo*”)³).

Sobre o PSN, tem sido assumido que haja uma forte correlação entre morfologia e sintaxe nos seguintes termos: se a língua tem morfologia rica, sujeitos nulos são licenciados;

2 O tracejado ___ corresponde à posição de sujeito nulo, a saber, *pro*.

3 O asterisco indica que a frase é agramatical. Nesse caso, a gramática do inglês não admite sujeito nulo.

do contrário, se tem morfologia pobre, não licencia esses sujeitos. Essa relação morfossintática entre a natureza da flexão verbal e o PSN é alvo de muitas reflexões linguísticas. Segundo Modesto (2004, p. 120):

A relação entre flexão rica e sujeitos nulos tem sido assumida de uma forma ou de outra por muitos linguistas (cf. Chomsky 1981, 1986; Rizzi 1982, 1986; Bennis and Haegeman 1983; Huang 1984; Picallo 1984; Adams 1987; Platzack 1987; Jaeggli and Safir 1989; Contreras 1991; Rohrbacher 1994; Speas 1994; Cardinaletti 1997; Alexiadou and Anagnostopoulou 1998).

Desse modo, assume-se a partir do PSN uma bipartição linguística: a) línguas pro-drop (ou seja, línguas de sujeito nulo) a exemplo do PE, do espanhol e do italiano, que são línguas com morfologia rica e b) línguas não-pro-drop (línguas de sujeito não-nulo) a exemplo do inglês e do francês, que possuem morfologia pobre em virtude de a desinência número-pessoal não ser capaz de recuperar os traços do sujeito nulo.

É interessante salientarmos que estudos têm apontado que o PB é uma língua classificada como semi-pro-drop (TAVARES SILVA, 2004), pois, em virtude do enfraquecimento por que tem passado sua morfologia de flexão verbal, está havendo um aumento substancial do preenchimento da posição de sujeito por sujeitos plenos. Como argumentos para tal afirmação, Tavares Silva (2004, p 234) refuta a hipótese da binaridade do parâmetro:

a hipótese da binaridade do Parâmetro do Sujeito Nulo assumida por Rizzi [1988, 1997], tendo em vista essa língua não possuir algumas das propriedades das línguas de sujeito nulo prototípicas, como o catalão e o italiano, o que a caracteriza como uma língua de sujeito nulo residual (cf. OLIVEIRA, 2000), em outras palavras, uma língua semi-pro-drop.

Assumindo neste trabalho que todo parâmetro é um conjunto de propriedades⁴,

4 Para uma discussão acerca das diversas noções de parâmetro, conferir Lopes (1999) e Kato (2002).

discutiremos no capítulo 2 o PSN e suas propriedades, comparando o PB com outras línguas, tomando por base Rizzi (1989, 1997) e Tavares Silva (2004) a fim de, no capítulo 4, dedicado à análise dos dados, verificarmos como as propriedades se comportam no espanhol peninsular falado por nativos que residem no Brasil há mais de 10 anos. Nossa ideia é avaliarmos possíveis interferências, oriundas do atrito linguístico entre o PB, adquirido como segunda língua, e o espanhol falado por eles hoje, tendo em mente que aquela está passando por uma reorganização de sua gramática em virtude do enfraquecimento de sua morfologia flexional (GALVES, 2002).

Vale referirmos que a motivação maior desta investigação surgiu na graduação em Letras, na Universidade Federal de Pernambuco, em contextos de aula e conversação com professores nativos da Espanha, locados na referida instituição de ensino. Nessas interações, era possível observar que os professores que tinham maior tempo de permanência no Brasil apresentavam interferência do PB em sua língua materna no léxico, na morfologia e, sobretudo, no que se refere ao nível sintático, como por exemplo, o preenchimento excessivo da posição de sujeito.

Para a realização deste estudo, serão analisadas 1508 frases, dados orais extraídos de entrevistas informais realizadas com 10 falantes de diferentes regiões da Espanha, com faixa etária entre 18 e 60 anos e residentes no Brasil há, pelo menos, 10 anos. A seguir, apresentamos alguns dados produzidos por esses falantes em que há, por exemplo, ocorrências de sujeitos nulos e sujeitos plenos:

(10) “*Yo soy una persona de la mádure que ya há vivido en otros lugares. __No sé, que más... __soy una persona de ciertos grados de perspectivas cuanto a teorías ideologicas*”. (Informante 5, 50 anos, Madrid).

(11) “*__ Intento todavía volver a mi país siempre, todos los años*”. (Informante 4, 42 anos, Salamanca).

(12) “*Yo evito las peleas, __evito... __soy una persona tranquila*”. (Informante 1, 45 anos, Burgos).

(13) “*Despues que __volvi, despues del doutorado, __comencé a trabajar en la Universidad*”.

(Informante 7, 37 anos, Barcelona).

(14) “*Yo vivo en Brasil hace mucho años, __llegué en los primeros años de mi vida*”.

(Informante 2, 27 anos, Cataluña).

Levando em consideração que o PB é uma língua semi-pro-drop e tem apresentado um aumento significativo de sujeitos plenos, nossa hipótese norteadora é que essa língua exerça influência sobre a língua espanhola dos nativos em análise, a ponto de estes produzirem sujeitos plenos em contextos que seriam obrigatórios para sujeitos nulos em sua língua materna.

Mediante à crescente importância da língua espanhola no Brasil e diante da escassez em Pernambuco de estudos acadêmicos que comparem essa língua com o PB, principalmente na perspectiva teórica aqui adotada, consideramos pertinente desenvolvermos uma pesquisa pioneira, que contribuisse para a expansão do conhecimento linguístico no campo da morfossintaxe dessa língua.

Em outros Estados do Brasil, é menos difícil encontrarmos trabalhos que abordem a língua espanhola em contraste com a língua portuguesa. Em sua maioria, esses trabalhos estão calcados em outras linhas teóricas, como, por exemplo, a Análise do Discurso (cf. CELADA, 2002; NARDI, 2007), a Linguística Aplicada (cf. CAPILLA, 2007; BELO, 2006; BRITO, 2008) e a Linguística Contrastiva (cf. DURÃO, 1999; FARIAS, 2007; OLIVEIRA, 2009). Geralmente, estão voltados para a questão do ensino de língua estrangeira que, apesar de ter uma grande importância no cenário dos estudos linguísticos, não é a única perspectiva que apresenta necessidade de investigação.

A partir do acima exposto, são objetivos deste trabalho:

- a) observar se falantes nativos do espanhol residentes no Brasil têm preenchido a posição do sujeito por pronomes plenos em contextos que seriam obrigatórios de sujeitos nulos em sua língua materna devido ao constante contato com o PB;
- b) analisar os contextos frásicos de produção de sujeitos nulos e plenos na fala dos nativos de língua espanhola, tomando por base as seguintes variáveis a partir de estudos sobre o PB:

1. *Posição do sujeito*: o sujeito pós-verbal está restrito em PB a contextos inacusativos, não ocorrendo com verbos (in)transitivos) (KATO, 1999; COELHO, 2000; BERLINCK, 2000).

2. *Tipo de oração*: sujeitos nulos em PB ocorrem em contextos de orações encaixadas por estar controlado pelo sujeito da matriz (ex.: João disse que __vem (sujeito nulo = João), o que tem levado pesquisadores a defender que o PB é uma língua orientada para o tópico (KATO, 2000; FERREIRA, 2000).

3. *Duplicação de sujeito*: uma das estratégias muito produtivas em PB para preencher a posição sujeito tem sido a retomada do sujeito por um pronome (ex.: **João, ele** brincou.) (DUARTE, 1995, 2000; BRITTO, 2000).

4. *Morfologia de flexão verbal*: estudos apontam para uma redução de 06 para 04 pessoas no PB, ao contrário do Espanhol, como mostram os paradigmas a seguir:

Português Brasileiro ⁵	Espanhol ⁶
Eu canto	Yo canto
	Tú cantas
Você / ele(a) / a gente / canta	Él / Ella/ Usted canta
Nós cantamos	Nosotros cantamos
	Vosotros cantáis
Vocês / eles(as) / cantam	Ellos / Ellas/ Ustedes cantan

Quadro 1: Paradigmas do PB e do espanhol europeu

c) relacionar os resultados encontrados ao tempo de permanência dos nativos espanhóis no país bem como à faixa etária dos informantes, tomando por base a hipótese de que o tempo de permanência influencia mais os nativos espanhóis que chegaram mais cedo ao Brasil e que os espanhóis mais velhos, que chegaram mais tarde ao Brasil, tendem a ser mais resistentes

5 Paradigma de flexão verbal do PB, extraído de Tavares Silva, (2004)

6 Paradigma de flexão verbal do EE, extraído de Soares e Silva, (2006)

às interferências de um idioma no outro. Embora nosso trabalho não tenha propósitos sociolinguísticos, alguns estudos nesta área confirmam tal hipótese sobre outros fenômenos linguísticos (cf. SCHERRE, 1998; PAIVA, 1998; SOUZA, 2007).

d) discutir, a partir dos dados analisados, o atrito linguístico levando em conta as diferentes etapas sugeridas por Sharwood Smith (1983).

Vale referirmos que, para o desenvolvimento do estudo aqui proposto, esta dissertação é composta por 4 capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Fundamentação Teórica*, apresentaremos os pressupostos desse estudo comparativo e suas contribuições para a tessitura desta dissertação, contrapondo a visão da Gramática Gerativa com a Gramática Normativa, tomando por base estudos já realizados sobre o preenchimento da posição sujeito nas línguas românicas.

No segundo capítulo, *Sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo - Aprofundamento*, trataremos da perspectiva teórica que norteará a análise dos dados cujo enfoque é o PSN, tomando por base a existência de uma Faculdade da Linguagem que é modular e a ideia de que, para adquirir uma dada língua natural, faz-se necessário um dispositivo de Aquisição da Linguagem (a saber: a Gramática Universal (GU)) onde se encontram os Princípios e os Parâmetros. Para tanto, será discutida a aquisição sob essa perspectiva paramétrica. Além disso, será abordada a interface sintaxe-morfologia, as propriedades do PSN no PB e no EE e os contextos de produção de sujeitos nulos e plenos na gramática do falante adulto dessas línguas.

Em continuidade, apresentamos no terceiro capítulo, intitulado *Procedimentos metodológicos*, as etapas necessárias para a execução desta pesquisa, a saber: a população investigada, o tipo de método e de pesquisa, a coleta, seleção e codificação dos dados que compõem o *corpus* a partir das variáveis selecionadas para a análise. Vale ressaltar que a metodologia utilizada foi tomada de empréstimo da Sociolinguística, uma vez que selecionamos variáveis, coletamos dados por meio de gravações, codificamos e quantificamos os dados, embora não tenham sido rodados em nenhum programa de estatística de uso comum nessa área de estudos (Varbrul). Os dados desta pesquisa foram quantificados via *Excel*.

No quarto capítulo, *Análise dos dados*, será feita a análise quantitativa das variáveis

selecionadas, a fim de verificarmos os contextos de produção de sujeitos nulos e plenos nos dados produzidos por falantes do espanhol, levando em conta possíveis interferências do PB aprendido por eles, cuja morfologia de flexão verbal tem se tornado enfraquecida, ocasionado, assim, o aumento de sujeitos plenos. Ao longo da discussão, os resultados obtidos serão comparados com os de outras pesquisas, objetivando estabelecer possíveis semelhanças e/ou diferenças entre eles.

Nas *Considerações finais*, serão apresentados os principais resultados, levando em conta os objetivos enunciados nesta introdução e questões em aberto que servirão como ponto de partida para futuras investigações.

CAPÍTULO 1

Fundamentação Teórica

O fato de eu pensar revela-me a existência de algo que pensa. Que é esse algo? Sou eu. Cogito, ergo sum. Penso, logo, existo. A minha própria dúvida demonstra a minha experiência de duvidador. De outra maneira, nem a própria vida poderia existir. Mas quem sou eu? Quem sou eu? Sou aquilo que duvida, em outras palavras, sou uma coisa pensante.

(Descartes)

1.1 Sintaxe comparativa: breves incursões

A história do comparativismo nos estudos linguísticos data de muitas décadas atrás. A Linguística Comparativa constituiu-se no século XIX a partir dos trabalhos de Franz Bopp (1816; 1833 – 1852). A princípio, o objetivo das comparações era relacionar línguas para estabelecer o grau de parentesco existente entre elas.

Nesse mesmo contexto, surgiram outros nomes de pesquisadores que se debruçavam sobre a língua sob a perspectiva comparativista. Entre eles, podemos citar Max Muller, com estudos comparativos (*Lições Sobre a Ciência da Linguagem*, 1816), Curtius (*Princípios de Etimologia Grega*, 1879) que conciliou a Gramática com a Filologia clássica, e Schleider (*Breviário de Gramática Comparada das Línguas Indo-germânicas*, 1816). Todos esses estudos, contudo, apesar de terem métodos, chegarem a objetivos preestabelecidos cientificamente, não instituíram a Linguística como ciência da linguagem, fato que só ocorreu a partir dos estudos de Saussure, período em que a Linguística, sob influência do positivismo, torna-se uma ciência autônoma, independente de outros estudos (literários,

filosóficos, lógicos, históricos). É com Saussure, portanto, que a Linguística passa a ganhar seu *status* como ciência da linguagem:

De modo geral, desde a fase gramatical iniciada pelos gregos, passando pela filológica, pela gramática comparada e pela neogramática, os estudos tinham um caráter histórico das línguas e não conseguiam delimitar um objeto de estudo. Somente no início do séc. XX, a partir da publicação, em 1916, do Curso de Linguística Geral (CLG) organizado pelos alunos Bally e Sechehaye e baseado nas ideias expostas nas aulas de Ferdinand de Saussure, que a Linguística passou a ser considerada Ciência. (SOARES SALGADO, 2009, p. 93).

Com o passar dos tempos, os objetivos dos estudos comparativistas foram expandindo seus horizontes, modificando-se, a fim de responder às demandas que surgiam. Desse modo, comparar apenas para identificar parentescos linguísticos não era suficiente para dar conta dos questionamentos que emergiam juntamente com as demandas dos diferentes contextos históricos e sociais. Foram assim estabelecidos os alicerces da gramática comparada, que não tardaria a adquirir caráter científico, graças ao trabalho de Rasmus Rask (1814), na Dinamarca, e Jacob Grimm (1819), na Alemanha.

Com a expansão do método comparativista, novos enfoques e novos olhares foram lançados sobre o objeto de estudo da Linguística, de modo que a descrição histórica não era mais o objetivo principal das reflexões, abrindo espaço para o estudo da linguagem em si e seu caráter social. Surgem novas escolas linguísticas, como o Estruturalismo europeu, representado por Ferdinand de Saussure, e o estruturalismo americano, representado por Leonard Bloomfield.

Até esse momento, o contexto linguístico frásico e as estruturas sintáticas não eram exploradas a partir de uma visão inatista de língua, o que só aconteceu mais à frente com a publicação de *Syntactic Structures (Estruturas Sintáticas)* (1957), de Noam Chomsky, dando surgimento a uma nova perspectiva teórica: o Gerativismo. Apesar das inúmeras críticas, a teoria chomskyana tem oferecido diversas contribuições para a Linguística enquanto ciência e, além disso, tem reformulado seus modelos teóricos com o passar dos anos.

É em 1981 que Chomsky propõe o Modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), em que os estudos da sintaxe comparativa tomam fôlego:

Uma linha de investigação bastante profícua nos últimos anos tem sido a da sintaxe comparativa, especialmente para análises que têm correlacionado fenômenos de variação linguística à linguística formal, e a gramática gerativa chomskyana tem fornecido o suporte teórico indispensável para as análises empreendidas (MOURA, 2005, p. 49).

É com base nessa sintaxe comparativa, seguindo P&P, o qual será explorado no próximo capítulo, que estabeleceremos comparação entre a língua portuguesa e a Espanhola, mais especificamente, o PB e o espanhol peninsular, falado por nativos residentes no Brasil, tomando por base a interferência daquela nesta, em relação ao PSN.

Para o entendimento da variação sob a perspectiva de análise aqui adotada, é imprescindível que assumamos a existência da Gramática Universal (GU) composta por princípios (propriedades invariantes das línguas) e por parâmetros, responsáveis pelas variações entre as línguas, cujo valor positivo ou negativo será fixado pela criança em processo de aquisição.

Tem-se assumido a ideia de que todas as línguas naturais tenham a posição de sujeito projetada, garantindo assim a existência na GU do Princípio de Projeção Estendida (em inglês, *Extended Projection Principle* (EPP)). O que as difere é, portanto, o modo como essa posição é preenchida: se por um sujeito pleno, se por um sujeito nulo (CHOMSKY, 1981; RIZZI, 1989, 1997). Na subseção 1.2, trataremos dessa questão ao centrarmos nossa atenção na posição do sujeito.

Em suma, a linha de pesquisa da sintaxe comparativa tem se mostrado bastante produtiva nos últimos anos. Os estudos comparados da sintaxe têm proporcionado grande desenvolvimento do conhecimento acerca das diferenças e semelhanças entre as línguas, sejam de uma mesma família ou não. Pollock (1998) afirma que o objetivo dos estudos no âmbito da sintaxe comparativa é correlacionar as variações sintáticas evidenciadas entre diferentes línguas ou entre diferentes estágios de uma mesma língua.

A sintaxe comparativa diferencia-se, por exemplo, da perspectiva comparativa dos neogramáticos que comparavam a língua a fim de buscar sua familiaridade a partir de um viés histórico. O objeto de estudo deixa de ser, primordialmente, histórico, abrindo espaço para investigações psicológicas (cognitivas) e interagindo, assim, com outras áreas de estudo, como a psicolinguística e a própria psicologia. Acerca dessa diferenciação, Moura (2005, p. 53) corrobora que:

[a] nova sintaxe comparativa difere da tradição comparativa clássica no que se refere ao seu objetivo fundamental que não é histórico, mas psicológico: o objetivo fundamental do programa não dá conta do desenvolvimento das línguas, (mesmo que existam consequências significativas para a Linguística Histórica), mas dá conta do objeto cognitivo, o conhecimento da língua que os falantes partilham e a aquisição desse conhecimento.

Refletindo acerca de aspectos concernentes à linha da sintaxe comparativa, Rizzi (1989) afirma que a questão da aquisição e do inatismo, perspectiva segundo a qual existe um eixo biológico comum a todos no estágio inicial da aquisição de línguas, é um dos problemas empíricos fundamentais do programa, bem como a necessidade de se reconhecer o papel da experiência e das propriedades intrínsecas no processo linguístico. Moura (2005) afirma ainda que, para podermos identificar o que diferencia e o que aproxima as diferentes línguas, no que concerne à sintaxe, é necessário um estudo comparativo que possibilite aos pesquisadores reconhecer o papel das experiências e das propriedades intrínsecas no desenvolvimento do saber linguístico do falante adulto.

Ainda sobre a sintaxe comparativa, Kayne (1996-2000) a considera como uma nova faceta da teoria sintática por ser de grande importância para uma melhor compreensão da fixação de parâmetros em línguas e dialetos estudados sob esta perspectiva. O autor advoga que o viés comparativista colabora para a compreensão das propriedades da língua que não são universais e que tal investigação deve ocorrer junto ao estudo de suas propriedades universais, tendo em vista que as propriedades universais (princípios) interagem com os parâmetros.

Até o início da década de 80, não havia uma preocupação com os estudos paramétricos. A preocupação principal dos estudos gerativistas era estabelecer regras de reescrita (Teoria padrão (Chomsky 1956, 1965), havendo, nesse momento, um forte poder descritivo; no segundo momento, estava centrada na questão das propriedades invariáveis da língua (princípios) (Teoria Standard Alargada (Chomsky, 1970, 1973). Contudo, era urgente que se lançasse um olhar sobre a questão dos aspectos sintáticos que variavam entre as línguas. Somente a partir da P&P, de Chomsky (1981, 1982, 1986), as propriedades linguísticas variáveis passaram a ser objeto de estudo. Sobre esse ponto, Kato (2002 apud MOURA, 2005, p. 54) afirma que

na Linguística Gerativa a preocupação com a diversidade sintática só é manifestada explicitamente no modelo de Princípios e Parâmetros a partir da década de oitenta (Chomsky, 1981, 1982, 1986). Até então, a preocupação primordial era determinar os princípios invariantes que governam as línguas e não o que permitia sua diversidade. Com a introdução da noção de parâmetros, há uma explosão de trabalhos empíricos em Linguística Comparativa, Histórica e Psicolinguística.

A seguir, elencamos alguns aspectos sintáticos estudados pela Linguística Gerativa ao longo dos últimos anos no Brasil, listados por Kato & Ramos (1999):

a) Sobre o Sujeito Nulo:

O trabalho de Duarte (1997) compara o fenômeno do sujeito nulo no PB e no PE e o de Oliveira (1997) o compara com o italiano. Ambos os trabalhos mostram que o PB privilegia o preenchimento. (p. 119)

b) Sobre as margens sentenciais: as chamadas posições A':

Esse tópico também tem merecido uma certa atenção na sintaxe comparativa do PB. Desde o trabalho clássico de Pontes (1987), o PB tem sido comparado às línguas orientais, como uma língua de proeminência de tópico. Isto quer dizer, em termos da TPP, que há um uso irrestrito de deslocamento à esquerda, propriedade essa correlacionada com a possibilidade de objeto nulo referencial. Kato (1989), comparando o PB com o japonês, analisa o sujeito posposto e interno a VP como correlato ao sujeito com -ga em japonês e o sujeito externo a VP como correlato ao sujeito com -wa, correspondendo essas distinções à oposição juízo categórico vs. tético de Kuroda (1976). No estudo de Kato & Raposo (1996), os autores comparam construções de foco, de tópico e interrogativas do PE e do PB. Retomando a visão de Kuroda, temos o trabalho de Britto (1996), que propõe SP como o lugar do deslocado e analisa as estruturas com deslocamento, no PB, como a representação do juízo categórico. (p. 117).

c) Sobre a inversão verbo/sujeito:

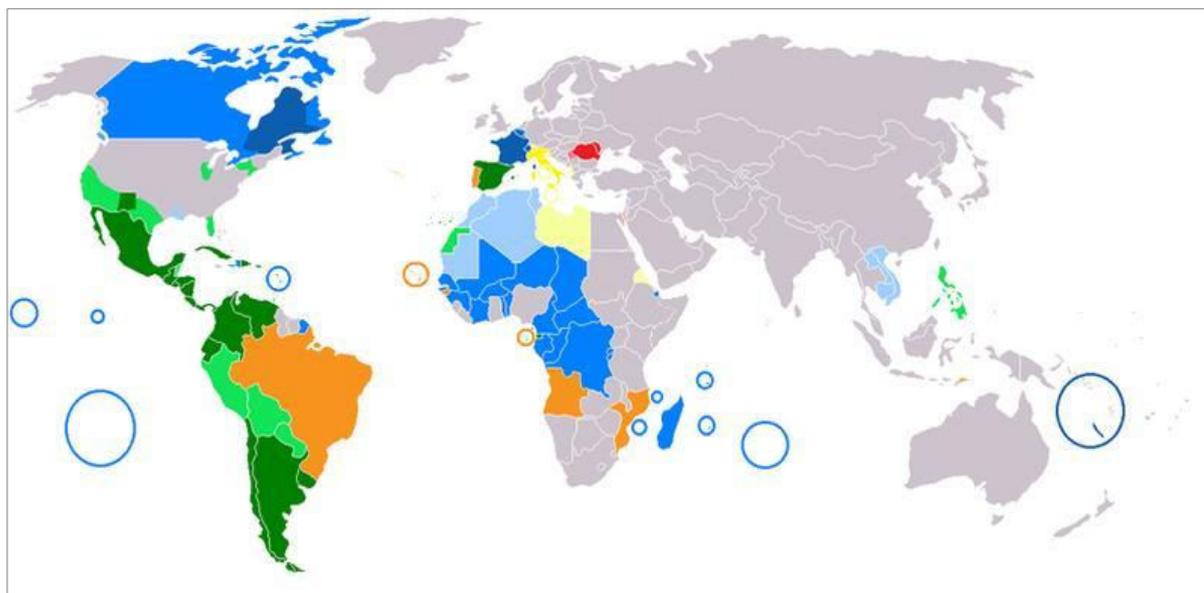
Desde o trabalho clássico de Nascimento (1984), o problema da inversão VS bo PB apresentou desafios. A restrição de mono-argumentalidade é demonstrada por Kato (1993) como não sendo exclusiva da inversão livre, mas também abrangendo construções do tipo V2 (...). A inversão VS merece atenção ainda, no contexto de reduzidas de gerúndio, no estudo de Britto (1994), em que não há concordância. (p. 113).

Desse modo, percebemos quão produtivas são as análises desenvolvidas sob a perspectiva da sintaxe comparativa, por não só contribuírem para a compreensão de fenômenos linguísticos de diversas naturezas, como também fornecerem uma compreensão da fixação de parâmetros. Esses, entre tantos outros trabalhos, que não caberiam nesta dissertação por falta de espaço, atestam a importância da sintaxe comparativa no âmbito dos estudos linguísticos da atualidade.

1.2 Perspectivas de análise para o tratamento da posição sujeito

1.2.1 O preenchimento da posição sujeito em línguas românicas na gramática adulta: sob o viés da gramática gerativista

Chamamos línguas românicas todas as línguas oriundas do latim, mais especificamente, do latim vulgar. Trata-se da união entre a língua latina e as línguas trazidas pelos chamados “invasores bárbaros” no século IV. Entre o latim e as chamadas línguas românicas, ou neolatinas, surgiram várias línguas chamadas romances. São exemplos de línguas românicas o Castelhana (ou Espanhol), o Português, o Francês, o Italiano e o Romeno (observe o mapa abaixo). Interessa-nos nesta pesquisa, especificamente, o Espanhol e o Português falado no Brasil, embora dados em outras línguas possam ser apresentados para facilitar a compreensão da reflexão aqui proposta.



Legenda⁷: ■ castelhano ■ português ■ francês ■ italiano ■ romeno

Imagem 1: Mapa das línguas românicas

Toda língua natural apresenta Princípios e Parâmetros. Como exemplo de Princípio, podemos citar o fato de que todas projetam a posição de sujeito. Esse princípio, na gramática gerativa, denomina-se Princípio de Projeção Estendida (EPP, do inglês *Extended Projection Principle*).

Como parâmetro a esse princípio, tem-se o fato de as línguas preencherem ou não a posição sujeito por pronomes realizados foneticamente (plenos). Desse modo, os Princípios aproximam as línguas, ao passo que os parâmetros, a depender de sua marcação positiva ou negativa, podem diferenciá-las.

A posição obrigatória de sujeito é, portanto, sob a perspectiva da gramática gerativa, um princípio linguístico presente em todas as línguas. Ao contrário do que é defendido pelas gramáticas normativas (a existência de orações sem sujeito, quando constituídas por verbos meteorológicos ou impessoais), a gramática gerativa considera a existência do sujeito como certa, independente do tipo de verbo. A partir de um estudo comparativo entre línguas,

⁷ O mapa utilizado faz parte do domínio público e pode ser encontrado no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Map-Romance_Language_World.png

observarmos a existência de sujeito nesses contextos. Por exemplo, em uma oração construída com o verbo “chover, verificamos que, na posição sujeito, há um sujeito sintático realizado foneticamente (ou seja, um expletivo pleno) em línguas como o inglês (1a) e o francês (1b), ou um nulo expletivo (*pro_{expl}*) em línguas como o espanhol (2a) e o PB (2b):

(1)

a. **It** rained yesterday.

b. **Il**a plu hier

(2)

a. ___ llovió ayer.

b. ___ choveu ontem.

Acerca do sujeito e seu comportamento nas línguas românicas, podemos afirmar que, em relação ao PNS, as línguas românicas apresentam comportamentos diferenciados. À guisa de exemplo, o espanhol é considerado uma língua de sujeito nulo prototípica [+ pro-drop], enquanto o PB vem perdendo a marcação positiva, passando a ser considerada uma língua semi-pro-drop:

Chomsky (1981) e Rizzi (1988: 15) deixam claro que, nas línguas românicas de sujeito nulo, seu apagamento é uma obrigação, não uma opção. Segundo Duarte (1995: 29), “a *opção* parece ficar por conta do uso do pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida”. É o que ocorre no espanhol e no italiano e, exceto pelas orações relativas, no português europeu (SOARES E SILVA, 2006, p. 21).

No PB, o sujeito nulo demanda obrigatoriedade em alguns contextos, como em contextos de orações encaixadas com sujeitos correferentes e em orações imperativas, por exemplo. Contudo, algumas mudanças vêm favorecendo o preenchimento da posição sujeito, afastando o PB do PE no que diz respeito ao PSN, principalmente pelo enfraquecimento da morfologia de flexão verbal “[n]o PB há uma frequência substancial do preenchimento da posição pré-verbal do sujeito com pronomes plenos, ao contrário do PE. ” (TAVARES

SILVA, 2004, p. 288).

Vale referirmos que uma proposta de explicação para o preenchimento ou não da posição de sujeito nas línguas românicas advém das reflexões de Taraldsen (1978) que afirma que as línguas que possuem flexão verbal rica apresentam sujeito nulo, ao contrário das línguas que apresentam flexão verbal pobre, cujos sujeitos precisam, obrigatoriamente, ser realizados foneticamente.

Se compararmos uma língua considerada de flexão verbal pobre como o inglês a línguas de flexão verbal rica como o espanhol e o PE, podemos observar que, nestas, as desinências verbais de flexão podem identificar e recuperar o sujeito nulo. Observemos, a seguir, a conjugação do verbo cantar em inglês (*to sing*), espanhol e em PE no presente do indicativo:

INGLÊS	ESPAÑHOL	PE
I sing	(yo) canto	(eu) canto
You sing	(tu) cantas	(tu) cantas
He sings	(el) canta	ele canta
We sing	(nosotros) cantamos	(nós) cantamos
You sing	(vosotros) cantáis	(vós) cantais
They sing	(ellos) cantan	(eles) cantam

Quadro 2: Conjugação do verbo cantar em inglês, espanhol e português europeu

Não obstante, essa interface entre a Morfologia e a Sintaxe é refutada por alguns teóricos que utilizam como argumento línguas que não possuem um paradigma flexional rico e licenciam sujeitos nulos como é o caso do chinês (cf. HUANG (1984); MODESTO (2004)). Segundo Soares e Silva (2006, p. 21):

A partir do trabalho de Huang (1984), que encontrou sujeitos nulos em línguas como o chinês, que apresenta uma flexão pobre (o paradigma verbal nessa língua não possui marcas de modo, tempo, número e pessoa), novas hipóteses sobre o licenciamento do sujeito nulo tiveram que ser levantadas. De acordo com Jaeggli & Safir (1989), não é um paradigma rico ou forte o que licencia o apagamento do

sujeito, mas um paradigma uniforme, constituído apenas de formas “derivadas” (com desinências) ou “não derivadas” (só com o radical). Um paradigma contendo, simultaneamente, formas derivadas e não derivadas, segundo os autores, não licencia o sujeito nulo.

A argumentação de Huang, já discutida por diversos linguistas (cf. MODESTO, (2004); SOARES E SILVA, (2006)) defende, a partir de dados da língua chinesa, que a presença de argumentos nulos no chinês está diretamente atrelada a outro parâmetro, que diferencia línguas orientadas para a sentença e línguas orientadas para o discurso, argumento ponderado em princípio por Tsao (1977). Sobre o assunto, Tavares Silva (2004, p. 286), citando Huang (1989, p. 187), ao analisar uma frase como *Zhangsan shuo [e hen xihuam Lisi]*. (“Zhangsan disse que (ele) gostou de Lizi”),

verifica que o sujeito nulo da oração subordinada representado por *e* pode referir-se ou ao sujeito da oração matriz *Zhangsan*, isto é, pode ser controlado por este último sujeito que está numa posição mais alta na estrutura frásica, ou pode referir-se a alguma outra pessoa cuja referência já é dada no domínio do discurso que seria correspondente a um tópico do discurso.

Acredita-se, portanto, que o chinês é uma língua orientada para o discurso. No concernente ao PB, muitos estudos têm defendido a mesma visão no sentido de que é uma língua orientada para o tópico (cf. KATO e DUARTE, 2005; DUARTE, 1993; FIGUEIREDO SILVA, 1996; COSTA, 2011).

A observação de algumas destas diferenças *entre o PB e o PE* leva alguns autores a propor que o PB se tenha distanciado do PE por se ter tornado uma língua de proeminência de tópico, no sentido de Li e Thompson (1976), adquirindo um estatuto de língua orientada para o discurso. (DUARTE; KATO, 2008). (FIGUEIREDO SILVA, 1996).

Como características de línguas orientadas para o discurso, podemos elencar, apoiados em Costa (2011, p. 129), os seguintes aspectos retirados do mesmo autor:

1. Ocorrência irrestrita de sujeitos duplos
2. Sujeitos lexicais locativos e dêiticos (DUARTE, 2004)
3. Construções existenciais personalizadas com a inserção de pronomes
4. Hiperelevação do sujeito com “parecer” (FERREIRA, 2000 *et al*)
5. Ergatização de verbos transitivos
6. Elevação de genitivos em construções inacusativas

Vejam agora a conjugação do verbo *chanter* (“cantar”) em francês no presente do indicativo, uma língua românica que, devido a mudanças históricas, não mais licencia sujeitos nulos⁸, fixando, portanto, o valor negativo do PSN:

Je chante une chanson	*chante une chanson
Tu chantes une chanson	*chantes une chanson
Il chante une chanson	*chante une chanson
Nous chantons une chanson	*chantons une chanso
Vous chantez une chanson	*chantez une chanson
Ils chantent une chanson	*chantent une chanson

Quadro 3: Conjugação do verbo *chanter* (“cantar”) em francês

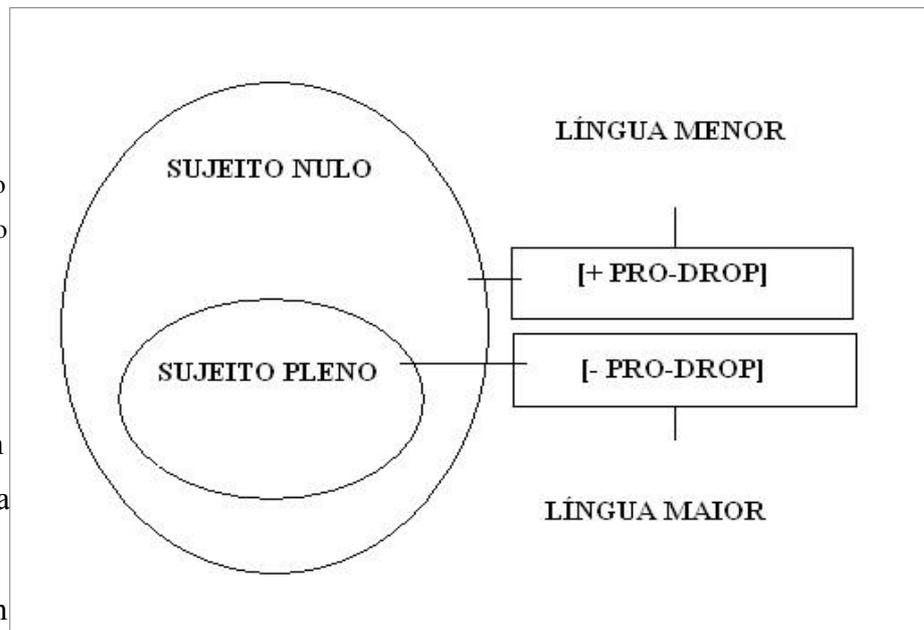
Raposo (1992), citando os trabalhos de Berwick (1982) e Wexler e Manzini (1987), observa que o valor negativo de um parâmetro é um subconjunto do positivo, o que culmina no chamado Princípio do Subconjunto. Para clarificarmos essa ideia, veja-se a seguinte

⁸ Todas as formas rizotônicas do francês, em que pesem as diferenças morfológicas são pronunciadas da mesma forma (/chât/), de modo que apenas as arrizotônicas *chantons* e *chantez* se distinguem claramente; daí a necessidade do uso dos pronomes pessoais na conjugação francesa, diferentemente das outras línguas (BASSETTO, 1999, p. 61-67)

figura⁹:

Imagem 2:
Princípio do
Subconjunto

Se
adotássem
os a Teoria
do
Subconjun



to, classificariamos o PB como uma língua [+pro-drop] por licenciar, em algumas situações, sujeitos nulos. Essa perspectiva, contudo, é cada vez menos aceita, pois diversas pesquisas têm atestado que o PB vem apresentando proporções cada vez maiores de sujeitos plenos, como bem afirma Soares e Silva (2006, p. 29):

De acordo com a teoria do Subconjunto, o português seria considerado uma língua de sujeito nulo [+ *pro-drop*], por admitir o apagamento, o que é compatível com o que as gramáticas tradicionais pregam. Porém, inúmeros trabalhos mostram que as taxas de preenchimento do sujeito no português brasileiro são cada vez maiores [...] Estamos, então, diante de uma provável mudança na marcação do parâmetro: quando (e se) todos os sujeitos forem preenchidos no PB (respeitadas as condições pragmaticamente marcadas), teremos uma língua [- *pro-drop*], como o francês e o inglês.

Analisando o preenchimento da posição sujeito e sua relação com a morfologia de flexão verbal nas línguas românicas sob a perspectiva da gramática gerativa, cabe-nos agora uma análise dessa temática a partir do viés da gramática normativa.

1.3 Pressupostos básicos

O pressuposto teórico básico que norteia esta dissertação, conforme já enunciado, é o

9 Imagem retirada de Soares e Silva (2006, p. 29).

modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) (CHOMSKY, 1981, 1986 e seguintes). Esse modelo é uma teoria que busca explicar as semelhanças entre as línguas, em termos de princípios gerais, e suas diferenças, determinada por parâmetros variáveis entre as línguas, os quais já estão previstos no que chamamos de Gramática Universal (GU).

A GU é um sistema de princípios inatos comum a todas as pessoas capazes de adquirir uma língua. Esse sistema é exclusivamente relacionado à Faculdade da Linguagem (FL) definido como um componente da mente-cérebro biologicamente determinado e “particular da mente humana.”. Segundo Chomsky (1986, p. 22-23),

A natureza desta faculdade é o tema básico de uma teoria geral acerca da estrutura da linguagem, que tem como objectivo a descoberta do conjunto de princípios e de elementos comuns às línguas humanas possíveis; atualmente esta teoria é muitas vezes chamada ‘gramática universal’ (GU). [...] Pode-se encarar esta faculdade como um ‘mecanismo de aquisição da linguagem’, uma componente inata da mente humana que origina uma língua particular pela interacção com a experiência vivida, ou ainda como um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento atingido: conhecimento de uma ou de outra língua.

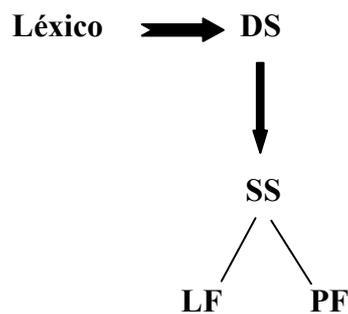
Ainda sobre a GU, Raposo (1992, p. 47) afirma que

A Gramática Universal tem de ser suficientemente flexível para acomodar a variação entre as diferentes línguas, mas tem ao mesmo tempo de possuir a rigidez necessária para explicar as propriedades específicas que caracterizam o conhecimento final dos falantes [...]

Os pesquisadores que trabalham sob a perspectiva da P&P buscam determinar quais são os princípios e parâmetros linguísticos, bem como compreender como se dá a fixação do valor positivo ou negativo desses parâmetros nas diferentes línguas. Acerca desse modelo, Tavares Silva (2004) observa que se trata de uma reinterpretação da teoria *Standard* Alargada por apresentar, ainda, alguns pressupostos teóricos desse modelo, a saber, a organização da gramática em módulos, ou componentes autônomos.

Consentindo a organização da GU em módulos ou componentes, as representações sintáticas necessárias para a formação de sentenças são: a estrutura-D (DS), a estrutura-S

(SS), a forma fonética (PF) e a forma lógica (FL). Na DS apresentam-se de forma clara as relações de subcategorização e as funções lógico-gramaticais que se determinam entre o léxico e a sintaxe; a SS é a representação concreta da estrutura frásica em relação à sua hierarquização; a PF é o nível de interface relacionado ao sistema articulatorio-perceptual; e, por fim, a LF é o nível de interface referente ao sistema conceitual-intencional. Observemos o esquema a seguir:



Formadas as sentenças das línguas, podemos observar os seus princípios e os seus parâmetros. Os princípios, como já foi referido, são fixos, não variam entre as línguas. Raposo (1992, p. 54) apresenta como exemplos de princípios linguísticos

o princípio de Projeção, o princípio de que as orações das línguas humanas possuem necessariamente um NP sujeito e um VP predicado e o princípio que determina que as regras de movimento apenas podem mover constituintes sintáticos (o chamado Princípio de Dependência Estrutural).”

Para evidenciarmos esses princípios, observemos as seguintes frases:

A. *Princípio de Projeção alargado:*

(1)

a. (Nós) brincamos.

a'. We played.

b. *pro*_{expl} Chove

b'. **It** rains.

B Princípio da Dependência Estrutural:

(2)

a. *A boneca a criança brincou com.

b. *The doll the child played with.

Em (1a) percebemos que, no PB, por exemplo, a posição sujeito pode ser preenchida por um sujeito referencial nulo ou pleno, ao contrário do inglês que obriga que essa posição seja preenchida por um sujeito realizado foneticamente (1a'). Em (1b) verificamos um sujeito expletivo nulo ocupando a posição de sujeito em PB; já no inglês essa posição é ocupada pelo expletivo **It** (cf. (1b')). Dessa forma, é indiscutível que todas as línguas projetam a posição sujeito, o que varia é como essa posição é preenchida.

As frases em (2a) e (2b) do PB e do inglês, respectivamente, são agramaticais porque não houve movimento de todo o constituinte sintático (nesse caso, o sintagma preposicionado “com a boneca”), mas apenas parte desse constituinte, o complemento da preposição, a saber: “a boneca”. Para tornarmos essas frases gramaticais, será necessário o movimento de todo sintagma preposicionado, conforme apresentado a seguir:

(3)

a. Com a boneca, a criança brincou.

b. With the doll, the child played.

No que se refere ao parâmetro, cuja marcação positiva ou negativa deve ser feita no processo de aquisição da linguagem a partir do *input* (dados linguísticos primários) a que a criança é exposta, encontramos aquele relacionado à ordem do núcleo em relação a seus complementos, o chamado *Parâmetro de Ordenação do Núcleo*. A partir desse parâmetro, é possível distinguirmos línguas com núcleo inicial, como o português brasileiro, em que o

verbo, por exemplo, precede seus complementos (cf. (4)) e línguas com núcleo final, como o japonês, em que os complementos precedem o verbo (cf. (5)):

(4) As crianças comeram o bolo.

S **V** **O**

(5) Taroo-ga [Hanako-ni tegami--o kaita].

S **OI** **OD** **V**

Taroo *Nom.* [Hanako *Dat.* carta *Ac.* Escreveu]

“Taroo escreveu uma carta à Hanako”.

(KUNO, 1978, apud RAPOSO, 1992, p. 186)

Outro parâmetro, que já foi mencionado no capítulo anterior, diz respeito ao *Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)*: há línguas que fixam o valor positivo desse parâmetro, não havendo assim obrigatoriedade da realização fonética do sujeito (*línguas pro-drop ou línguas de sujeito nulo*), como o espanhol (6), e línguas em que é obrigatória essa realização por ser o valor fixado negativamente (*línguas não-pro-drop ou línguas de sujeito não-nulo*) como é o caso do inglês (7):

(6) ___ He comido tortillas con mi novia.

(7)

a. I ate pies with my girlfriend.

b. * ___ ate pies with my girlfriend.

É sobre o PSN que nos debruçaremos na seção 2.2, discutindo sua binaridade, a natureza da morfologia de flexão verbal e sua implicação para o licenciamento de sujeitos nulos, os contextos obrigatórios de sujeitos nulos e plenos no PB e no espanhol, tomando por base, por exemplo, a leitura referencial dos sujeitos e os resultados a que chegaram estudos sobre esse parâmetro na gramática do falante adulto dessas línguas.

1.4 Atrito e Interferência

O processo de Atrito ou erosão linguística, está associado à reconfiguração da competência linguística em situações de contato. Segundo CAVALCANTI (2005 e 2006, p. 248-9) “não há na realidade perdas ou assimilações, mas um constante processo de mudanças linguísticas”. Quando falamos em atrito de L1 em L2, muitas questões se levantam. Na verdade, a ideia de que uma língua estrangeira possa provocar mudanças em uma língua materna, já há muito adquirida, não agrada a maioria dos pesquisadores em língua, corroborando alguns questionamentos: é possível reconfigurar a competência linguística? É possível perder a proficiência em língua materna? É possível esquecer a L1? Para HAMERS e BLANC (2005, p. 76-7) apud CAPILLA, (2007, p. 12)

o atrito é um processo de regressão linguística que forma um continuum, que vai desde leves problemas de acesso até a perda total de uma língua. Na sua opinião, este último caso só é possível no caso de crianças imigrantes de pouca idade ou em situações pós-mórbidas.

Nossa posição quanto a esse aspecto é que, na verdade, o que ocorre em situações de contato linguístico é a ampliação dos parâmetros. Consideramos o processo de reconfiguração pouco econômico e pouco provável. Desse modo, embora lancemos mão da noção de atrito, não corroboramos a ideia de reconfiguração, mas sim de ampliação.

Os mesmos autores classificam o atrito como ambiental, o qual ocorre devido ao uso restrito de L1, em um contexto de imersão linguística em L2, que leva à perda parcial de aspectos da L1. Essas perdas podem ser supridas com elementos da L2. Na verdade, a ideia de perda nos parece bastante extremista e não concordamos com tal afirmação. Sobre esse aspecto, CAPILLA (2007, p. 13) afirma:

em muitos casos a palavra “perda” não chega a refletir o processo de mudança que o atrito produz na L1. Esse processo se manifesta na forma de desvios da norma, decalques léxicos e semânticos da L2, mudanças morfossintáticas, manifestações nas quais SELIGER (1989, p. 175; 1991, p. 238), entre outros, considera que existe

uma parte de criatividade importante que permite o desenvolvimento de novas regras.

A classificação do atrito mais difundida é a atribuída a VAN ELS (citado por KÖPKE; SCHMID, 2004, p. 8). Segundo esse autor, o Atrito apresenta quatro subdivisões: reversão linguística, perda de dialeto, atrito da L1 e atrito da L2. Essa classificação pode ser observada no quadro abaixo:

Língua afetada	Ambiente linguístico	
	L1	L2
L1	Perda de dialeto	Atrito da L1
L2	Atrito da L2	Reversão linguística (nos idosos)

Quadro 4: A classificação do atrito de van Els extraído de KÖPKE; SCHMID (2004, p. 9)

Nossa pesquisa está focada na investigação do atrito de L1 em um ambiente de L2. Buscamos identificar as interferências que, na nossa investigação, nada mais é do que uma consequência do atrito, do contato linguístico, que tem como consequência a ampliação paramétrica.

1.5 Breves incursões no campo da aquisição da linguagem: a perspectiva paramétrica

Dentre as capacidades que nos diferenciam das outras espécies está a competência

linguística, que nos permite não só criar frases, mas também julgá-las gramaticais ou não, independentemente de instrução. Não é de se estranhar, portanto, que, desde épocas muito remotas, estejamos em busca de respostas para elucidarmos fenômenos linguísticos que nos acompanham durante o desenvolvimento desta capacidade complexa que nos torna tão singulares entre as espécies. O homem possui a capacidade de adquirir línguas, e é sobre o processo de aquisição da linguagem que centraremos nossas atenções a partir de agora, uma vez que estamos analisando dados produzidos por falantes nativos do espanhol peninsular que adquiriram o português brasileiro como segunda língua.

Segundo a perspectiva inatista que adotamos nesta dissertação, a aquisição da linguagem ocorre ainda nos primeiros anos de vida do falante em virtude da existência de um “órgão mental” responsável pela linguagem, a saber: a Faculdade da Linguagem. Nesse sentido, o ser humano já nasce com um dispositivo genético para adquirir uma língua presente nessa faculdade, a que denominamos Gramática Universal.

A partir das reflexões chomskianas, surgiu o conceito desse dispositivo de aquisição da linguagem (DAL), que se ativa por meio do *input* (ou seja, os dados linguísticos iniciais). Ao ser exposta ao *input*, a criança seleciona o valor do parâmetro de sua língua e, assim, por volta dos cinco anos de idade, já tem adquirida a gramática nuclear dessa língua, sendo infrutífera a estratégia de correção durante o período de aquisição. Observe-se, por exemplo, o diálogo, a seguir, entre a mãe e a criança extraído de McNeill (1966, p. 69) apud GUSTI, 2002, p. 3). Nesse diálogo, fica evidenciado que a criança é insensível à correção:

Child: Nobody don't like me.

Mother: No, say 'nobody likes me.'

Child: Nobody don't like me.

(eight repetitions of this dialogue)

Mother: No, now listen carefully; say 'nobody likes me.'

Child: Oh! Nobody don't likes me”

Vale ressaltarmos que essa aquisição não se respalda em contexto de estímulo-resposta, como defendem os adeptos do behaviorismo, pois a criança é capaz de produzir

sentenças gramaticais nunca antes ouvidas por seus pais, o que culmina em um dos aspectos cruciais da linguagem: a criatividade. O *input* ao qual a criança é submetida é considerado “deteriorado”, “imperfeito” no período de aquisição (argumento da pobreza de estímulo). Esse argumento baseia-se na ideia de que os dados aos quais a criança é submetida são muito inferiores à competência que desenvolve antes de qualquer processo de aprendizagem. “[i]sso explicaria como uma criança exposta a tão poucos dados no seu ambiente, conseguira desenvolver um sistema tão complexo em tão pouco tempo”. (QUADROS, 2008, p. 50).

Para os inatistas, a linguagem não seria algo que uma criança aprende por imitação, mas sim algo que lhe é inerente, inato, biológico (o ser humano nasce programado para adquirir uma língua natural, salvo problemas de ordem fisiológica). Desse modo, a aquisição não ocorre fundamentalmente por meio de interferências outras, externas. Portanto, na perspectiva inatista, o *input* deixa de ser um fator determinante da aquisição da linguagem, passando a ser secundário, complementar a um mecanismo predeterminado por fatores biológicos (mas não hereditários).

Algumas perspectivas teóricas se opõem à perspectiva inatista e consideram que o *input* é o elemento fundamental na aquisição da linguagem, como, por exemplo, o conexionismo que “se insere no grupo das abordagens que procuram explicar a Aquisição de Segunda Língua (ASL) pelo viés da cognição, ou seja, em termos de representações mentais e processamento de informação e que rejeita a modularidade da linguagem e o inatismo” (ELLIS, 1999, p. 28). Segundo Rocca (2003, p. 53),

os conexionistas atribuem maior importância ao papel do *input* do que ao conhecimento inato, argumentando que, o que é inato é simplesmente a habilidade de aprender e não uma estrutura linguística específica. Eles também argumentam que tudo o que a criança precisa saber está disponível na língua à qual está exposta. Assim, enquanto os inatistas consideram o *input* como o gatilho que ativa o conhecimento inato, os conexionistas o veem como a principal origem do conhecimento linguístico.

O conceito de GU foi se modificando, no tocante à variação entre as línguas naturais e à fixação do valor paramétrico efetuado pela criança quando exposta ao *input*, tornando-se mais flexível e adequando-se às demandas produzidas pelos estudos linguísticos, conforme observa Kupske (2011, p. 177):

Para dar conta dessa variação e da própria aquisição da linguagem, Chomsky (1981), lança a Teoria de Princípios e Parâmetros, onde a concepção de GU muda, tornando-se mais maleável. Segundo essa nova abordagem, a GU é formada por princípios (leis invariantes) que se aplicam da mesma forma em todas as línguas, e parâmetros (leis com valores variantes) que se aplicam ou não nas línguas do mundo, dando origem tanto à diferença entre línguas como à variação numa mesma língua.

Vale pontuarmos que neste trabalho, ao centrarmos nossa atenção no PSN, tomando por base dados produzidos por espanhóis que adquiriram o PB como L2, temos de levar em conta o processo de aquisição dessa L2 e a sua relação com a língua materna desses falantes. Não podemos esquecer de que estamos falando de pessoas adultas, que já passaram pelo processo de aquisição inicial de língua materna e que, agora, encontram-se em um processo diferente, o de atrito linguístico, por estarem imersas em um contexto linguístico diferente, em que a L2 é predominante em relação a L1, sendo submetidas a *inputs* de uma língua diferente de sua língua materna e por terem pouco contato com a L1 em relação à L2.

Poderíamos, portanto, afirmar que os nossos informantes se encontram em um contexto de bilinguismo. Tal afirmação é complexa, uma vez que a noção de bilíngue é controversa. Na visão estruturalista, esta noção está focalizada na competência do “bilíngue perfeito” de Bloomfield (1935). Tal visão nos parece bastante extremista, uma vez que um falante que domine todos os aspectos de duas línguas é demasiadamente raro; Macnamara (1967) encontra-se no outro extremo, este acredita que o bilíngue é aquele que possui uma competência mínima em pelo menos uma habilidade linguística (compreensão auditiva e escrita, e expressão oral e escrita). Da mesma maneira que a visão de Bloomfield restringe bruscamente a noção de bilinguismo, a de Macnamara expande demasiadamente, ao ponto de abarcar uma quantidade muito grande de falantes como bilíngues. Em contrapartida, Hamers e Blanc (2000, p. 23) definem bilinguismo como “o estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como meio de comunicação social”.

Desse modo, é importante diferenciarmos aquisição e aprendizagem em contextos bilíngues, sem esquecermos que os falantes deste estudo não passaram, necessariamente, por processo de aprendizagem formal e que não são bilíngues perfeitos, mas falantes que se

encontram imersos em contexto de L2, língua que faz parte da realidade social em que se encontram, e que essa realidade nada mais é que um contexto de aquisição linguística, sem que haja necessariamente eventos de aprendizagem formal. Rocca (2003, p. 47) considera que

[a] aquisição ocorre conforme os falantes *não nativos* são expostos a exemplos de uma L2 *segunda língua* e passam a compreendê-los. Isso acontece de uma maneira muito semelhante a como a criança adquire a primeira língua, ou seja, sem atenção consciente à sua forma. Por outro lado, a aprendizagem ocorre por um processo consciente de estudo e atenção à forma e à regra do sistema linguístico [*grifos nossos*].

De acordo com a autora, a aquisição de uma segunda língua por um adulto ocorre da mesma maneira que a aquisição da língua materna por uma criança, comprometendo assim a ideia de período crítico da aquisição defendida por muitos inatistas: “[s]e aprendizes adultos adquirem uma língua estrangeira da mesma maneira que a criança adquire a língua materna, deve-se admitir que a GU funciona depois do período crítico de aquisição de línguas (KRASHEN, 1982 apud ROCCA, 2003, p. 48) (cf. também WHITE 1985a, 1985b; FLYNN, 1987; EPSTEIN, 1996).

A ideia de que pessoas mais jovens têm melhores condições para adquirir uma segunda língua é resultado da teoria de “período crítico”, proposta por Lenneberg (1967); Halle (1962); King (1969); Wilkins (1972), entre outros, os quais argumentam que a aquisição da segunda língua por adultos é inferior, do ponto de vista qualitativo, quando comparada com a aquisição de língua materna. Esse ponto de vista se embasa no pressuposto de que o indivíduo é programado biologicamente para adquirir a língua antes da puberdade. Assim, o adulto não pode recorrer a capacidades inatas de aquisição.

Em contrapartida, autores como Cooper (1970); Krashen (1982) e Corder (1967), entre outros, defendem que a aquisição linguística, seja ela materna ou não, dá-se de maneira semelhante e envolve processos parecidos. Tal afirmação baseia-se na observação dos equívocos cometidos por adultos e crianças em processo de aquisição de L2 e língua materna, respectivamente. Uma dessas estratégias seria a regularização de verbos irregulares feita tanto por falantes adultos quanto por crianças em fase de aquisição. Veja-se, por exemplo, a regularização do verbo irregular *trazer* em inglês (*to bring*) e em português:

(8) “I no bringed the book”. (adulto)

(9) “Eu não trazi o livro”. (criança)

(CORDER, 1967, p. 25).

Com base na afirmação dos autores supracitados, assume-se o pressuposto de que mecanismos que agem no processo de aquisição de língua materna não estão inativos no período de aquisição de uma língua estrangeira (compreendendo aquisição como processo não-formal):

La tarea de los que aprenden una lengua extranjera se parece, en este sentido, a la tarea del niño que aprende la lengua materna. Si los datos del aducto a los que está expuesto el que aprende una L2 también están subdeterminados, y él debe construir un sistema que analizará esos datos y proyectará la gramática de su interlengua, entonces es posible que la GU también juegue un papel, es decir, que los principios lingüísticos innatos medien en la adquisición de L2. (BARALO, 2009, p. 09).

Ainda sobre a aquisição de L2 na idade adulta, Finger (2003) apresenta três hipóteses de acesso à GU, a saber:

a) *A Hipótese de Acesso Nulo* (HAN) (cf. CLAHSSEN; MUYSKEN, 1986, 1996; CLAHSSEN, 1988 E MEISEL, 1991).

Os seguidores dessa hipótese consideram a aquisição de língua materna e de L2 como processos cognitivos distintos. Para eles, o adulto não tem acesso à sua GU durante a aquisição de uma língua estrangeira. Acerca desse assunto, Newmeyer (1998, p. 77) afirma que “não vê evidência de que uma segunda língua, adquirida na idade adulta, seja um sistema internalizado de competência gramatical”.

Contudo, vale salientarmos que, se se assume a ideia de que a aquisição linguística é um processo inato e que as línguas são dotadas de princípios universais, parece que se vai na contramão ao se afirmar que o que ocorre com a L2 não seja um processo de aquisição, mas sim de aprendizado motor como qualquer outro.

Em nossa visão, essa hipótese parece-nos uma visão simplista e reducionista que fecha os olhos para uma questão importante no que concerne à distinção entre competência e desempenho, porque dá ênfase ao desempenho, muitas vezes não muito eficaz em adultos, para negar-lhes a existência da competência. Contudo, como explicar a aquisição de uma L2 senão pela competência e pela hipótese de acesso à GU em idade adulta? Como explicar a aquisição de diferentes línguas por uma criança se acreditarmos na fixação de apenas um parâmetro? Essas questões afasta-nos da hipótese do acesso nulo, fazendo-nos considerá-la como acomodação teórica.

b) *A Hipótese de Acesso Parcial (HAP)* (cf. SCHACHTER, 1989; STROZER, 1992)

Os defensores desta hipótese acreditam que a GU age parcialmente na aquisição de L2 e entendem que o acesso a ela dá-se por intermédio da primeira língua, com parâmetros já estabelecidos, que servirão de base para a aquisição da segunda. Segundo essa hipótese, os falantes só têm acesso a Gramática Universal por intermédio da L1, uma vez que já tiveram acesso aos princípios e conjuntos de parâmetros relativos à sua primeira língua.

Assim, a L1 seria a base para o desenvolvimento da L2. Outras configurações de princípios e parâmetros não estão disponíveis para esses falantes. Se a segunda língua possuir configurações paramétricas diferentes, eles terão que recorrer a outros mecanismos para poder fixar os dados da segunda língua em sua representação interna.

c) *A Hipótese de Acesso Total (HAT)* (cf. EPSTEIN, 1996; HERSCHENSOHN, 2000 e HAWKINS, 2001; XAVIER, 2007).

Esta hipótese não vê diferenças entre a aquisição de L1 e de L2 no que diz respeito ao acesso à GU e descarta a existência de um período crítico. No período de aquisição de L2, haveria continuidade na utilização dos princípios e parâmetros disponíveis na GU. No início, haveria transferência dos parâmetros já configurados anteriormente durante a aquisição de língua materna (natural) e, nos estágios subsequentes, esses parâmetros seriam reformulados

e novas hipóteses seriam desenvolvidas, seguindo as restrições impostas pela GU. Os seguidores desta hipótese não estão de acordo que o uso que se faz de uma L2 seja suficiente para justificar a ausência de acesso à GU.

Um ponto interessante e convergente entre o processo de aquisição de L1 ou de L2 é a chamada pobreza de estímulo. Como, diante de estímulos tão diminutos, podemos adquirir uma língua? É certo que, seja materna ou L2, os falantes são expostos a um *input* muito inferior ao produto resultante dessa experiência. Para Greg (1996, p. 52),

[o] argumento da pobreza de estímulos, como é frequentemente chamado, conduz inevitavelmente à postulação da existência de estruturas mentais inatas que agem sobre o *input* linguístico para produzir uma gramática mental.

Assumindo a proposta de Cooper (1970); Krashen (1982); Corder (1967) e Baralo (2009), acreditamos que seja possível fixar novos parâmetros da língua depois do “período crítico de aquisição de linguagem”, embora de maneira mais lenta, assim como é possível modificá-los (LENNEBERG, 1967). Para Xavier,

[a] GU encontra-se disponível para aprendizes de segunda língua. Isso, entretanto, não significa dizer que a língua materna não possa ter alguma influência no processo de aquisição de uma L2. Ao contrário do que postulam Epstein et al (1996) com a Hipótese do Acesso Total, mostramos que o aprendiz de uma L2 pode ter acesso à GU também através da sua L1 (2007, p. 08).

Desse modo, adotamos a ideia de que os princípios da GU são geneticamente determinados e que as crianças já trazem inatamente nessa GU duas possibilidades de marcação (positiva ou negativa) para cada parâmetro, “eliminando” uma delas ao ter contato com o *input*, mas essa eliminação não é definitiva e, assim, o falante pode recorrer a esses dados quando em processo de aquisição de uma segunda língua, em contato com um novo *input*, mesmo em fase adulta.

Acerca do *input*, White (1989) apresenta-nos três problemas que agem no processo de aquisição:

a) *subdeterminação*: diferentes aspectos da língua são subdeterminados pelo *input*, ou seja, a competência linguística apresenta noções que não são claras no *input* recebido e que não são ensinadas diretamente. Durante a aquisição, o falante apresenta conhecimentos que vão muito além daquilo a que é exposto e tal conhecimento não poderia ser adquirido por meio de um processo de aprendizagem formal.

b) *degeneração*: o *input* é insipiente por geralmente, ser permeado por erros, hesitações e interrupções, incluindo frases truncadas e formas parciais, tanto quanto frases gramaticais.

γ) *ausência de evidência negativa*: não há esclarecimentos ao falante sobre que frases seriam agramaticais.

É durante este período de contato com o *input* no processo de aquisição da linguagem que percebemos a criatividade linguística e nos remontamos ao conceito de língua que norteia os trabalhos gerativistas: “um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY, 2002, p. 13). O ponto infinito da questão é focado na criatividade do falante que, através de um número finito de regras, é capaz de criar um número infinito de sentenças nunca antes produzidas.

Dessa maneira, consideramos esta investigação importante para compreendermos o que ocorre entre os nativos espanhóis investigados nesta pesquisa no que concerne à marcação do valor do PSN.

CAPÍTULO 2

Sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo – Aprofundamento

A vista... não apresenta mais nada senão imagens, e o ouvido não apresenta nada mais que vozes ou sons, de modo que todas estas coisas que pensamos, para além destas vozes ou imagens, como sendo simbolizadas por elas, são-nos representadas através de ideias que têm a sua única fonte na nossa faculdade de pensar; e se encontram portanto juntamente com essa faculdade inata em nós, isto é, existindo sempre em potência em nós; porque a existência em qualquer faculdade não é um acto, mas sim meramente uma existência em potência...

(Renè Descartes)

2.1 A interface sintaxe-morfologia: evidências para o PSN?

Dentre os parâmetros mais investigados sob a perspectiva de P&P, encontramos o PSN (CHOMSKY, (1981), (1986); RIZZI, (1989), (1997); KATO (1999); GALVES (2001); TAVARES SILVA (2004); SOARES E SILVA, (2006); COSTA (2011)). Alguns linguistas defendem a ideia de que as línguas que apresentam flexão verbal rica licenciam o sujeito nulo por este ser identificado pela flexão, enquanto línguas de flexão verbal pobre não licenciam esse sujeito devido à dificuldade de recuperação da referência gramatical. A relação do paradigma do sujeito nulo com a riqueza da flexão verbal foi proposta, inicialmente, por Taraldsen (1978 apud RIZZI, 1997, p. 272).

A concordância morfológica forte de línguas como o italiano é capaz de recuperar os traços gramaticais do pronome sujeito nulo; línguas com marca de concordância morfológica mais fraca não permitiriam recuperar um sujeito nulo pronominal, portanto, os sujeitos devem ser visíveis nestas línguas (Generalização de Taraldsen (1978))(RIZZI, 1997, p.272).

Tomando por base a hipótese da binaridade do parâmetro, uma questão que será discutida no subtópico 2.2.3, verifica-se uma bipartição entre as línguas: a) línguas que licenciam sujeitos nulos como o espanhol e o italiano e b) línguas que não licenciam como é

o caso do inglês e do francês.

Na contramão das argumentações acerca da interface Morfologia/Sintaxe no que se refere ao estudo do PSN, encontra-se o trabalho de Huang (1984) que, ao trabalhar com o chinês, língua de flexão verbal pobre pelo fato de o paradigma verbal não possuir marcas de modo, tempo, número e pessoa, detectou ocorrências de sujeito nulos.

Esta autora defende que, em chinês, sujeitos nulos são, também, licenciados desde que haja um tópico no domínio do discurso com o qual estabeleça ligação (cf. NEGRÃO (1999); KATO (1999); HUANG (1984); e para o PB, MODESTO (2004)). Como podemos observar nos exemplos (10a) e (10b), há categorias vazias que têm referência no discurso, fora da sentença:

(10)

a. *e lai-le.*

“*e veio*”

b. *Lisi hen xibuan e.*

“*Lisi ama e*”

A partir da problemática levantada por Huang (1984), novas hipóteses acerca do licenciamento do sujeito nulo foram levantadas. De acordo com Jaeggli & Safir (1989), não é um paradigma rico ou forte que licencia sujeitos nulos, mas um paradigma uniforme, constituído apenas de formas “derivadas” (com desinências) ou “não derivadas” (só com o radical). Um paradigma contendo, simultaneamente, formas derivadas e não derivadas, segundo os autores, não licencia sujeito nulo. A exemplo de paradigma uniforme (cf. JAEGLI; SAFIR, 1989), podemos citar o exemplo abaixo do PE, extraído de Miranda, Xavier e Crispim (2009, p. 166):

(11) (eu) falo/ (tu) falas/ (ele/a) fala/ (nós) falamos/ (vós) falais/ (eles/as) falam

Huang (1984), por sua vez, propõe ainda uma reformulação do PSN, tomando por base o seguinte: 1) um parâmetro distintivo, a fim de diferenciar línguas que permitem tópico nulo das que não permitem (*Parâmetro do Tópico Nulo*) e 2) outro parâmetro que distingue

línguas que admitem sujeitos nulos em orações finitas e as que não admitem (*Parâmetro do Sujeito Nulo*). Nesse sentido,

estariamos perante quatro tipos de línguas distintos: 1) línguas que não permitem nem tópicos nem sujeitos nulos (ex. Inglês e Francês); 2) línguas que permitem sujeitos, mas não tópicos nulos (ex. Italiano e Espanhol); 3) línguas que permitem tópicos mas não sujeitos nulos (ex. Alemão); e, finalmente, 4) línguas que admitem ambos (ex. Chinês, Japonês e PE). (DEUS, 2011, p. 229).

Diante de tal complexidade que se apresenta no que diz respeito ao PSN e a sua relação com o paradigma de flexão verbal, alguns linguistas sugerem uma reformulação das propriedades do PSN elencadas por Chomsky (1981, 1986) e Rizzi (1982, 1988, 1997). Deus (2011, p. 232) faz a seguinte consideração:

Após um olhar clínico sobre todos os estudos até aqui descritos, poderemos desaguar numa outra interpretação do parâmetro, isto é, poderemos considerar que, de facto, nem todas as propriedades observadas por Rizzi (1982) integram o PSN, tendo as mesmas manifestações diversas, consoante as línguas sob análise. Optando por esta reinterpretação do parâmetro, abandonaremos a ideia convencional de que todas as línguas são “bem-comportadas” no que toca ao PSN, encaixando forçosamente nas designações de *língua pro-drop* (manifestando todas as propriedades do parâmetro, como o PE) ou *língua não-pro-drop* (não apresentando esse conjunto de propriedades, como o Inglês).

Diante do fato de ser o espanhol uma língua que licencia sujeitos nulos, mas não tópicos nulos, segundo Deus (2011), será nosso objetivo verificarmos o que ocorre em nossos dados, haja vista que se tem defendido por muitos pesquisadores que o PB é uma língua orientada para o tópico (PONTES, 1986; GALVES, 1993, FERREIRA, 2000, entre outros). Assim, sendo o PB adquirido como L2 pelos falantes de nossa pesquisa, haveria no espanhol falado por eles evidência de interferência dessa L2, tomando por base que sujeitos nulos são produzidos nessa língua quando controlados por um tópico? E ainda, os dados a serem analisados no próximo capítulo apontam-nos para uma relação intrínseca entre a sintaxe e a

morfologia?

2.1.2 Caracterização da natureza da morfologia de flexão verbal no espanhol e no português brasileiro

Conforme enunciado na seção anterior, a relação entre Morfologia e Sintaxe tem acarretado algumas discussões referentes ao PSN, levando em conta a natureza da morfologia de flexão verbal (nomeadamente AGR (do inglês, *agreement*)): se rica ou pobre. Chomsky (1981, 1986 e seguintes), Rizzi (1989, 1997), dentre outros têm argumentado a favor da ideia de que se a morfologia em uma língua é rica, há licenciamento de sujeitos nulos; do contrário, se pobre, não há licenciamento desses sujeitos. Com base nisso, discutiremos, a seguir, as propostas de Roberts (1993) e Galves (2001) para caracterizarmos a natureza de AGR em uma língua, tomando por base seu paradigma pronominal e de flexão verbal. Essa discussão faz-se necessária para que compreendamos como AGR se comporta na gramática do PB e do espanhol.

2.1.2.1 A proposta de Roberts (1993)

Ao levar em conta o PSN, Roberts (1993) apresenta dois tipos de riqueza do ARG: a formal e a funcional. Para que a morfologia seja rica do ponto de vista formal, é necessário que haja um morfema que identifique cada pessoa do paradigma verbal, havendo ausência de morfemas zero; ao passo que a morfologia rica do ponto de vista funcional caracteriza-se pela presença de, no máximo, um sincretismo e uma forma zero no paradigma. Seguindo essa linha de raciocínio, Soares e Silva (2006, p. 21) reconhece que

[um] paradigma funcionalmente rico admite uma desinência zero e um sincretismo (uma mesma forma para duas pessoas gramaticais diferentes). Havendo muitos sincretismos, a riqueza funcional se perde e o sujeito nulo deixa de ser licenciado.

Com base nessa proposta, Tavares Silva (2004), visando caracterizar a natureza de AGR em PB, leva em conta dois paradigmas a que denomina PB1 e PB2: o primeiro caracteriza-se pela exclusão dos pronomes *tu e vós* por não serem formas resultantes do processo natural de aquisição dessa variedade do PB.; o segundo, por apresentar a introdução do pronome *tu* no paradigma à luz da reflexão de Figueiredo e Silva (1996) que defende a perda da morfologia específica desse pronome onde seu uso ainda é recorrente. Assim, percebemos que a segunda pessoa vem especificada pelo morfema correspondente à terceira pessoa do singular. Vejamos, seguir, os paradigmas extraídos dessa autora:

PB1	PB2
Eu canto	Eu canto
-----	-----
Você/ ele(a)/ a gente canta	Tu/ você/ ele(a)/ nós/ vocês/ eles(as) canta
Nós cantamos	-----
-----	-----
Vocês/ eles(as) cantam	-----

Quadro 5:
Paradigma
s do PB1 e
PB2,
extraído
de Tavares
Silva,
(2004, p.
239)

Analisando formal e funcionalmente a riqueza de AGR em PB1, a autora chega à seguinte conclusão:

AGR é formal e funcionalmente pobre. No primeiro caso, é pobre devido à existência de duas formas zero (2ª p. sing. (*tu*) e 2ª p. pl. (*vós*)), e, no segundo caso, devido não só à existência de duas formas zero, mas também de dois sincretismos: a) a 2ª p. sing. (*você*), a 3ª p. sing. (*ele(a)*) e a 1ª p.pl. (*a gente*)) são todas gramaticalmente especificadas pelo morfema Ø, e b) a 2ª p. pl. (*vocês*) e a 3ª p. pl. (*eles(as)*) são gramaticalmente especificadas pelo morfema - *m*. (TAVARES SILVA, 2004, p. 239).

Quanto a PB2, a autora verifica que

o AGR é pobre formal e funcionalmente. É formalmente pobre devido à existência de três formas zero (2ª p. sing (*tu*), 2ª p. pl. (*vós*) e 3ª p. pl. (*eles(as)*) e é funcionalmente pobre pelo fato de o paradigma incluir três formas zero resultantes do grande sincretismo em que a primeira pessoa do plural, a segunda e a terceira pessoa do singular e do plural são todas especificadas gramaticalmente pelo morfema Ø. (TAVARES SILVA, 2004, p. 240).

Se compararmos os paradigmas do PB extraídos de Tavares Silva (2004) com o do espanhol, a seguir, seguindo as ideias de Roberts (1993), podemos afirmar que AGR nesta última língua caracteriza-se como rico formal e funcionalmente, posto que, para cada pessoa do paradigma, há um morfema que a identifica, não havendo assim sincretismos; ao contrário do PB que apresenta um AGR formal e funcionalmente pobre (ver quadro 6).

ESPAÑHOL	
(yo) canto	
(tu) cantas	
(el) canta	
(nosotros) cantamos	
(vosotros) cantáis	
(ellos) cantan	

Quadro 6: Paradigma do Espanhol

Situando o PB e o espanhol sob a luz da proposta de Roberts, elaboramos a tabela a seguir com base nos paradigmas acima expostos.

Riqueza	EE	PB
Riqueza formal	- Pobre	+ Pobre
Riqueza funcional	- Pobre	+ Pobre

Tabela 1: Caracterização da riqueza de AGR em PB e no espanhol**2.1.2.2 A Proposta de Galves (2001)**

Tomando como ponto de partida a proposta sugerida por Roberts (1993), Galves (2001) formula outra alternativa para caracterizar a riqueza morfológica das línguas a partir das noções de pessoa sintática e pessoa semântica presentes na Gramática Universal.

A existência da pessoa semântica está atrelada à existência de morfemas que identificam gramaticalmente cada pessoa do discurso, seja no singular ou no plural. Já a pessoa sintática decorre do fato de só ser possível estabelecer combinação entre traços binários relativos à pessoa e ao número, que serão marcados com o valor positivo e negativo, conforme o quadro abaixo extraído de Tavares Silva (2004, p. 246):

[+pessoa] [-número]
[-pessoa] [-número]
[+pessoa] [+número]
[-pessoa] [+número]

Tabela 2: Marcação de traços binários relativos à pessoa e ao número em PB

Em resumo, podemos considerar que a morfologia de flexão verbal do EE é rica em relação à morfologia de flexão do PB, uma vez que no singular e no plural há diferenciação entre as três pessoas do discurso, caracterizando-se a pessoa como semântica. Já no PB, a pessoa é caracterizada como sintática, por haver combinação de traços binários de número e pessoa.

2.2 Revisitando as propriedades do PSN

Antes de abordarmos as propriedades do PSN em PB e em espanhol, é fundamental termos em mente a ideia adotada neste trabalho de que um parâmetro é um conjunto de

propriedades. Para tanto, serão analisadas as propriedades do PSN, elencadas em Chomsky (1981, 1986 e seguintes) e Rizzi (1988, 1997). Retomando Rizzi (1997, p. 271-272), que observou tais propriedades no catalão, italiano, inglês e francês, observemos as propriedades desse parâmetro nos exemplos retirados do autor:

a) O italiano e o catalão permitem sujeitos nulos com interpretação pronominal definida (cf.(12)) e sujeitos nulos com interpretação não-referencial (cf. (13)), ao contrário do francês e do inglês:

(12)

a. ___ parla. (It)

“Fala.”

b. ___ parla. (Cat)

“Fala.”

c. * __ parle (Fr)

“Fala.”

d. * __ speaks (Ing)

“Fala.”

(13)

a. ___ piove. (It)

“Chove.”

a'. *Ciò piove. (It)

“Ele chove.”

b. ___ plou. (Cat)

“Chove.”

b'. *Això plou. (Cat)

“Ele chove.”

c. * __ pleut. (Fr)

“Chove.”

c'. Il pleut/ ça pleut. (Fr)

“Ele chove“

d. * __ rained. (Ing)

“Choveu.”

d'. It is raining. (Ing)

“Está chovendo.”

b) O italiano e o catalão permitem que o objeto direto de uma construção passiva que pode vir a ser um “sujeito derivado” possa permanecer na posição de base (cf. (14)) e que o argumento externo de verbos (in)transitivos permaneça em Spec, VP (cf. (15)), ao contrário do francês e do inglês:

(14)

a. __ è stato dato un premio al presidente. (It)

“Foi dado um prêmio ao presidente.”

b. __ ha estat donat un premi al president. (Cat)

“Foi dado um prêmio ao presidente.”

c. * __ a été donné un prix au président. (Fr)

“Foi dado um prêmio ao presidente.”

d. * __ was given a prize to the president. (Ing)

“Foi dado um prêmio ao presidente.”

(15)

a. __ ha telefonato Gianni. (It)

“Telefonou o João.”

b. __ ha telefonat en Joan. (Cat))

“Telefonou o João.”

c. * __ a téléphoné Jean. (Fr)

“Telefonou o João.”

d. * __ telephoned John.”(Ing)

“Telefonou o João.”

c) O italiano e o catalão permitem extração WH- de sujeitos encaixados com complementador visível, ao contrário do francês e do inglês (cf.(16)):

(16)

a. Chi credi che ___ telefonerà? (It)

“Quem achas que telefonará?”

b. Qui creus que ___ telefonará? (Cat)

“Quem achas que telefonará?”

c. *Qui crois-tu que ___ téléphonerá? (Fr)

“Quem achas tu que telefonará?”

d. *Who do you think that ___ will telephone? (Ing)

“Quem você acha que telefonará?”

d) O italiano e o catalão possuem marcas de concordância sujeito-verbo bastante ricas ou transparentes morfologicamente, ao contrário do francês e do inglês (cf. (17)):

(17)

It.: parl-o, parl-i, parl-a, parl-iamo, parl-ate, parl-ano.

Cat.: parl-o, parl-es, parl-a, parl-em, parl-eu, parl-en

Fr.: parl, parl-õ, parl-é

Ing.: speak, speak-s

2.2.1 O PSN no espanhol Europeu

Algumas considerações já foram feitas acerca do PSN na língua espanhola ao longo desta dissertação. Já sabemos, por exemplo, que essa língua é considerada uma língua de sujeito nulo e de paradigma verbal rico, tomando por base as proposta de Roberts (1993) e Galves (2001). Trata-se de uma língua que, a exemplo do PE, não permite a duplicação de

sujeitos sem que haja uma pausa entoacional e que a inversão sujeito verbo é livre, independente do tipo de verbo. Desse modo, em linhas gerais, podemos afirmar que o EE se comporta de maneira semelhante ao PE no que concerne às propriedades do PSN.

Em espanhol, o preenchimento da posição sujeito não se dá de maneira opcional, pois sua realização fonética ocorrerá sempre que for necessária para marcar ênfase, contraste ou desfazer ambiguidades, ou seja, “a *opção* parece ficar por conta do uso pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida” (DUARTE, 1995, p. 29).

Vale lembrarmos que o paradigma pronominal do espanhol é composto por pronomes nominativos que, em sua própria estrutura morfológica, já trazem especificações de traços relativos ao número e à pessoa, tendo alguns marcas de gênero:

“[o]s pronomes de primeira e segunda pessoa do plural também se flexionam em gênero, o que se deve à união do adjetivo *otro(a)* às formas primitivas *nos* e *vos*, resultando nas formas *nosotros* e *nosotras*, que se deu no final do século XV.” (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999, 1220).

Esse paradigma pode ser observado no quadro, a seguir, em que figuram os pronomes nominativos, os que nos interessam nesta dissertação:

PESSOA GRAMATICAL	SINGULAR	PLURAL
PRIMEIRA PESSOA	Yo	Nosotros
SEGUNDA PESSOA	Tú	Vosotros
TERCEIRA PESSOA	Él / Ella/ Usted	Ellos/Ellas/Ustedes

Quadro 7: Paradigma dos pronomes nominativos em espanhol extraído de Soares e Silva (2006)

O pronome nominativo pode ocorrer não realizado foneticamente nessa língua com todas as pessoas gramaticais e Fernández Soriano (1999) verifica sua possibilidade em todos os tempos verbais. Da mesma maneira, o paradigma de flexão verbal rica do espanhol evidencia sujeitos nulos, conforme podemos observar no quadro abaixo,:

VERBOS EM (AR)	VERBOS EM (ER)	VERBOS EM (IR)
(yo) cant <u>o</u>	(yo) com <u>o</u>	(yo) part <u>o</u>
(tu) cant <u>as</u>	(tu) com <u>es</u>	(tu) part <u>es</u>
(él) canta	(él) come	(él) parte
(nosotros) cant <u>amos</u>	(nosotros) com <u>emos</u>	(nosotros) part <u>imos</u>
(vosotros) cant <u>áis</u>	(vosotros) com <u>éis</u>	(vosotros) part <u>ís</u>
(ellos) cant <u>an</u>	(ellos) com <u>en</u>	(ellos) part <u>en</u>

Quadro 8: Paradigma de flexão verbal rica no espanhol nas três conjugações

Com exceção das construções impessoais construídas com verbos não-argumentais, há sempre sujeito expletivo não realizado foneticamente. Veja o exemplo de Soares e Silva (2006, p. 43):

(19) ____ Hay moscas en el jardín./ ____ Es necesario trabajar más.

Ademais, não podemos encontrar em espanhol pronomes neutros realizados foneticamente para fazer referências a coisas, objetos não-animados (cf. ROBERTS, 1993; SOARES E SILVA 2006) , como ocorre, por exemplo, no inglês com o pronome *It* (cf. (3)):

(20) Me comí el pastel que hace María. ____ Es una delicia.

(21) I ate the cake that Mary does. **It's** a delight.

(22) Comi o bolo que Maria faz. ____ É uma delícia.

(23) Comi o bolo que Maria faz. **Ele/aquilo** é uma delícia.

Já o PB (22) e (23), embora não apresente pronomes neutros em seu paradigma pronominal, por sua natureza semi-pro-drop, se encontra no intervalo entre as duas línguas e permite o sujeito nulo ou que diferentes pronomes em posição de sujeitos plenos façam

referência a seres não-animados como, por exemplo, um pronome pessoal reto, ou mesmo um demonstrativo.

Acerca da escolha não-opcional entre o preenchimento e o apagamento do sujeito, Soares e Silva (2006, p. 49), com base nas reflexões de Luján (1999, p. 1304), afirma que:

o sujeito nulo e o sujeito pleno, em espanhol, estão em distribuição complementar, não constituindo variação. A expressão do sujeito pronominal, dependendo da posição, pode ser enfática, distintiva, contrastiva ou desambiguadora, enquanto a ausência do pronome é neutro em relação a esses traços.

A relação entre contraste e ênfase é controversa entre diversos autores. Luján (1999) afirma que sempre que houver um pronome explícito, este será distintivo ou contrastivo e denotará ênfase.

Para Togeby (1965), existem dois tipos de ênfase, a contrastiva e a emotiva: a primeira pressupõe um contraste entre dois termos e atua sempre sobre o termo que se pretende destacar, enquanto a segunda age sobre um número maior de elementos e não pressupõe nenhum contraste. Sobre a ideia de Togeby, Wildner (2011, p. 69) considera que a classificação da ênfase em dois tipos

poderia dar conta de um maior número de casos de presença pronominal, uma vez que, há casos em que o pronome pleno não parece implicar contraste com outro elemento do discurso, diferente do que sustentam Enríquez (1984) e Luján (2009), para as quais um pronome explícito pressupõe (sempre) uma comparação (contraste) explícita ou implícita.

Para Haverkate (1976) apud Enríquez (1984), apesar de apresentarem semelhanças no aspecto formal, os aspectos enfáticos e contrastivos não são plenamente equivalentes. Para esse autor, a ênfase apresenta informações que refletem condições extralinguísticas – como o ânimo do falante, por exemplo – enquanto o contraste caracteriza-se pela presença do traço semântico [+ negativo], o que pressupõe uma comparação marcada negativamente.

Luján destaca que o contraste pode ser localizado apenas em um termo da sentença ou em mais termos: “(...) puede quedar circunscripto sólo al término acentuado o puede

entenderse de un modo más amplio, tal que incluya a otros componentes de la cláusula” (LUJÁN, 1999, p. 1278). Dessa forma, de acordo com essa autora, para a sentença *Tú trabajas demasiado*, em (24) temos um contraste que se restringe ao sujeito, enquanto em (25) percebemos um contraste que se estende a todo o predicado:

(24) **Tú** trabajas demasiado, no otro.

(25) **Tú trabajas demasiado**, ellos te pagan poco. (LUJÁN, 1999, p. 1279)

Quando antepostos ao verbo, os pronomes pessoais têm função distintiva, como mostra o exemplo (26). Aparecendo ao final da oração, pronomes e sintagmas nominais expressam contraste, o que pode ser visto em (27), seguindo a proposta de Luján (1999).

(26) **Ella** no **puede** llegar temprano / **Usted** no **puede** llegar temprano.

(É necessário que se faça a distinção entre as pessoas do discurso).

(27) Ha tenido la culpa **usted**, no ella, no Juan.

(O contraste é restrito ao sujeito)

Vale salientarmos que o pronome *usted* é considerado um pronome de cortesia e apresenta propriedades diferentes dos outros pronomes pessoais no que se refere à sua manifestação. Sempre combinado a uma marca flexional zero, este pronome não apresenta propriedades distintivas do ponto de vista morfológico. Contudo, seu preenchimento apresenta especificidades, pois sua realização só é permitida em casos de ênfase e para desfazer ambiguidades. Sobre esse assunto, Soriano afirma:

O pronome de cortesia de segunda pessoa, *usted* apresenta propriedades diferentes dos outros pronomes pessoais. Ele não é associado a uma marca flexional distintiva, uma vez que se combina com a desinência verbal Ø. Isso, entretanto, não impede que o pronome seja omitido: seu preenchimento só ocorre quando há necessidade de o falante reforçar a sua atitude de respeito ou para desfazer uma interpretação ambígua, já que não há desinência distintiva (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999, 1235).

Sobre a preferência do apagamento do sujeito na língua espanhola, Soares e Silva (2006, p. 81) observou, em dados quantitativos, o número de ocorrência de sujeitos nulos nas variedades do espanhol de Madri e de Buenos Aires.

PESSOA GRAMATICAL	MADRI	BUENOS AIRES
PRIMEIRA DO SINGULAR	336/517 (65%)	330/527 (63%)
PRIMEIRA DO PLURAL	90/101 (89%)	40/65 (62%)
SEGUNDA DIRETA DO SINGULAR	113/144 (78%)	78/100 (78%)
SEGUNDA DIRETA DO PLURAL	6/6 (100%)	–
SEGUNDA INDIRETA DO SINGULAR	80/116 (69%)	101/168 (60%)
SEGUNDA INDIRETA DO PLURAL	6/9 (67%)	12/19 (63%)
TERCEIRA DO SINGULAR	213/242 (88%)	208/258 (81%)
TERCEIRA DO PLURAL	99/109 (91%)	65/84 (77%)
TOTAL	943/1244 (76%)	834/1221 (68%)

Quadro 9: Ocorrências e taxas de sujeito nulo em Madri e Buenos Aires extraído de Soares e Silva (2006)

De acordo com os resultados obtidos pelo autor, podemos observar que o sujeito nulo ocorre, em detrimento do sujeito pleno, tanto no espanhol peninsular quanto no americano. Contudo, na América, a primeira e a terceira pessoa do plural (nosotros e ellos) apresentam um quantitativo menor de sujeito nulo que na Europa. Tal informação habilita-nos afirmar que, aparentemente, as duas variedades do espanhol vêm se afastando. Contudo, os dados não são suficientes para afirmar que o espanhol de Buenos Aires esteja passando por mudanças significativas, tal qual o PB, que vem confirmando cada vez mais a sua natureza semi-pro-drop.

Diante do já exposto acerca do PB e do EE, o que percebemos é que o PB é uma língua semi-pro-drop, assim como o espanhol europeu é uma língua (+) pro-drop, dadas as características que cada uma apresenta. Observamos que o EE preserva todas as propriedades de uma língua de sujeito nulo, ao passo que o PB se afasta, gradativamente, desse grupo, apresentando características mistas, ora de língua (+) pro-drop, ora de língua (–) pro-drop, o que nos leva a crer que a melhor classificação para o PB, atualmente, é de língua mista ou semi-pro-drop, ao passo que o EE é uma língua prototípica de sujeito nulo.

2.3 Contextos de sujeitos nulos e plenos: uma questão de opcionalidade?

A problemática acerca da hipótese da binaridade do PSN tem sido alvo de muitas discussões (cf. LOPES, 1999; OLIVEIRA, 2000; TAVARES SILVA, 2004), uma vez que há línguas, como o PB, que, por estarem em processo de mudança, têm comportamento ora de língua pro-drop, como o PE, que fixa o valor positivo (+) para esse parâmetro, ora de língua não-pro-drop, como o inglês. Não obstante essa discussão, o fato é que o preenchimento da posição sujeito por sujeito nulo ou explícito não é opcional e obedece a exigências específicas. Acerca da opcionalidade, Tavares Silva (2004, p. 264) observa:

Em se tratando de línguas pro-drop, como o italiano, o espanhol e o hebraico, tem sido sugerido, na maioria das vezes, que o licenciamento de uma categoria vazia (*pro*) na posição sujeito é opcional. No entanto, algumas pesquisas, como a de Gonçalves (1994), têm evidenciado que essa opcionalidade é apenas “aparente”, haja vista que a legitimação dessa categoria está submetida a contextos estruturais específicos.

Portanto, tomando por base a ideia de que não haja opcionalidade para o licenciamento de sujeitos nulos e plenos na gramática das línguas particulares, retomaremos o estudo de Tavares Silva (1994) que compara o PB com o PE, o inglês e o francês a partir do estudo desenvolvido por Gonçalves (1994), que compara apenas estas três últimas línguas. É com base nos contextos apresentados por essa última autora e retomados por Tavares Silva (op.cit.) que centraremos nossa atenção neste subtópico.

Em geral, as autoras supracitadas observam que, a depender da leitura referencial dos sujeitos, eles podem ser nulos ou plenos, uma análise a ser estendida para o espanhol a partir de agora, a fim de compararmos o comportamento dos sujeitos entre o PB e o espanhol. Para tanto, todas as frases, a seguir, apresentadas do PB foram retiradas da tese de Tavares Silva (op. cit.). Observem-se, portanto, os seguintes contextos:

A. Orações coordenadas:

Português Europeu:

(28)

- a. O João_i viu o Pedro_j no cinema, mas $e_{i/*j}$ não falou com ele.
 a'. O João_i viu o Pedro_j no cinema, mas $e_{i/j}$ não falou com ele.

Português brasileiro:

- a. O João_i viu o Pedro_j no cinema, mas $e_{i/*j}$ não falou com ele.
 a'. O João_i viu o Pedro_j no cinema, mas $e_{i/j}$ não falou com ele.

Espanhol¹⁰:

(29)

- a. Juan_i vio a Pedro en el cine, pero no le _ihabló.
 a'. Juan_i vio a Pedro_j en el cine, pero $*él/*j/i$ no habló con él_j.

Conclusão: Em contextos de orações coordenadas, o sujeito de 3ª pessoa (em PE) é obrigatoriamente nulo no segundo termo das estruturas coordenadas quando é correferente com o sujeito da oração coordenante e obrigatoriamente realizado, quando a referência é disjunta. O mesmo podemos afirmar acerca do comportamento do espanhol em relação às coordenadas. Por sua vez, o PB apresenta algumas diferenciações com relação ao PE e ao Espanhol, pois o sujeito realizado foneticamente na oração coordenada pode ter leitura correferente (PB a) ou disjunta (PB a'), ao contrário do PE e do EE, que só admitem a leitura

10 Todos os exemplos em espanhol são dados de introspecção, traduzidos pelos informantes. Agradecemos aos informantes que nos prestaram a gentileza de traduzir e comentar acerca da validade das sentenças em seus contextos de uso.

correferente.

B. Orações subordinadas completivas e adverbiais:

Português Brasileiro:

(30)

- a. O João_i disse ao Pedro_j que e_i/*_j estava muito doente.
- a'. O João_i disse ao Pedro_j que ele_{i/j} estava muito doente.
- b. Quando e_i/??_j chegou em casa, a Ana_i começou a preparar o jantar.
- b'. Quando ela_{i/j} chegou em casa, a Ana_i começou a preparar o jantar.

Espanhol:

(31)

- a. Juan_i le dijo a Pedro_j que e_{i/j} estaba muy enfermo.
- a'. Juan_i le dijo a Pedro_j que él *_{i/j} estaba muy enfermo.
- b. Cuando e_i/??_j llegó a casa, Ana_i empezó a preparar la cena.
- b'. Cuando ella*_i /_j llegó a casa, Ana_i empezó a preparar la cena.

Conclusão: em contextos de orações completivas, a realização fonética do sujeito não é obrigatória em EE e em PB quando o sujeito é correferente (30a) e (31a), mas quando o sujeito é disjunto, a realização do sujeito em EE é desambiguadora (31a'), ao passo que em PB, o preenchimento não responde a nenhuma restrição (30a'). Em caso de orações adverbiais, o PB (30b) e o EE (31b) autorizam o sujeito nulo com leitura correferente ou disjunta, ao passo que o sujeito pleno em PB (30b') é possível com leitura correferente e disjunta e o EE (31b') só é possível com leitura disjunta para desfazer ambiguidades.

C. Orações adverbiais gerundivas

Português Brasileiro:

(32)

- a. $e_i/*_j$ tendo telefonado, o Pedro_i saiu.
- b. [pro_i andando pela rua], o João_i viu a Maria_j.
- b'. * $[pro_j$ andando pela rua], o João_i viu a Maria_j.

Espanhol:

(33)

- a. * e_i/j Habiendo telefoneado, Pedro_i salió.
- b. [pro_i Caminando por la calle], Juan_i vio a Maria_j.
- b'. * $[pro_j$ Caminando por la calle], Juan_i vio a Maria_j.

Conclusão: As orações adverbiais gerundivas apresentam o mesmo comportamento em EE e em PB, como podemos observar em (32 b e b') e (33b e b'), ou seja, ambas aceitam pro_i e não admitem pro_j . Contudo, (33a) é agramatical em língua espanhola e deveria ser substituída por “Una vez que telefoneó; Cuando hubo telefoneado”, pois não se admite gerúndio neste tipo de construção em EE.

D. Orações adverbiais participiais

Português Brasileiro:

(34)

- $e_i/*_j$ Incomodado com o barulho, o João_i saiu da sala.

Espanhol:

(35)

 $e_i/*_j$ Incomodado con el ruido, Juan_i salió de la habitación.

Conclusão: As orações adverbiais participiais apresentam o mesmo comportamento em EE e em PB, como podemos observar em (34) e (35). Desse modo, percebemos que ambas admitem construções com pro_i , mas não com pro_j .

E. Orações adverbiais finitasPortuguês Brasileiro:

(36)

a. Quando $e_i/?_j$ entrou, o João_i teve um susto.b. Quando ele_{i/j} chega atrasado, o director_i fica mal humorado.Espanhol:

(37)

a. Cuando $e_i/?_j$ entró, Juan_i se llevó un susto.b. Cuando él_{i/j} llega retrasado, el director_i se pone de mal humor.

Conclusão: Em orações adverbiais finitas, o PB admite sujeito nulo com leitura correferente ou disjunta (36a) assim como em EE (37a), contudo, o sujeito pleno em EE é desambiguador (37b) e só é admitida a leitura disjunta, ao passo que o PB admite as duas leituras (36b).

F. Contextos de pergunta-resposta com focalização do sujeito

Português Brasileiro:

(38)

A - Quem comeu o bolo?

B – a) *Comi.

b) *Comi eu.c) *Comi-o eu.d) Eu comi.e) Fui eu.

f) *Fui.

g) *Eu fui.Espanhol:

(39)

A- ¿Quién se comió el pastel?

B- a) *Comi

b) *Comi yo

c) Me lo comi yo

d) Yo comi

e) Fue yo

f) *Fue

g) Yo fue

Conclusão: Quando existe um contexto de focalização do sujeito na pergunta, o sujeito nulo não é permitido em espanhol (39a) bem como em Português brasileiro (38a), corroborando a obrigatoriedade do preenchimento (38d) e (39d), assim como a inversão não é possível nas duas línguas, salvo em contextos específicos. (39e) e (39g) são construções válidas em EE,

porém, em espanhol há preferência pela posposição do pronome *yo*, para atenuar pragmaticamente o valor do pronome de 1ª pessoa. O PB só aceita a inversão VS em contextos de verbos inacusativos (38e) ao passo que o espanhol permite sujeito pós-verbal em contexto de focalização do sujeito, desde que o complemento realizado sob a forma de um clítico esteja proclítico ao verbo na resposta, como podemos observar em (39c). Contudo, essa restrição não se estende ao tipo do verbo (39c), (39e) e (39g). Sobre essa inversão, Belletti afirma que:

No espanhol, o sujeito pós-verbal não (ou não necessariamente) representa informação nova, o foco da sentença, ao contrário do italiano. Costa (2001) reforça essa ideia ao verificar, em uma variedade do espanhol, que a ordem VSO é uma ordem não-marcada, sem qualquer tipo de restrição. (2001 apud SPANO, 2008, p. 31)

Kato apresenta-nos uma ideia diferente, com a qual estamos de acordo, quando afirma que “a ordem VOS no espanhol apresenta uma restrição: somente é licenciada quando o objeto for um clítico” (KATO, 2000, p. 236-7). Citando essa autora, Tavares Silva (2004, p. 62) observa:

A existência de clíticos permite a redução fonológica de argumentos de um verbo uma vez que os clíticos permitem esvaziar a posição do complemento.” Nessa acepção, havendo redução fonológica dos argumentos internos, é possível que os sujeitos apareçam em posição pós-verbal. Em línguas como o PE, o espanhol e o italiano, que possuem um sistema de clíticos bastante produtivo, o sujeito pode ocupar a posição pós-verbal.

Em contextos de focalização do sujeito, tais produções são bastante comuns em espanhol, diferentemente do PB, cujo sistema de clíticos não é tão produtivo.

G. Orações imperativas

Português Brasileiro:

(40) (*tu) está quieto!

Espanhol:

(41) ¡(*tú) Estate quieta tú!

Conclusão: As orações imperativas apresentam comportamento diferente em EE e em PB, ou seja, em PB, o apagamento do sujeito é obrigatório, ao passo que em EE, a oração imperativa obriga a inversão da ordem SV por VS. O sujeito nunca pode aparecer antes do verbo. Para o PB, Gonçalves (1994, p. 201) lembra que no português coloquial, quando o sujeito recebe um acento enfático, sua realização fonética é obrigatória: **Tu está quieto!**

H. Respostas a interrogativas QU- que não incidem sobre o sujeito

Português Brasileiro:

(42)

A: - Quem o João encontrou no cinema?

B: - a. O Pedro.

b. ?Foi o Pedro.

c. ?Encontrou o Pedro.

d. Ele encontrou o Pedro.

Espanhol:

(43)

A- A quién encontró Juan en el cine?

B- a. A Pedro

b. Fue a Pedro

c. Encontró a Pedro

d.*Él encontró a Pedro

Conclusão: Em PB, observamos que nas interrogativas QU que não incidem sobre o sujeito exemplo (42d) é possível. Em EE, (43d) é pouco aceita porque apenas sujeitos focalizados podem ser realizados foneticamente por corresponderem à informação nova. Assim, o sujeito nulo em respostas é preferível em EE e “aceitável” o sujeito pleno por questão de ênfase, ao passo que em PB é preferível o sujeito pleno e “aceitável” o sujeito nulo.

I. Respostas a interrogativas totais

Português Brasileiro:

(44)

A – O João viu o Pedro?

B – a. Viu.

b. ?Ele viu.

Espanhol:

(45)

A- Juan vio a Pedro?

B- a. Lo vio.

b. *Él lo vio.

Conclusão: Em EE, o sujeito nulo é obrigatório em contextos de respostas a interrogativas totais (45a) e agramatical o sujeito pleno (45b), ao passo que em PB, as duas ocorrências são possíveis (44a) e (44b).

J. Interrogativas “tags”

Português Brasileiro:

- (46) O João veio de Maceió, a. não veio?
 b. *não veio ele?
 c. ?ele não veio?

Espanhol:

- (47) ¿ Juan vino a Maceió, a. no vino?
 b. *no vino él?
 c. *él no vino?

Conclusão: Em EE, o sujeito nulo em contextos de interrogativas “tags” é obrigatório (47a) e os exemplos (47b) e (47c) são agramaticais. Em PB, percebemos que em (46c) não é obrigatório o sujeito nulo, a repetição do sujeito é aceitável, sendo preferível a manifestação nula.

À guisa de conclusão deste capítulo, pudemos observar que, em alguns contextos, o PB e o EE se assemelham em relação ao sujeito pleno e o sujeito nulo. Essa semelhança pode ser explicada pelo fato de o PB se apresentar como uma língua semi-pro-drop, que vem se afastando de línguas pro-drop prototípica como o EE.

Contextos		PB		EE	
		SN	SP	SN	SP
Orações coordenadas	Sujeitos correferentes	x		x	
	Sujeitos não-correferentes	x	x		x
Orações subordinadas	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não-correferentes	x	x	x	-

completivas					
Orações subordinadas adverbiais	Sujeitos correferentes	x	x	x	-
	Sujeitos não-correferentes		x	x	-
Orações adverbiais gerundivas	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não-correferentes	-	-	-	-
Orações adverbiais Participiais	Sujeitos correferentes	x	-	x	-
	Sujeitos não-correferentes	-	-	-	-
Orações adverbiais Finitas	Sujeitos correferentes	x	x	x	-
	Sujeitos não-correferentes	x	x	x	x
Contextos de pergunta-resposta com focalização do sujeito		-	x	-	x
Orações imperativas		x	-	x	x
Respostas a interrogativas QU- que não incidem sobre o sujeito		x	x	x	-
Respostas a interrogativas totais		x	x	x	-
Interrogativas “tags”		x	x	x	-

Quadro 10: Resumo dos contextos de sujeitos nulos e plenos na gramática adulta do PB e do EE

Diante do já dito, surge a questão: é possível verificarmos alguns contextos nos dados analisados que evidenciem a interferência do caráter semi-pro-drop do PB no espanhol falado por espanhóis que residem no Brasil há mais de dez anos? É sobre essa hipótese que centraremos nossas atenções na análise que empreenderemos no capítulo 4 dessa dissertação.

CAPÍTULO 3

Procedimentos metodológicos

Por mais eloquente que seja o ladrar de um cão, ele não nos poderá dizer que os seus pais eram pobres, mas honestos.

Bertrand Russel

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação terá como método de abordagem o hipotético-dedutivo e como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico, aquele possibilitará estabelecer comparações em busca de uma possível interferência morfossintática do português do Brasil no espanhol falado por nativos residentes no país há mais de dez anos, enquanto este proporcionará a análise quantitativa dos dados. Para tanto, serão analisadas construções frasais declarativas finitas selecionadas a partir de entrevistas informais realizadas.

Vale ressaltarmos que as entrevistas, decorrentes da pesquisa de campo realizada, não seguiram um padrão, sendo, portanto, adequadas ao contexto social, profissional e pessoal de cada informante para que a interação fosse estimulada e o informante se sentisse à vontade para falar. (cf. no anexo 3 os roteiros dessas entrevistas).

Trabalhamos, dessa forma, com um *corpus* sincrônico, visando à compreensão do PSN e verificando se, nos dados do espanhol em análise, é possível encontrarmos, por exemplo, contextos que seriam obrigatórios de sujeitos nulos e que têm sujeitos plenos.

3.1 Créditos à Sociolinguística Quantitativa

À guisa de esclarecimento acerca da metodologia utilizada nesta dissertação, vale referir que tomamos de empréstimo o procedimento metodológico da Sociolinguística

Quantitativa. Seguimos, de certa maneira, o passo a passo utilizado por esta área da linguística quando, de início, levantamos questionamentos acerca do nosso estudo, aos quais respondemos da seguinte forma:

- 1- Qual o tipo da comunidade de fala? Espanhóis residentes no Brasil;
- 2- Quais as características dessa comunidade? Residem no País a mais de 10 anos; têm entre 18 e 60 anos;
- 3- Quantos informantes serão necessários para a constituição da amostra? 10 informantes;
- 4- Como organizar os informantes? Mais idosos/menos idosos; residentes no país a mais tempo/ a menos tempo;
- 5- Como coletar os dados? Por meio de entrevistas orais respondidas em língua materna.

Formulamos um roteiro de entrevista, minimizamos o efeito de nossa presença durante a coleta dos dados e descartamos os primeiros minutos de gravação, transcrevemos os dados, codificamos e quantificamos, usando a ferramenta do *Excel*. Dessa maneira, é natural que se encontre a palavra variável ou variação ao longo desta dissertação.

3.2 População investigada

A população investigada é composta por nativos espanhóis residentes no Brasil há, pelo menos, 10 (dez) anos. Foram entrevistados estrangeiros com faixa etária entre 18 e 60 anos, oriundos de diferentes localidades da Espanha. Vale lembrarmos que essa escolha não se configurara como pré-requisito para a seleção dos informantes, uma vez que nossa pesquisa está centrada na análise do espanhol peninsular das mais diferentes localidades da Espanha. A escolha pelo espanhol peninsular se deu por questões facilitadoras de contato com os informantes (vários informantes entrevistados com os quais já tínhamos contato prévio).

O contato efetivo foi feito após aprovação do comitê de ética da Universidade Federal de Pernambuco (confira no anexo 1 o parecer desse comitê). Cada informante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 2), por meio do qual foi

convidado a participar da pesquisa como voluntário, e no qual constavam os objetivos, os riscos e os benefícios deste trabalho, entre outras informações. Desse modo, a cada informante foi garantida a privacidade e assegurado o anonimato.

Tendo em vista que o nosso interesse não está centrado na interface língua/sociedade, algumas informações referentes aos informantes não foram levadas em consideração para esta pesquisa como, por exemplo, a questão do gênero, a profissão, a região nativa, o grau de escolarização (essas variáveis podem ser levadas em conta em um trabalho futuro, com relações mais estreitas com a sociolinguística), entre outros.

Das informações extralinguísticas, interessou-nos apenas a idade e o tempo de permanência do nativo no país, este para termos uma ideia do período de contato entre as duas gramáticas e aquela para testarmos a hipótese de que os mais idosos são mais conservadores no que concerne à língua nativa, no sentido de que eles tendem a produzir muitos sujeitos nulos, sofrendo assim menos interferência do PB. Para um maior detalhamento da população, veja-se quadro a seguir, contendo, informações sobre os informantes:

Número do informante	Região de nascimento	Faixa etária	Tempo de permanência no Brasil	Região onde reside no Brasil
01	Burgos	45	10	Recife
02	Cataluña	27	11	Paulista
03	Cataluña	60	25	Recife
04	Madri	48	12	Recife
05	Madri	50	20	Recife
06	Salamanca	42	15	Olinda
07	Barcelona	37	10	Recife
08	Madri	29	10	Recife
09	Madri	18	10	Olinda
10	Valência	37	12	Olinda

Quadro 11: Mapeamento dos informantes selecionados na pesquisa

3.3 Coleta e seleção dos dados

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas informais para posterior etapa de transcrição. Foram entrevistados 10 (dez) nativos residentes no Brasil por meio de gravações de áudio em ambiente fechado para garantir a qualidade da gravação. As perguntas elaboradas foram adequadas a cada informante, a fim de incentivá-los a falar o máximo possível, com interferência mínima do pesquisador. As perguntas e respostas foram formuladas em língua espanhola e em situação de informalidade. Os primeiros 5 (cinco) minutos das gravações foram descartados e cada entrevista durou, em média, entre 30 e 40 minutos, totalizando cerca de 3 (três) a 4 (quatro) horas de gravação.

Todos os dados que, de alguma maneira, identificavam os informantes foram excluídos da pesquisa, a fim de preservar sua identidade, como lhes foi garantido antes das entrevistas e perante o Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco.

Para desenvolvermos o estudo, foram selecionadas variáveis linguísticas e seus respectivos fatores a partir das quais os dados selecionados foram codificados. A seguir, são apresentadas essas variáveis, tendo, à sua esquerda os códigos utilizados para posterior análise comparativa e estatística e, abaixo de cada uma, são apresentados exemplos extraídos de nosso *corpus*.

3.4 Variáveis selecionadas

Para analisarmos os dados a partir do que já foi verificado em pesquisas sobre o PB, selecionamos as variáveis que foram usadas para codificarmos as incidências de sujeitos plenos e nulos. As variáveis que destacamos como pontos fulcrais de observação são:

Variável Dependente

1- Sujeito Nulo

(1) “ __ Soy brasileño”. (Informante 7, 37 anos , Salamanca)

2- Sujeito Pleno

(2) “**Yo** vengo de un país en que la gente esta todo el tiempo, tiene todo el dia libre para estudiar o hacer lo que quiera.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

Variáveis Independentes

• *Posição do sujeito pleno:*

A- Sujeito pré-verbal

(3) “**Yo** menos maduro me hubiera desesperado o hubiera llegado a circunstancia de enfrentamineto”. (Informante 5, 50 anos, Madri)

B- Sujeito pós-verbal

(4) “Todos los días, salimos **nosotros** a trabajar”. (Informante 7, 37 anos , Barcelona)

• *Tipo do verbo:*

C- Verbo intransitivo

(5) “El comerciante **negocia**... es esto que hago... vivo bien en Brasil”. (Informante 4, 48 anos, Madri)

D- Verbo transitivo

(6) “Yo veo mucha mediocridad al rededor”. (Informante 5, 50 anos, Madri)

E- Verbo inacusativo

(7) “Llegado de improviso, se puso a trabajar ” (Informante 1, 45 anos , Burgos)

F- Verbo de ligação

(8) “Yo soy una persona de la madure.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

- **Tipo de Oração**

G- Oração encaixada

(9) “No creo que nosotros vuelvamos definitivamente a España”. (Informante 3, 60 anos Cataluña)

H- Outras orações

(10) “Yo no conozco outras áreas, pero me imagino porque alguien me contó”. (Informante 5, 50 anos, Madri)

- **Duplicação do Sujeito Pleno**

L- (+) duplicação

(11) “Mi esposo, él es brasileño”. (Informante 6, 42 anos, Salamanca)

M- (-) duplicação

(12) “En un mes yo lo entendia todo”. (Informante 9, 18 anos, Madri)

- **Referência semântica do sujeito**

N - 1ª pessoa do singular (“Yo”)

(13) Como profesional **yo** soy un poco lo mismo... **Yo** creo que acabó la etapa de expectativas personales... que __ puedo ser o que __ puedo llegar... __ Creo que **yo** he llegado a donde __merecia.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

O - 2ª pessoa do singular (“Tú”)

(14) “Entonces, se **tú** dices algo de esse tipo es porque ____ no lo sabes nada”. (Informante 10, 37 anos, Valência)

P - 3ª pessoa do singular (“Él / usted”)

(15) “Mi hermano vivia en Brasil, **él** há llegado primero aquí...” (Informante 7, 37 anos, Barcelona).

Q - 1ª pessoa do plural (“Nosotros”)

(16) “Porque es importante, porque **nosotros** cuando hablamos utilizamos gramática”. (Informante 5, 50 anos, Madri)

R - 2ª pessoa do plural (“Vosotros”)

(Sem ocorrências)

S - 3ª pessoa do plural (“Ellos / Ustedes”)

(17) “Eso dicen **Ellos**” (Informante 5, 50 anos, Madri)

- **Faixa Etária**

(+) Mais de 40 anos

(-) Menos de 40 anos

No início, tínhamos como objetivo analisar a variável (+) concordância e (-) concordância, contudo, ao percebermos que os dados apresentaram 100% de concordância, decidimos não mais levar em consideração esta variável. Tal informação indicou, à guisa de conclusão, que a língua em análise apresenta AGR rico.

Além de observarmos os dados à luz dessas variáveis, buscaremos relacionar os resultados encontrados ao tempo de permanência dos nativos espanhóis no país, a fim de discutirmos, portanto, o atrito linguístico segundo as diferentes etapas sugeridas por Sharwood Smith (1983).

3.5 Codificação dos dados

Após a codificação dos dados, foi realizada a contagem dos dados por meio do programa *Excel* do pacote *Office* da *Microsoft* e a análise estatística comparativa dos resultados obtidos. A codificação dos dados se fez por meio de análise do contexto frasal com base nas variantes dependentes e independentes. Cada frase foi decomposta e cada variante foi codificada por meio da letra ou símbolo correspondente à sua categoria. Desse modo, a nível de exemplo, para a frase “ Yo veo mucha mediocridad al rededor” equivale a seguinte codificação representada em (18):

(18) Yo veo mucha mediocridad al rededor: **2 / A / D / H / M / N / (+)**

Tal codificação se traduz em: Sujeito pleno / sujeito pré-verbal / verbo transitivo / outras

orações/ - duplicação / 1ª pessoa do singular / + concordância / Mais de 40 anos

A codificação dos dados nos permitirá colocar em gráficos quantitativos as ocorrências de cada variável.

CAPÍTULO 4

Análise dos dados

[...] é necessário, entre outras coisas, determinar empiricamente as propriedades lingüísticas que são universais e constantes nas línguas e as que variam de uma língua para a outra. Para o que se refere às propriedades lingüísticas variáveis, trata-se igualmente de determinar os limites da variação possível. Esse tipo de informação que só pode ser obtida pelo estudo comparativo tem uma importância decisiva para os objetivos cognitivos do programa de pesquisa em gramática gerativa.

(Luigi Rizzi)

4.1 Ocorrência de sujeitos nulos e Plenos no EE: evidências de interferências do PB?

De acordo com os nossos dados, 1499 frases, e tomando por base a variável dependente, a análise quantitativa revela uma maior ocorrência de sujeitos nulos (50,7%), sendo a diferença percentual pequena em relação aos sujeitos plenos, que apresentaram 48,6% das ocorrências (entre os sujeitos expressos, 85% foram evidenciados em posição posposta e 15% em posição anteposta ao verbo):

(Sujeito pronominal)	Nulo 50,7%	Expresso 48,6% (734)	
		Anteposto	Posposto
Nativos residentes no Brasil	(765)	624 (85%)	110 (15%)

Quadro 12: Quantitativo geral de sujeitos plenos e nulos no *corpus* da pesquisa

O resultado acima, ao que tudo indica, vem a corroborar nossa hipótese norteadora de que, embora o EE seja uma língua de sujeito nulo prototípica (cf. MORAES, 2003; SOARES E SILVA, 2006; CAPILLA, 2007; CAMACHO, 2008), parece estar havendo interferência do PB nos dados produzidos por falantes nativos dessa língua que residem no Brasil há mais de 10 anos, pois a diferença percentual entre sujeitos nulos e plenos é de apenas 2,1% (cf. quadro 12), ao contrário do que ocorre nos dados de Soares e Silva (2006) que trabalhou com a gramática do espanhol falado em Madri em que a diferença entre esses sujeitos é de 46%:

SUJEITO PRONOMINAL	NULO	EXPRESSO	
		ANTEPOSTO	POSPOSTO
LOCALIDADE			
MADRI	1172 (73%)	301 (19%)	121 (8%)

Quadro 13: Quantidade

tivo de sujeitos nulos e plenos no EE de Madri.

Vale referirmos também que a restrição do uso de sujeitos plenos a alguns contextos específicos (desambiguação, ênfase e contraste) não foi observada também nos nossos dados com a frequência esperada em uma língua de sujeito nulo prototípica. Nesse sentido, a língua espanhola falada pelos informantes nativos residentes no Brasil se comportou de forma similar ao PB, com um uso expressivo de sujeitos plenos pré-verbais. Assim, algumas questões se colocam, a saber:

- a) em que contextos, há predominância de sujeitos plenos nos dados?
- b) será que esses contextos assemelham-se aos que são encontrados em PB, conforme observado em alguns estudos?
- c) há evidências de contextos que seriam obrigatórios de sujeitos nulos em EE, mas que apresentam sujeitos plenos nos dados coletados?

d) será que a morfologia de flexão nos dados analisados é rica no EE? Se sim, o que justificaria então o percentual de 49% para sujeitos plenos nesses dados? A essas perguntas, pretendemos responder neste capítulo.

Em sua pesquisa intitulada *Espanhol e Português em Contato: O Atrito da L1 de Imigrantes Espanhóis no Brasil*, Capilla (2007) observou interferências significativas quanto ao preenchimento da posição de sujeito nulo por sujeitos plenos, ao comparar a quantidade desse preenchimento por nativos residentes no Brasil e por nativos que vivem em contextos monolíngues¹¹:

PRONOMES	ENTREVISTAS								CORPUS MONOLÍNGÜE	
	I	II	III	IV	V	VII	VIII	X	COREC entrevista	COREC conversação
YO	25	20	22	27	24	19	16	13	3	9
TU	1	4		5	7	2	1	2	2	4
ÉL		1			1	2		4		
ELLA		5	5			1				
USTED					6	4			1	4
NOSOTROS			2			3	1			1
VOSOTROS										
ELLOS	1	2								
ELLAS									1	

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

Quadro 14: Comparativo de preenchimento dos nativos residentes no Brasil com o dos nativos que vivem em contextos monolíngues extraídos de Capilla (2007, p.84)

Segundo os resultados da autora, que utilizou a metodologia¹² sociolinguística para

11 Dados extraídos do corpus *Corpus Oral de Referencia del Español Contemporáneo* (COREC), da Universidade Autônoma de Madri, editado por Marcos Marín.

12 É importante salientar que a pesquisa de Capilla (2007) se enquadra na área da Linguística Aplicada e que, embora a autora tenha observado o PSN em seus dados, os fins que a guiaram foram diferentes dos objetivos desta dissertação. A autora classifica seu estudo, devido ao baixo número de informantes (8), como um estudo de caso.

coleta de dados, o número de sujeitos plenos de primeira pessoa, *yo*, é consideravelmente elevado se comparado com o *corpus* monolíngue:

A média de pronomes *yo* “eu” usados nas entrevistas é de 20, frente a 6 nas amostras do COREC. Também se observa um aumento do uso dos pronomes de terceira pessoa, especialmente do singular, *él* “ele” e *ella* “ela”; nos extratos das entrevistas aparecem estes 19 vezes, mas nenhuma no COREC (CAPILLA, 2007, p. 84).

Em um quadro mais detalhado, verifiquemos o número de ocorrências de sujeitos plenos e nulos referente a cada um dos 10 informantes, tomando por base a referência semântica de cada pessoa do discurso:

Pronomes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Yo	52	45	62	48	34	24	45	20	36	38	404
Tú	6	2	7	3	4	2	3	3	4	3	37
Él / Ella	9	8	7	10	6	12	11	3	5	10	81
Nosotros / Nosotras	15	12	16	11	8	17	18	9	10	9	125
Vosotros / Vosotras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Ellos / Ellas	10	7	9	6	8	11	9	13	6	8	87

Quadro 15: Ocorrência de sujeitos plenos por pessoa do discurso nos dados da pesquisa

Pronomes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Total
Yo	43	36	38	34	46	38	32	52	27	29	375
Tú	5	5	9	3	6	3	8	5	3	7	54
Él / Ella	8	9	11	7	11	10	6	16	7	14	99
Nosotros / Nosotras	4	2	3	4	5	1	-	2	-	1	22
Vosotros / Vosotras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Ellos / Ellas	14	10	9	13	15	7	15	11	9	12	115

Quadro 16: Ocorrência de sujeitos nulos por pessoa do discurso.

Observem-se alguns exemplos extraídos de nosso *corpus* que contêm sujeitos plenos e nulos no EE:

A) Sujeitos com referência semântica de 1ª pessoa:

- (1) “Como profesional **yo** soy un poco lo mismo... **Yo** creo que acabó la etapa de expectativas personales... que ___ puedo ser o que ___ puedo llegar... ___ Creo que **yo** he llegado a donde ___ merecia.” (Informante 5, 50 anos, Madri)
- (2) “**Yo** evito las peleas, **yo** evito las contiendas...” (Informante 1, 45 anos, Burgos)
- (3) “**Yo** tuve muy claro y después de intentar ser outras cosas... em el religioso no me aceptaron, entonces **yo** dice que no ___ queria perder el contato com el mundo”. (Informante 2, 27 anos, Cataluña)
- (4) “Cuando **yo** llegué **yo** no hablaba una palabra siquiera...” (Informante 10, 37 anos, Valencia).
- (5) “Porque es importante, porque **nosotros** cuando hablamos utilizamos gramática”. (Informante 5, 50 anos, Madri)

B) Sujeitos com referência semântica de segunda pessoa:

- (6) “Entonces, se **tú** dices algo de esse tipo es porque ___ no lo sabes nada”. (Informante 10, 37 anos, Valencia)
- (7) “La gente se queda... dice: bueno, es que **tú** sabes mucho o **tú** lo dice de una manera...” (Informante 5, 50 anos, Madri)
- (8) “Se **tú** no sabes **tú** lo preguntas y ciertamente, alguien te lo contestará”. (Informante 3, 60 anos, Cataluña)
- (9) “**Tú** lo sabes bien...” (Informante 1, 45 anos, Burgos)
- (10) “Llega un momento en la vida que o **tú** te callas o ___ hablas lo que ___ piensas”. (Informante 4, 48 anos, Madri)

C) Sujeitos com referência semântica de terceira pessoa:

- (11) “Eso dicen **Ellos**” (Informante 5, 50 anos, Madri)
- (12) “Mi esposo, **él** es brasileño”. (Informante 6, 42 anos, Salamanca)

(13) “Mi hermano vivia en Brasil, él há llegado primero aquí...” (Informante 7, 37 anos, Barcelona)

(14) “Pues él no es linguista... Bakhtin no es linguista... __ Es filósofo”. (Informante 5, 50 anos, Madri).

Tomando por base o número de ocorrências, vejam-se os gráficos, a seguir, em que são apresentados os resultados percentuais de sujeitos nulos e plenos:

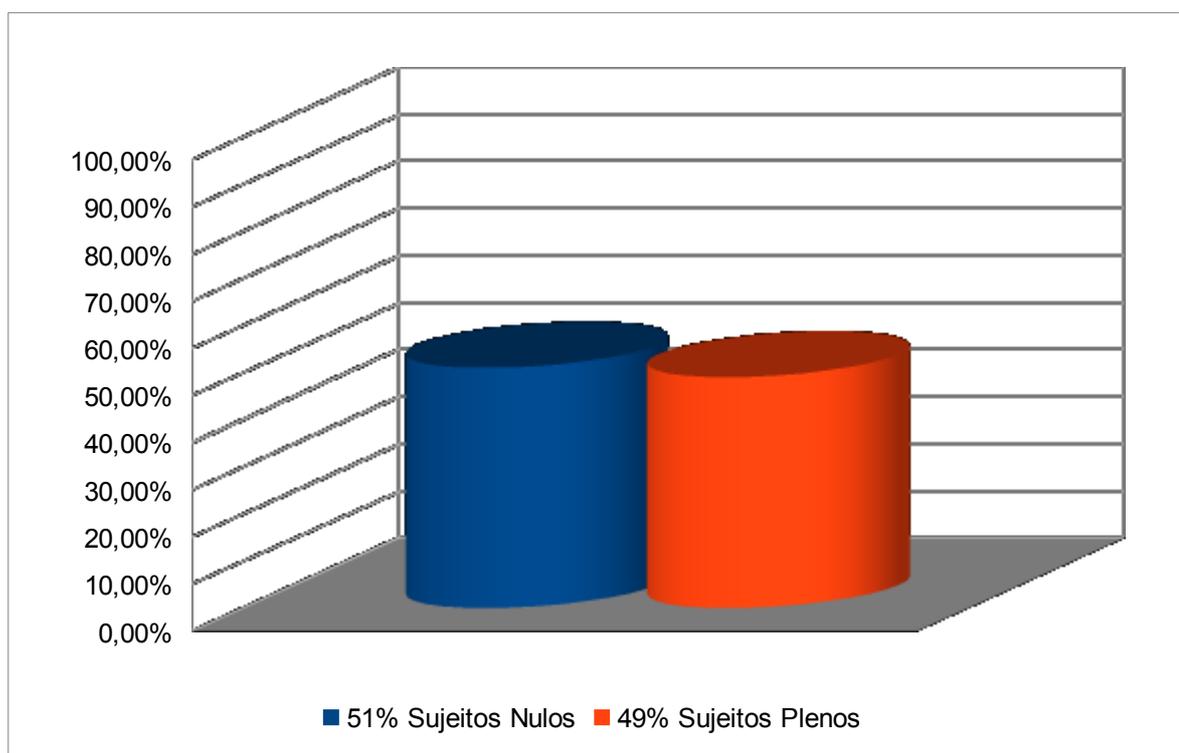


Gráfico 1: Sujeitos nulos e plenos nos dados da pesquisa

Segundo a referência semântica pronominal (por pessoa do discurso), o quantitativo de sujeitos nulos encontrado em nossos dados está ilustrado no gráfico 2, e sujeitos plenos, no gráfico 3:

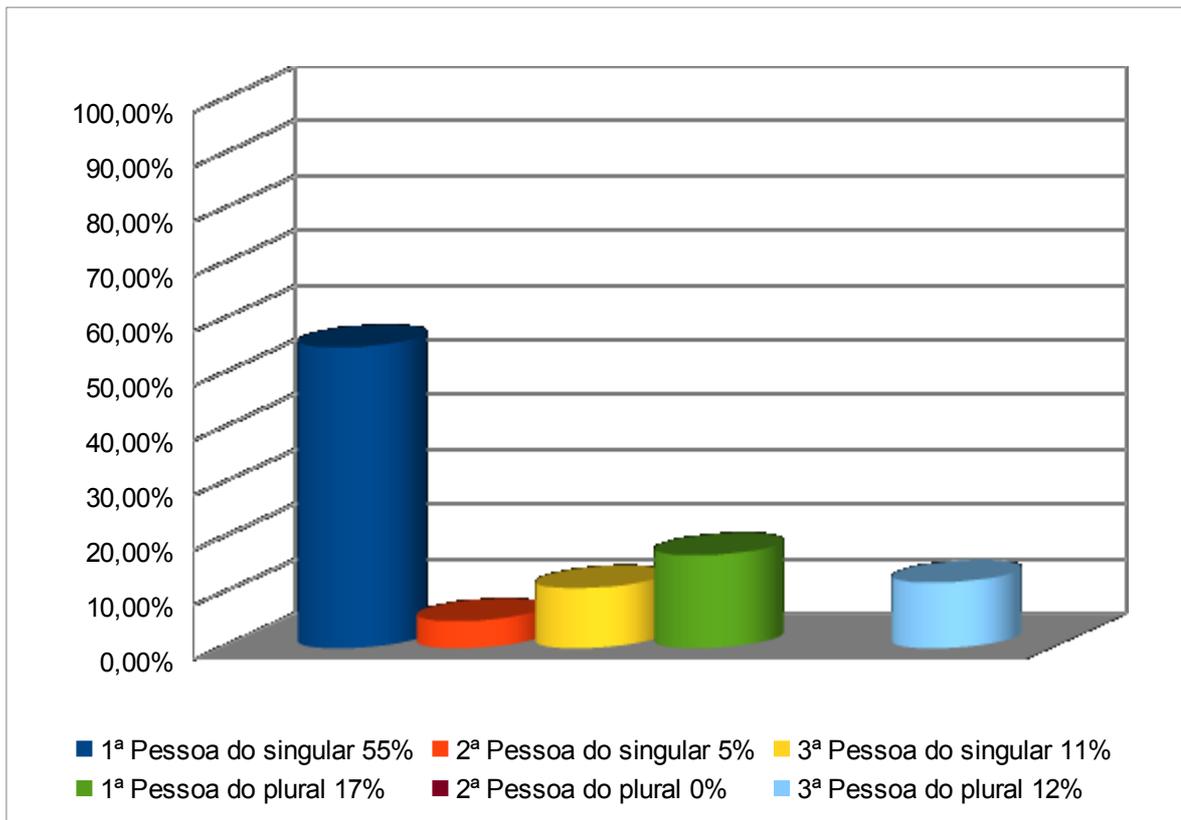


Gráfico 2: Sujeitos nulos no *corpus* da pesquisa, tomando por base a referência semântica

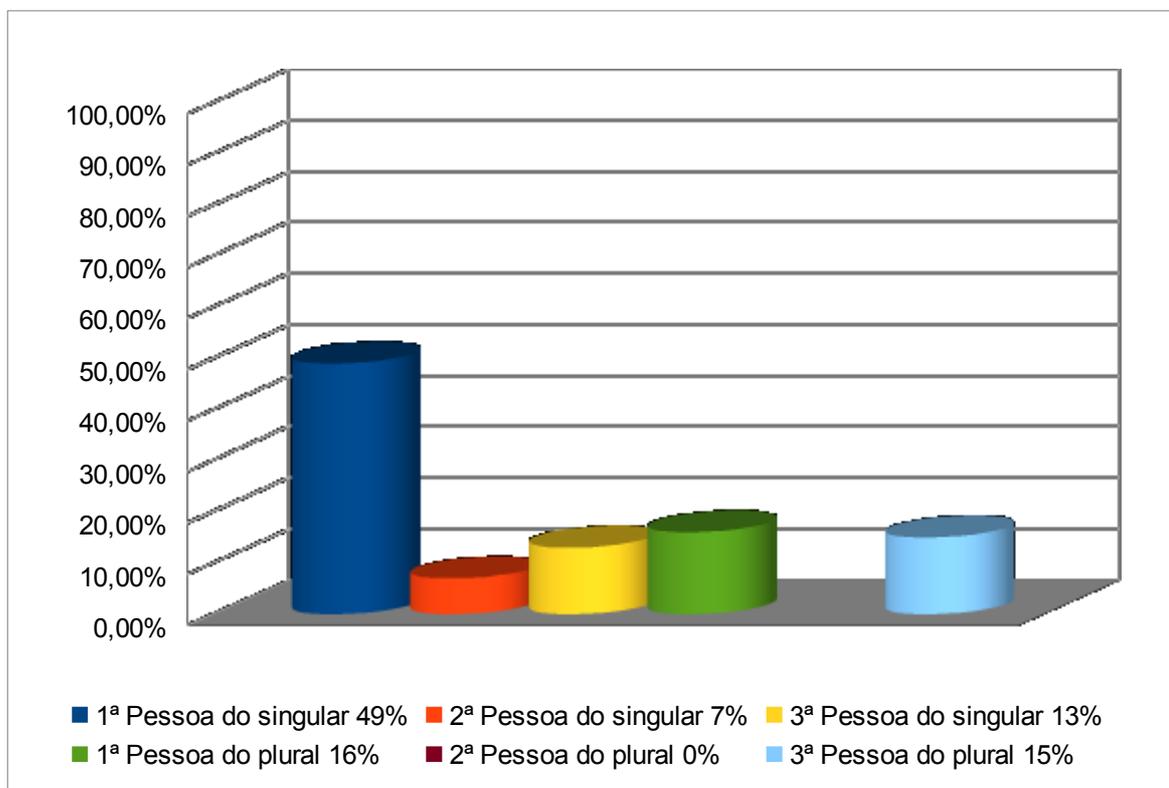


Gráfico 3: Sujeitos plenos no *corpus* da pesquisa, tomando por base a referência semântica

Em PB, sabemos que há preferência por sujeitos plenos referenciais (cf. DUARTE, 2000; KATO, 1999; GALVES, 2001), ao passo que o EE, em contextos monolíngues, privilegia sujeitos nulos conforme já enunciado. Percebemos que há uma preferência na fala dos nossos informantes por pronomes de 1ª e 3ª pessoa. A alta frequência de sujeitos de primeira pessoa, no nosso ponto de vista, tem a ver, também, com o tipo de gênero textual: entrevistas informais feitas diretamente com o informante em que eles deveriam de expor sua opinião sobre os questionamentos feitos pelo entrevistador.

Segundo Silva-Corvalán (1994, p.163), a maior ocorrência de expressão do pronome *yo* é comum em diferentes variedades de espanhol em contextos monolíngues. Em sua opinião, tal prevalência poderia ser explicada como “consequência da natureza egocêntrica da comunicação verbal”. Já Capilla (2007, p. 84) argumenta que “embora esta análise não seja exaustiva, a maior frequência dos pronomes é um indício de mudança nos padrões de uso destes, que implica uma certa convergência na direção dos padrões do português brasileiro”.

Sobre a grande ocorrência de sujeitos com referência de primeira pessoa, Capilla (2007, p. 85), citando Seliger (1989, p. 173), afirma que:

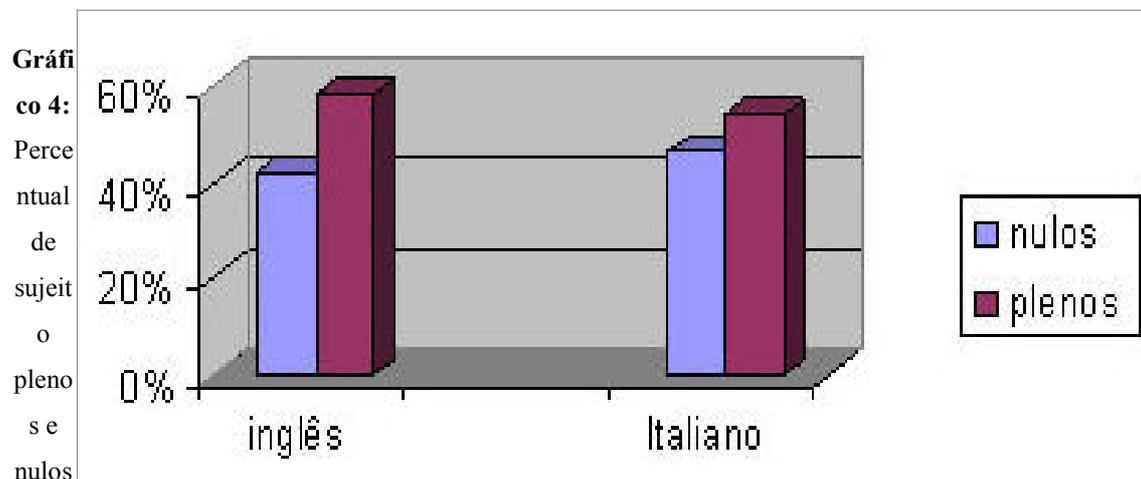
o fenômeno que nos ocupa poderia ser interpretado como uma manifestação do Princípio de Redução da Redundância (*redundancy reduction*): a regra que determina a expressão/omissão do pronome sujeito no espanhol é relativamente complexa; conseqüentemente, é substituída pela regra do português (que tende a não permitir o sujeito nulo), formalmente menos complexa e com uma distribuição maior.

A partir dos dados obtidos nesta pesquisa, verificamos que esses refutam a tese da aquisição por transferência, uma vez que seria esperado que encontrássemos um número bem superior de sujeitos nulos em detrimento dos sujeitos plenos nos dados dos espanhóis analisados, principalmente, por estarem falando em língua materna.

A ideia de transferência postula que falantes de uma dada língua materna (L1), em processo de aquisição de uma língua estrangeira (L2), partem, necessariamente da sua L1, transferindo seus parâmetros, supostamente já fixados na infância, para a L2: *Hipótese de Acesso Parcial* (HAP) (cf. SCHACHTER, 1989; STROZER, 1992). Os defensores dessa

hipótese acreditam que a GU age parcialmente na aquisição de L2 e entendem que o acesso à GU se dá por intermédio da primeira língua, com parâmetros já estabelecidos, que servirão de base para a aquisição da segunda.

Em pesquisa similar, Xavier (2008) apresenta-nos dados que corroboram a fragilidade da Hipótese de Acesso Parcial (HAP) em período de aquisição de L2 por falantes de uma língua pro-drop (Italiano) e por falantes de uma língua não-pro-drop (inglês). Em seus dados, a autora observou que os falantes de italiano apresentaram um número significativo de sujeito pleno em relação ao sujeito nulo e os falantes de inglês apresentaram mais sujeito nulo que o esperado para falantes de uma língua não-pro-drop:



de Xavier (2008, p.358)

Em linhas gerais, a autora conclui:

[...] sendo o Italiano uma língua de sujeito nulo, e o Inglês, de sujeito preenchido, esperaríamos encontrar um percentual muito mais alto de nulos nos dados dos falantes de Italiano, se a tese da transferência ou da $S_0 = L_1$ fossem verdadeiras. Da mesma forma, esperaríamos encontrar apenas sujeitos preenchidos nos dados dos falantes de Inglês. (XAVIER, 2008, p. 104).

Não assumimos a HAP, levantamos a hipótese de que a L1 não é ponto de partida na aquisição da L2 (com associações de parâmetros de L1 em L2, como defendem, por

exemplo, Schachter (1989) e Strozer (1992)) porque existe interferência, também, de L2 em L1. O que ocorreria, portanto, seria uma reestruturação de parâmetros mediante diferentes *inputs*, o que não corrobora a soberania do *input* com relação ao inatismo, mas sim a possibilidade de acesso à GU após o período crítico.

Vale ressaltarmos que, quando levantamos tal hipótese, não estamos afirmando que o EE falado pelos espanhóis residentes no Brasil deixou de ser uma língua de marcação positiva para o PSN, tampouco que passou a ser uma língua de marcação negativa, até porque a língua que exerce influência sobre o espanhol analisado em nossos dados, o PB, também não se enquadra mais em nenhuma das marcações.

Retomando o caso do PB, percebemos, no capítulo 2, que essa língua não é mais considerada de sujeito nulo prototípica como o PE, o italiano e o espanhol, tampouco uma língua de sujeito pleno, como o inglês e o francês, situando-se nesse ínterim como uma língua em processo de mudança, a saber, uma língua semi-pro-drop, para alguns, e mista, para outros.

O importante em nossa discussão é pontuarmos em que contextos ocorrem possíveis interferências do PB no EE e responder à primeira pergunta levantada neste capítulo, *em que contextos, há predominância de sujeitos plenos nos dados?*, tomando como base os dados coletados durante a pesquisa. Desse modo, elencamos os seguintes contextos, sendo alguns retomados da seção 2.2.4 do capítulo 2.

a) contexto de oração coordenada:

O EE e o PE coincidem em suas regras de preenchimento da posição de sujeito. Importa ainda mencionarmos que o espanhol se comporta como o PE nas estruturas coordenadas:

Gonçalves (1994) verifica que no PE a não-realização fonética do sujeito é obrigatória na oração coordenada quando ele é correferente com o sujeito de terceira pessoa da oração coordenante. Contudo, sendo a referência disjunta, quando os sujeitos das duas orações são de terceira pessoa, a realização fonética do sujeito é obrigatória. (TAVARES SILVA, 2004, p. 303).

O PB, no entanto, apresenta algumas diferenciações com relação ao PE e ao EE, pois, em PB, o sujeito realizado foneticamente na oração coordenada pode ter leitura correferente ou disjunta (cf. (20)), ao contrário do PE e do EE, que só admitem a leitura disjunta. Observemos exemplos para cada língua em discussão:

PE13:

(15) O João_i viu o Pedro_j no cinema, mas $e_{i/*j}$ não lhe falou.

(16) O João_i viu o Pedro_j no cinema, mas ele_{*i/j} não lhe falou.

EE14:

(17) Juan_i vio a Pedro_j en el cine, pero $e_{i/*j}$ no le habló.

(18) Juan_i vio a Pedro_j en el cine, pero él_{*i/j} no le habló.

PB15:

(19) João_i viu Pedro_j no cinema, mas $e_{i/*j}$ não falou com ele.

(20) João_i viu Pedro_j no cinema, mas $e_{i/j}$ não falou com ele.

Com relação aos nossos dados sobre o preenchimento da posição sujeito em contextos de oração coordenadas, verificamos sujeitos correferentes nos seguintes exemplos:

(21) “Mi vecino_i no habla español, pero él_i se esfuerza para mantener contacto, para hablar de

13 Todas as frases do Português Europeu aqui apresentadas foram extraídas de Gonçalves (1994 apud TAVARES SILVA, 2004).

14 As frases do Espanhol Europeu são frutos de dados de introspecção já citados anteriormente.

15 As frases do Português Brasileiro foram retiradas de Tavares Silva (2004).

cosas...” (Informante 6, 42 anos, Salamanca)

(22) “Él trajo libros, postales y entonces, mi amigo, él me ponía clases y ___ hablaba de cosas que ___ no conocía.” (Informante 9, 18 anos, Madri)

Em (21), em que há correferência entre o sujeito da oração coordenada com o sujeito da oração coordenante, era esperada a omissão do sujeito da oração coordenada por não haver situação de ênfase ou de contraste. Contudo, a omissão não foi observada pelo informante, indo na direção do PB.

Já em (22), além de preencher a posição do sujeito com um sujeito pleno correferente, fato comum no PB, o informante também usa sujeito nulo correferente ao sujeito da oração coordenante. Quanto ao sujeito do verbo *conocer* que se encontra em uma oração relativa, verificamos que, segundo a regra de desambiguação, deveria ser preenchido por um pronome ou por um sujeito nominal, pois se trata do pronome *Yo*, haja vista que o tópico discursivo foi dado na pergunta feita pela entrevistadora: “Você já teve aulas de português?” à qual o informante respondeu que nunca teve aulas formalmente, mas que um amigo lhe ajudava com a aprendizagem da língua. Assim, percebe-se, mais uma vez, uma semelhança com o PB, língua de orientação para o tópico, pois o EE recorre ao discurso para recuperar a referência do sujeito nulo.

b) em contexto de oração subordinada:

Nas estruturas subordinadas finitas completivas, nas quais as leituras correferente e disjunta estão disponíveis no PE e no EE ao pronome realizado foneticamente ou não na oração subordinada, o PE, o EE e o PB se comportam da seguinte maneira:

PE: a realização fonética do sujeito não é obrigatória: sujeito nulo ou preenchido pode ser correferente com o sujeito da oração principal ou pode receber leitura disjunta (GONÇALVES, 1994 apud TAVARES SILVA, p.310):

(23) O João_i disse ao Pedro_j que $e_{i/j}$ estava enganado.

(24) O João_i disse ao Pedro_j que ele_{i/j} estava enganado.

EE: a realização fonética do sujeito não é obrigatória: sujeito nulo ou preenchido pode ser correferente com o sujeito da oração principal ou pode receber leitura disjunta, à semelhança do PE.

(25) Juan_i le dijo a Pedro_j que $e_{i/j}$ estaba engañado.

(26) Juan_i le dijo a Pedro_j que él_{i/j} estaba engañado.

PB: a não realização fonética do sujeito é preferível quando ele é controlado pelo sujeito da oração principal, podendo também ser correferente com um tópico discursivo (TAVARES SILVA, 2004). É agramatical o controle do objeto indireto sobre a categoria vazia, ao contrário do que ocorre em EE.

(27) O João_i disse a Pedro_j que $e_{i/*j}$ estava enganado.

(28) Juan_i le dijo a Pedro_j que $e_{i/j}$ estaba engañado.

(29) Juan_i le dijo a Pedro_j que él_{i/j} estaba engañado.

Estudos mostram que em PB os contextos das orações subordinadas completivas (orações encaixadas) são favorecedores de sujeitos nulos (cf. FERREIRA, 2000, KATO, 1999), haja vista que o sujeito da oração principal controla o sujeito da oração subordinada, em outros termos, o sujeito nulo é recuperado por uma informação já dada no domínio do discurso (cf. (30)) como ocorre no chinês (cf. (31)):

(30)

a. Ele_i disse [que *cv* comprou um carro].

b. Você_i disse [que *cv* comprou um carro].

FERREIRA, (2000, p. 17)

(31)

[Zhangsan₂ fangwen de ren]1 xiwang $e_1/*_2/*_3$ neg ying.

Zhangsan visitar DE pessoa esperar pode vencer

‘A pessoa que Zhangsan visitou esperava que [ele] pudesse ganhar.’

MODESTO, (2004, p. 128)

Vejamos agora estes exemplos extraídos de nosso *corpus*:

(32) “__ Creo que **yo** he llegado a donde __merecia.” ...” (Informante 5, 50 anos, Madri)

(33) “[...] en el religioso no me aceptaron, entonces **yo** dice que __ no queria perder el contato con el mundo”. (Informante 5, 50 anos, Madri)

Em (32) e (33), observamos uma alternância entre o uso de sujeito nulo e pleno em contextos de oração encaixada, havendo leitura de correferência entre o sujeito da oração principal e o sujeito da oração encaixada, um fato também observado em PB. Não obstante, em contexto monolíngue, a frase (32) não seria produzida, pois a flexão verbal presente na oração subordinada seria capaz de recuperar os traços do sujeito, a saber: 1ª pessoa do singular.

Em nossos dados, o número de orações subordinadas foi, relativamente, superior ao número de orações coordenadas. Ver gráfico a seguir:

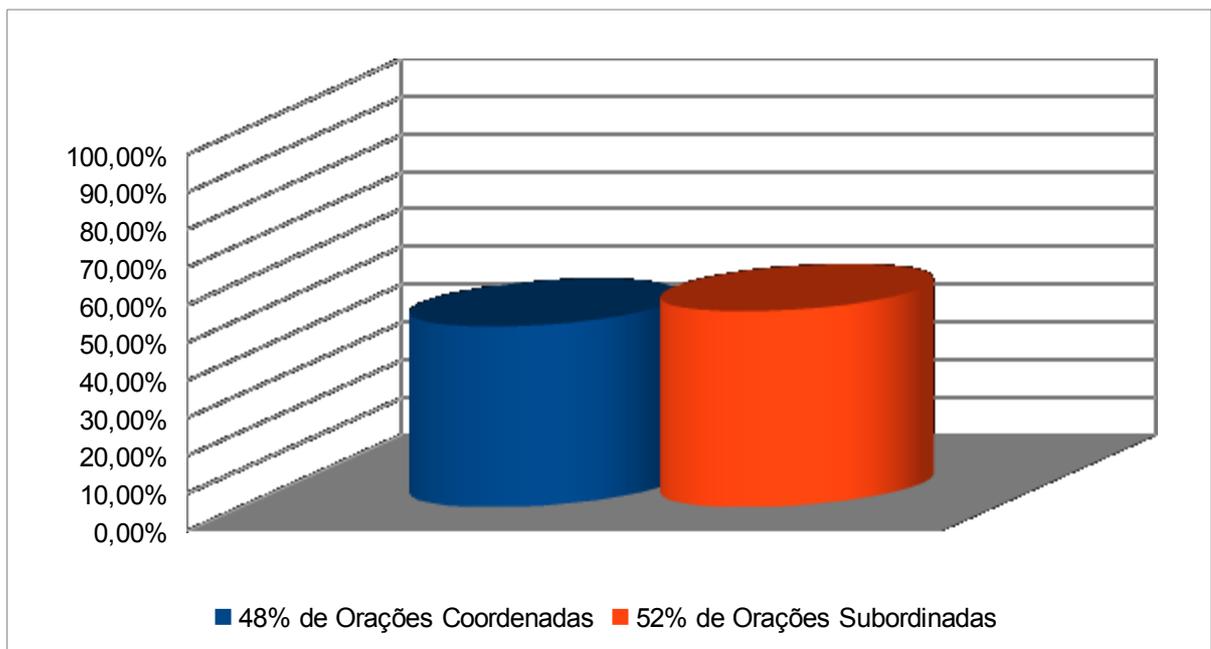


Gráfico 5: Orações coordenadas e subordinadas encontradas no corpus da pesquisa

c) em contexto de duplicação de sujeito

Pesquisas têm observado que contextos com duplicação de sujeitos são recorrentes em PB (cf. TAVARES SILVA, 2004; DUARTE, 2000; SPANÓ, 2008), servindo como uma das estratégias de preenchimento da posição sujeito em virtude do processo de mudança que vem sofrendo. Nesses contextos, tem-se assumido que os sujeitos estão deslocados à esquerda da frase, sendo retomados, na posição sujeito por um pronome (a saber: o pronome resumptivo ou lembrete). De acordo com Soares e Silva (2006, p. 80), “[...] a duplicação de pronomes é típica de línguas de sujeito pleno”.

Sendo o EE uma língua de sujeito nulo prototípica e com base na verificação de Soares e Silva (2006), acreditamos que se comporta de maneira semelhante ao PE em relação à duplicação, afastando-se do PB que não apresenta as mesmas restrições. Em PE, não ocorre duplicação de sujeitos em oração encaixada (cf. COSTA; GALVES, 2002). Ademais, entre o sujeito e o pronome que o duplica, deve haver obrigatoriamente um corte entonacional (representado graficamente por uma vírgula) (cf. (34)), além de haver, em certos casos, leitura de foco contrastivo obrigatoriamente (cf. (35)).

(34) *O João... ele estupidamente entornou o café.*

(COSTA, 2003, p. 39)

(35) A: Quem foi à praia?

B: *O Pedro...ele foi, os outros não sei.*

(COSTA; GALVES, 2002, p. 119)

O mesmo fenômeno verifica-se na gramática adulta do falante monolíngue de espanhol, em que as duplicações são sempre acompanhadas de uma pausa entoacional (cf. LI E TOMPSOM, 1976; GIVÓN, 1973, 1984; CAVIGLIA, 1993; VELOSO, 2009).

No que se refere à duplicação do sujeito em PB, Tavares Silva (2004, p. 369), realizando uma comparação entre essa língua e o PE, verifica:

Muito produtivas na gramática do PB, as construções com duplicação do sujeito

ocorrem quer em sentenças principais, quer em sentenças subordinadas, podendo haver ou não um corte entoacional, bem como outros constituintes que intervenham entre eles, conforme observa Duarte (2000).

Nas frases em (36), ocorre duplicação com sujeitos que são definidos ou não, ao contrário do que ocorre, por exemplo, em francês (37):

(36) a. [Essa competência]_i, ela_i é de natureza mental.

b. [Mulher nenhuma]_i ela_i pode querer dominar o homem. [[O homem]_i ele_i é livre por natureza [A mulher]_i ela_i tem que aceitar isso.

c. [Toda criança]_i ela_i aprende rápido a gostar de coca-cola.

d. [O que é bom, o que é de qualidade]_i ele_i fica; [o que é ruim]_i ele_i se perde.

(COSTA, 2010, p.126)

(37)

Jean, il est là.

Jean, ele está ali.

“Jean está ali.”

(Ibid., p.127)

Outra assimetria constatada do PB com o PE e o francês é que pode haver ou não a existência de um corte entonacional entre o sujeito e o pronome resumptivo (cf. DUARTE, 2000; TAVARES SILVA, 2004) (cf. (38) (39) e (40)):

(38) Eu acho que um trabalho sério ; ele ; teria que começar por aí.

(39) A Clarinha_i ela_i cozinha que é uma maravilha.

(40) Eu acho que o povo brasileiro_i ele_i tem uma grave doença.

(Duarte, 200, p. 28)

Em nossos dados, conforme apresentado no gráfico 6 e no quadro 17 a seguir, há baixa ocorrência de sujeitos duplicados, havendo semelhança com o PE (língua Pro-drop) e o francês (língua não-pro-drop).

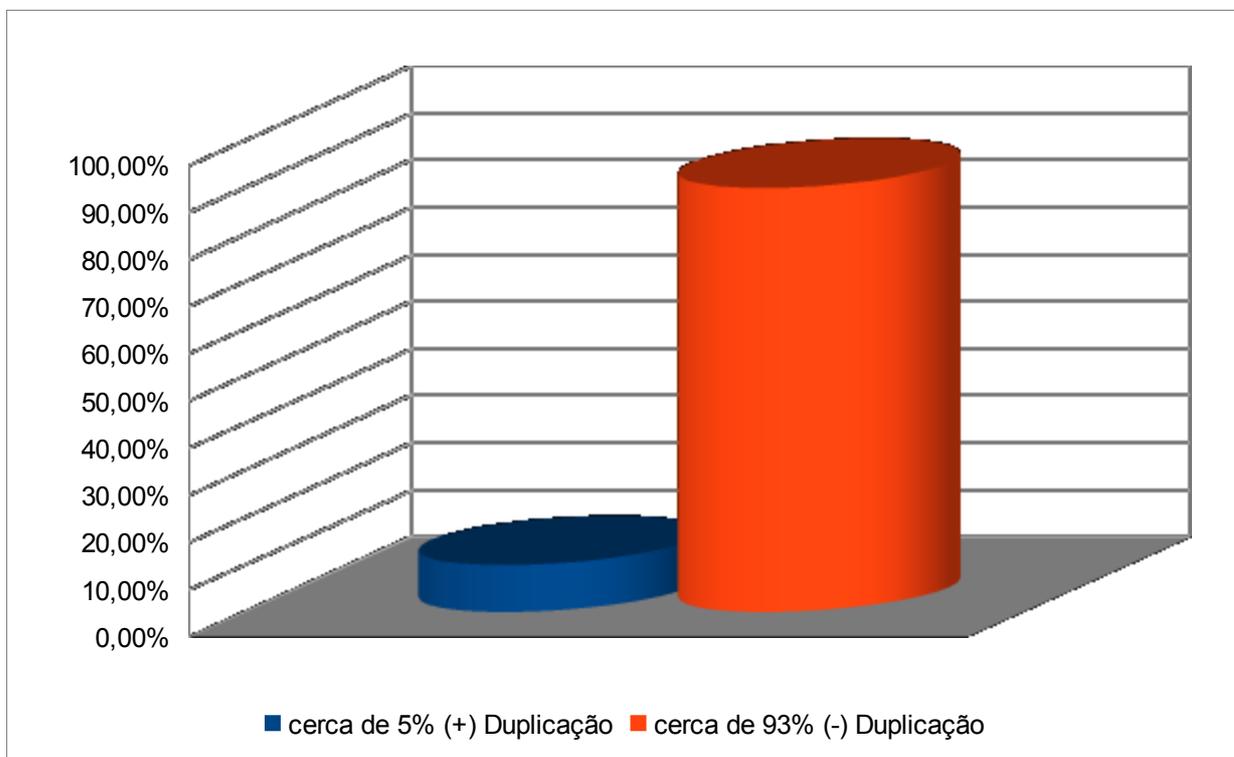


Gráfico 6: Percentual de sujeitos duplicados no *corpus* da pesquisa

Quantitativo de duplicação por informante									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
-	2	5	-	-	5	4	3	4	6

Quadro 17: Ocorrência de duplicação do sujeito por informante

Vale ressaltarmos que apenas 3 (três) dos 10 (dez) informantes (1, 4 e 5) não apresentaram esse tipo de duplicação. São informantes com faixa etária entre 45 e 50 anos, sendo dois deles oriundos de Madri.

Os sujeitos duplicados em análise apresentam as seguintes características: há pausa obrigatória entre o sujeito e o pronome resumptivo, o que implica considerar que não há adjacência sintática entre eles, b) todos são definidos e c) não ocorrem em orações encaixadas:

(41) “*Mi esposo, él es brasileño.*” (Informante 6, 42 anos, Salamanca)

(42) “... *mi amigo él me ponía clases y hablaba de cosas que no conocía.*” (Informante 9, 18 anos, Madri)

(43) “En tiempos de elección, *las persona ellas piensan en mejoras.*” (Informante 3, 60 anos, Cataluña)

(44) “*Este candidato él no está haciendo la cosa cierta...*” (Informante 3, 60 anos, Cataluña)

Vale referimos que, no cômputo geral, foram considerados não apenas os contextos em que sujeitos foram retomados por pronomes, mas também aqueles em que foram retomados por outro sintagma nominal, como nos exemplos abaixo:

(45) “*Las chicas, las chicas de Brasil son muy guapas...*” (Informante 9, 18 anos, Madri)

(46) “*La política, la política es muy importante para la formación del ciudadano.*” (Informante 3, 60 anos, Cataluña)

No concernente à duplicação do sujeito em EE, Spanó (2008, p. 59) afirma que: “deslocamentos à esquerda também são encontradas com frequência no Francês falado, uma língua de sujeito preenchido, porém não são admitidas em línguas de sujeito nulo como Italiano e Espanhol.”. Diante disso e, com base nos resultados obtidos, encontramos casos de duplicação de sujeitos, o que implica dizer que há interferência do PB no EE em relação a esse aspecto sintático.

Em geral, os dados indicam que parece haver uma interferência do PB no valor paramétrico já fixado por esses falantes, ampliando esse parâmetro e causando oscilação entre as marcações positivas e negativas em contextos de orações coordenadas, subordinadas e na duplicação de sujeitos.

Mesmo diante dos exemplos supracitados, o que se percebe é que a morfologia de

flexão nos dados analisados é rica tal qual no EE falado em contextos monolíngues. Tal afirmação pode ser observada no fato de não ter havido casos com ausência de concordância verbal, conforme será apresentado na próxima subseção. Desse modo, como justificar 49% de preenchimento de sujeitos em contextos não-contrastivos ou não-enfáticos nos dados aqui analisados?

Ao que parece, a nossa análise está convergindo com as observações de Huang (1984), pois debruçamo-nos sobre uma língua de morfologia rica que está licenciando sujeitos plenos, ao passo que a autora observou línguas de morfologia pobre que licenciavam sujeito nulo, o que implicaria dizermos que a interface morfologia e sintaxe, ao que tudo indica, não está diretamente relacionada ao PSN.

4.2 Um olhar para a morfologia de flexão verbal e a ordem de palavras: evidências de assimetria entre o PB e o EE?

4.2.1 Natureza da morfologia de flexão verbal

Iniciando a discussão pela última pergunta levantada na subseção anterior, centraremos nossa atenção, a partir de agora, na análise da morfologia de flexão verbal, a fim de verificarmos se é enfraquecida como ocorre com o PB. Para tanto, vejamos o gráfico 7 que apresenta o percentual de presença e ausência de concordância verbal nos dados quer na ordem S(ujeito)V(erbo), quer na ordem V(erbo) S(sujeito):

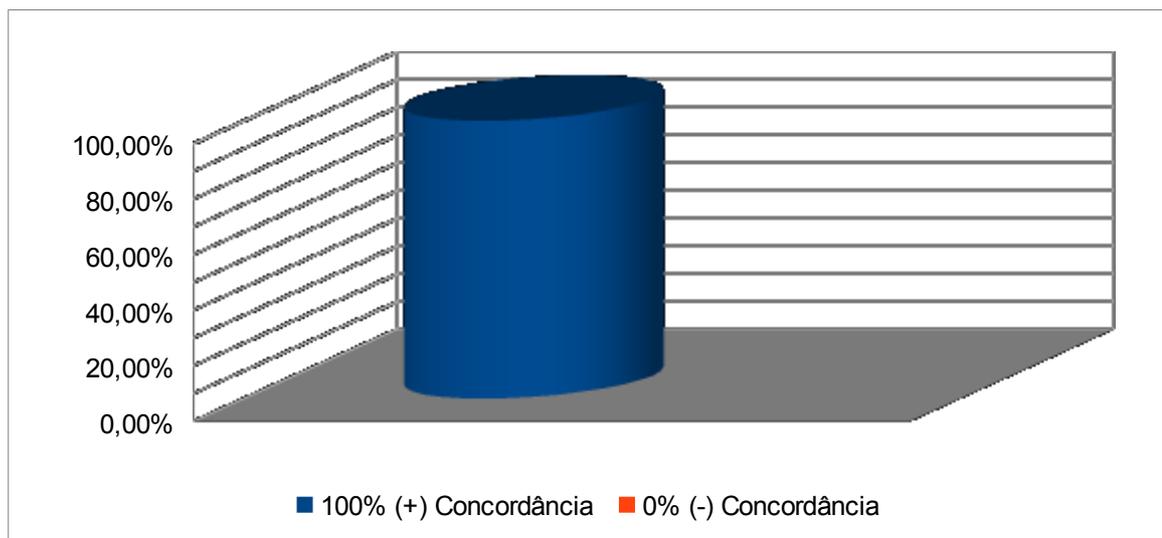


Gráfico 7: Percentual de concordância no *corpus* da pesquisa

Sobre o licenciamento do sujeito nulo, várias reflexões contribuíram na tentativa de explicar o que desencadearia a fixação positiva desse parâmetro. Jaeggli e Safir (1989) acreditam que não é um paradigma rico que autoriza o licenciamento de sujeitos nulos, mas um paradigma uniforme, constituído apenas de desinências (formas derivadas) ou radicais (formas não-derivadas). Assim, um paradigma que contenha as duas formas, segundo os autores, não licencia sujeito nulo.

A ideia mais difundida sobre o PSN está centrada na interface morfologia/sintaxe, conforme já discutida no capítulo 2, que consiste no seguinte: línguas que possuem AGR rico licenciam sujeitos nulos, ao passo que línguas com morfologia de flexão verbal pobre licenciam apenas sujeitos plenos (cf. TARALDSEN, 1978; CONTRERAS, 1991; RIZZI, 1986).

A partir da proposta de Huang (1984), que constatou a existência de sujeitos nulos em chinês, língua que apresenta AGR pobre por essa língua não apresentar marcação de modo, tempo, número e pessoa, novas hipóteses foram levantadas acerca do licenciamento do sujeito nulo. Sobre sujeitos nulos em línguas de morfologia rica, Modesto (2004, p. 121), apoiado em Huang (1984), argumenta que “[...] a presença de argumentos nulos nessas línguas está relacionada a um parâmetro distinto do parâmetro do sujeito nulo: um parâmetro que distingue línguas orientadas para a sentença e línguas orientadas para o discurso, que foi originalmente discutido por Tsao (1977).”.

Em um estudo comparativo entre o chinês e o inglês, Huang constatou que existe uma

assimetria relevante entre a interpretação de pronomes plenos e a interpretação das categorias vazias em línguas que as licenciam, quando os pronomes ou categorias vazias ocupam a posição de objeto em orações completivas. Vejamos exemplos retirados de Modesto (2004, p. 122):

(47)

- a. He came. (Ele veio)
- b. Bill saw him.
- c. John said that he knew Bill.
- d. John said that Bill knew him.

(48)

- a. *e lai-le.*
‘[ele] veio.’
- b. *Lisi hen xibuan e.*
‘Lisi ama [ele].’
- c. *Zhangsan shuo [e bu renshi Lisi].*
‘Zhangsan disse [ele] não conhece Lisi.’
- d. *Zhangsan shuo [Lisi bu renshi e].*
‘Zhangsan disse Lisi não conhecia [ele].’

Nestes exemplos, observamos pronomes (47a e b) e categorias vazias (48a e b) que têm referência no discurso, fora da sentença. Na oração encaixada, a categoria vazia pode fazer referência ao sujeito da oração matriz, ou a um sujeito com referência fora da sentença (48c) e o mesmo ocorre em (47c). A assimetria se concretiza, contudo, quando analisamos as sentenças em (47d) e (48d), pois nesta, ao contrário daquela, a categoria vazia só pode referir-se a alguém que esteja fora da sentença, no discurso.

Modesto defende, portanto, a ideia de que o português, assim como o finlandês e o chinês, são línguas não Pro-drop e são orientadas para o discurso com proeminência de

tópico (cf. HOLMBERG; NIKANNE, 2002; NEGRÃO; VIOTTI, 2000). Sobre esse aspecto e debruçados sobre o nosso *corpus*, uma hipótese plausível para a grande quantidade de sujeitos plenos no EE seria a influência de uma língua orientada para o discurso, coexistindo com uma língua orientada para a sintaxe. Percebemos que a existência de sujeitos plenos nos nossos dados independe da riqueza morfológica do EE, que continua evidente no *corpus*, mas que não licencia o sujeito nulo como esperado. Seguem alguns dados extraídos do *corpus* da pesquisa que evidenciam a alternância de sujeitos nulos e plenos à revelia da riqueza morfológica do EE. Para tanto, retomaremos alguns contextos já apresentados neste capítulo:

a) em orações encaixadas:

(49) “Como profesional yo soy un poco lo mismo. Yo creo que acabó **la etapa de expectativas personales**... que __ puedo ser o que __ puedo llegar... __ Creo que **yo** he llegado a donde __merecia.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

(50) “Yo tuve muy claro y después de intentar ser outras cosas... en el religioso no me aceptaron, entonces **yo** dice que no __ queria perder el contato con el mundo”. (Informante 5, 50 anos, Madri)

Percebemos que, em (49) e (50), ocorreram sujeitos plenos sem que houvesse contexto de ênfase, contraste ou desambiguação. Em (49), há sujeito posposto ao verbo *acabar* na oração encaixada e a repetição do pronome *yo* é desnecessária em uma língua pro-drop, já que as informações de número e pessoa necessárias para a identificação do sujeito se encontram na morfologia do verbo auxiliar *he*. Em (50), o sujeito é pleno na oração principal mesmo a morfologia de flexão verbal sendo capaz de identificá-lo e é nulo na encaixada por ser controlado pelo sujeito da principal, mantendo correferência. Assim, percebemos uma língua de morfologia verbal rica, prototípica de sujeito nulo, autorizando sujeitos plenos que não seriam produzidos nessa situação em contextos monolíngues.

b) em orações coordenadas:

(51) “**Yo** evito las peleas, **yo** evito las contiendas...”. (Informante 1, 45 anos, Burgos)

(52) “**Yo** veo alumnos que me contemplan como un ser que no existe y me admiran, pero **yo** creo que la admiración no es buena.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

Em (51), percebemos o preenchimento da posição de sujeito pelo sujeito pleno *yo* em uma oração coordenada cujo sujeito é correferente com o sujeito da oração coordenante. Em contextos monolíngues, este seria um contexto obrigatório de sujeito nulo. Em (52), constatamos também o sujeito pleno *yo* na primeira oração. Desse modo, a repetição desse sujeito é desnecessária na oração coordenada introduzida pela conjunção *pero*, pois não há necessidade nem de contraste com o sintagma *alumnos* nem ênfase.

c) contextos de duplicação do sujeito:

(53) “Mi esposo **él** es brasileño”. (Informante 6, 42 anos, Salamanca)

(54) “... mi amigo **él** me ponía clases y hablaba de cosas que no conocía”. (Informante 9, 18 anos, Madri)

A ocorrência de sujeitos duplicados nesta, talvez, seja uma dos contextos mais evidentes de interferência do PB, língua em que há uma grande produtividade desses sujeitos.

(d) contextos com sujeitos plenos pré ou pós-verbal.

(55) “Eso dicen **ellos**.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

(56) “Pues **él** no es lingüista... **Bakhtin** no es lingüista... Es filósofo”. (Informante 5, 50 anos, Madri).

O preenchimento da posição de sujeito por sujeitos plenos foi verificado tanto em ordem VS (cf. (55)) quanto na ordem canônica SV (cf. (56) do EE, independentemente do tipo de verbo, conforme será evidenciado na próxima subseção. Vale referirmos que, independente da ordem do sujeito em relação ao verbo, a concordância verbal foi sempre observada. Neste sentido, não percebemos interferência do PB em EE, uma vez que naquela língua a ordem VS está restrita a contextos monoargumentais, em específico, a verbos inacusativos, sendo a ausência de concordância verbal muito frequente nessa ordem (BERLINCK, 2000; COSTA, 2001; TORRES MORAIS, 2003) Assim, percebemos que uma das propriedades do PSN é observada nos dados em análise, a saber: legitimação de sujeitos pré e pós-verbais em contextos (in)transitivos e inacusativos (cf. capítulo 2). Sobre essa propriedade presente nos dados em análise, trataremos na subseção a seguir.

4.2.2 Sujeitos plenos em posição pré e pós-verbal no EE

É sabido que línguas que licenciam sujeitos nulos apresentam a propriedade de o sujeito da frase ocorrer quer em posição pré-verbal quer em posição pós-verbal, independentemente do tipo de verbo (cf. RIZZI, 1989 / 1997; KATO, 1999; SPANÓ, 2008). Sobre esse assunto, Spanó (2008, p. 56) observa que

a variedade brasileira tem apresentado um comportamento bastante particular, decorrente de uma série de mudanças operadas em nosso quadro pronominal, diferentemente de outras línguas românicas de sujeito nulo, como o espanhol, o italiano e o português europeu. Enquanto estas preferem a posição do sujeito vazia e uma ordem mais flexível, o PB expandiu contextos de preenchimento do sujeito pronominal e restringiu os contextos de posposição de sujeito, com uma ordem SVO mais fixa, distanciando-se, gradualmente, portanto, das duas das principais propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo.

Conforme observado na citação acima, no PB, a ordem canônica das sentenças é a SVO. Em línguas de sujeito nulo, a inversão do sujeito em relação ao verbo é muito comum. Tal inversão em PB está restrita a contextos construídos com verbos inacusativos (cf. BERLINCK, 1988, 2000; TORRES MORAES, 1996; KATO, 1999; COELHO, 2000; SPANÓ, 2002). Sobre essa restrição, Kato (1999, p. 1) afirma que “[...] o único tipo de verbo

ainda produtivo na ordem VS no PB é o inacusativo.”. Concernente à ordem do sujeito em relação ao verbo, Ambar (1992, p. 26), ao trabalhar com o PE, observa que

a ordem SVO em contextos declarativos finitos, ao contrário da ordem OSV, pode ocorrer independentemente da existência de um corte entoacional entre o sujeito e o verbo por não estar submetida a requerimentos de ordem prosódica, caracterizando-se, assim, como uma ordem não-marcada.

A autora considera como ordem não-marcada a que não apresenta restrições quanto a sua ocorrência. Outros autores corroboram essa ideia ao considerar a ordem SVO como canônica e não-marcada no PE. Costa (1998, p. 297) apresenta como evidência empírica o contexto de pergunta com foco largo em que a resposta estará sempre na ordem SVO nessa língua:

(57) A - O que é que aconteceu?

B – O Paulo partiu a janela.

Já a ordem VS, por sua vez, em PE requer alguns contextos estruturais específicos. Como, por exemplo, podemos citar, com base em Ambar (1992), o fato de o PE não permitir a produção dessa ordem em interrogativas-QU (58) e em resposta a perguntas com focalização do sujeito (59):

(58) *A Joana comprou que? (vs Que comprou a Joana?)

(AMBAR, 1992, p. 47)

(59)

a. Quem comeu o bolo?

b. Comeu o João.

c. *O João comeu.

d. *O João comeu o bolo.

(Ibid.,

p. 29)

A partir das frases (58) e (59), Ambar (1992) argumenta a favor da não-opcionalidade da inversão verbo-sujeito em PE.

Em algumas variedades do Espanhol, a ordem VS é, segundo Belletti (2001 apud SPANÓ, 2008), não-marcada em contextos transitivos. Sobre a ordem VS, em contextos transitivos ou não, acreditamos que a inversão da ordem canônica do EE ocorre em alguns contextos específicos, a saber, em casos em que ocorrem clíticos antepostos ao verbo (VOS), em casos em que o verbo não apresenta todas as marcas distintivas de número e pessoa (VS). Belletti, citando os estudos de Ordóñez (1997) e Zubizarreta (1998) acerca deste assunto, afirma que

[n]o espanhol, o sujeito pós-verbal não (ou não necessariamente) representa informação nova, o foco da sentença, ao contrário do italiano. Costa (2001) reforça essa ideia ao verificar, em uma variedade do espanhol, que a ordem VSO é uma ordem não-marcada, sem qualquer tipo de restrição. (apud SPANÓ, 2008, p. 31).

Sobre a temática da inversão, Kato (2000, p. 236-7) apresenta-nos uma ideia sobre a ordem VOS. A autora afirma que “a ordem VOS no espanhol apresenta uma restrição: somente é licenciada quando o objeto for um clítico”. À guisa de informação, apresentamos o gráfico 8, a seguir, que representa o quantitativo de ocorrências de sujeitos pré e pós-verbais encontrados em nossos dados:

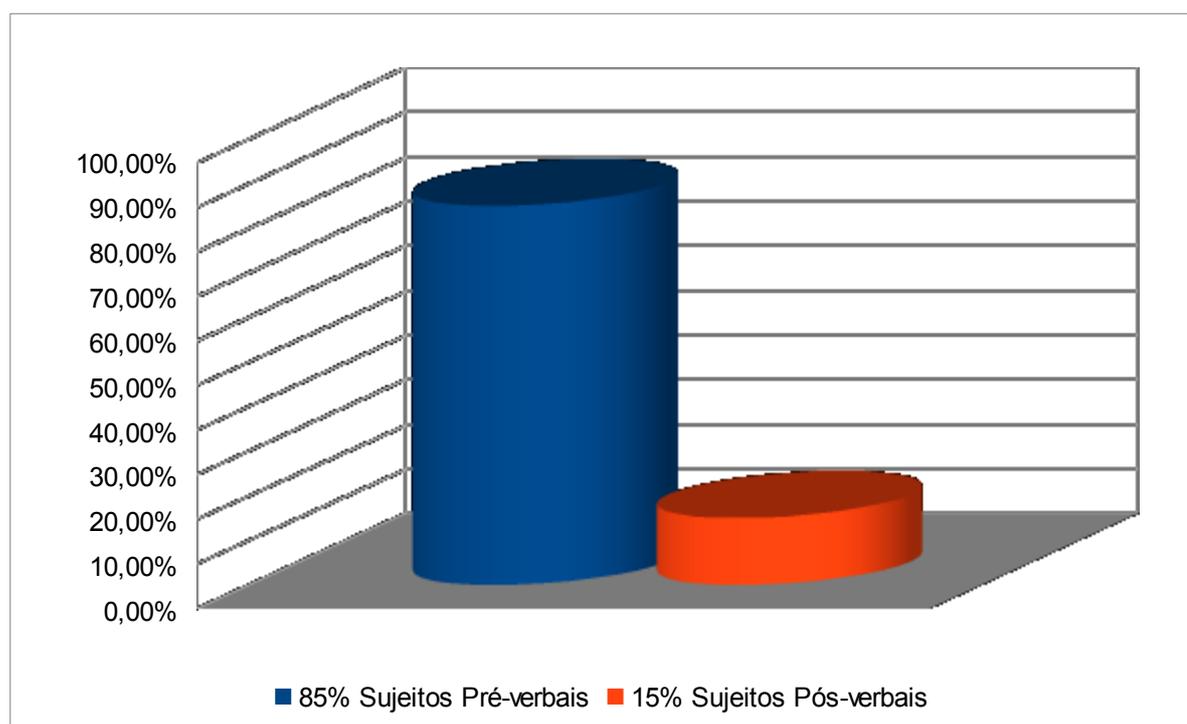


Gráfico 8: Percentual de sujeitos pré e pós-verbais no *corpus* da pesquisa

(60) “Eso dicen **ellos**.” (Informante 5, idade 50 anos, origem Madri)

(61) “Se sobrevive allí **el resto** .” (Informante 5, idade 50, origem Madri)

(62) “Lo que hizo **él** fue una forma de no destruir la literatura.” (Informante 5, idade 50, origem Madri)

Reiterando que em EE a ordem dos constituintes da sentença é mais flexível que em PB, construímos um gráfico com os tipos de verbos analisados, totalizando 51% de verbos transitivos; 24% de verbos copulativos; 18% de verbos intransitivos e 7% de verbos inacusativos (Gráfico 9). Em seguida, relacionamos a ocorrência verbal com a ocorrência de inversão verbo-sujeito, por tipo de verbo (Quadro 18). A seguir, observamos que, das inversões ocorridas, 12% ocorreram com verbos intransitivos, 48% com verbos transitivos, 5% com verbos inacusativos e 35% com verbos copulativos.

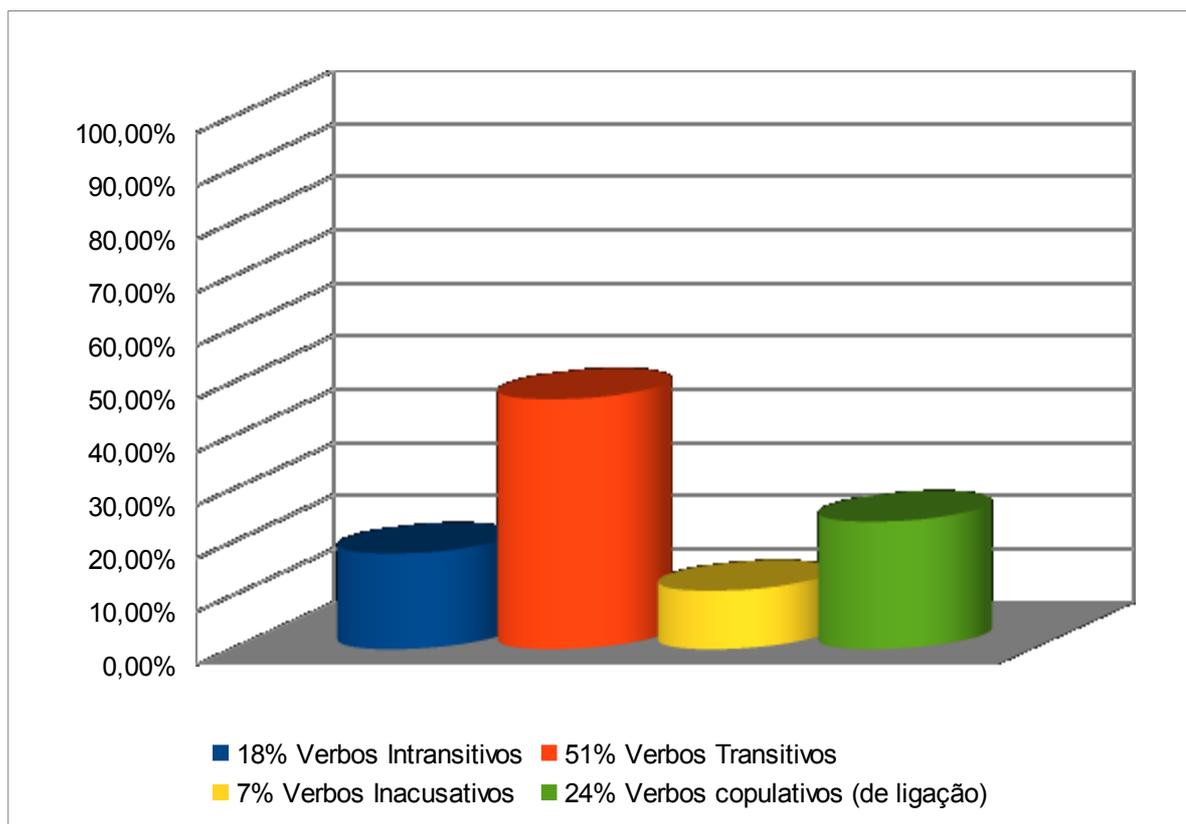


Gráfico 9: Percentual de tipos de verbos encontrados no *corpus* da pesquisa

Verbos Intransitivos	Verbos Transitivos	Verbos Inacusativos	Verbos Copulativos
12%	48%	5%	35%

Quadro 18: Percentual de inversão VS por tipo de verbo no *corpus* da pesquisa

Os dados nos mostram um contraste com relação à ordem VS entre o EE falado por nossos informantes e o PB, cuja ordem é restrita a verbos inacusativos. Veja-se a tabela retirada de Berlinck (2000 apud TAVARES SILVA, 2004, p. 53) que realizou um estudo diacrônico sobre a ocorrência de sujeitos pré e pós-verbais no PB:

PERÍODO DE TEMPO	I	II	III	IV	V	VI
ORDEM DE PALAVRAS						
SV	25%	40%	60%	62,5%	62,5%	66%
VS	33%	40%	30%	26,5%	30%	29%
V SX	21%	6,5%	6%	2%	1,5%	2%
V XS	21%	13,5%	4%	9%	6%	3%

Tabela 3: Percentual de frases declarativas finitas com verbos inacusativos extraída de Berlinck (2000).

De acordo com o trabalho da autora, que observou a frequência de inversão ao longo dos anos por sete períodos, podemos observar que a recorrência de inversão sujeito-verbo diminuiu no Brasil, com o passar dos anos, e mesmo os verbos inacusativos são usados, preferencialmente, na ordem SV, sem contrariar a ordem canônica do PB (SVO). Não podemos deixar de relacionar os resultados da autora com os resultados obtidos por Duarte (2000), quando observou a frequência de preenchimento da posição de sujeito pré-verbal ao longo dos anos, já citado nesta dissertação, e pontuar a relação que existe entre os resultados obtidos pelas autoras: a medida que a inversão VS diminui, o preenchimento aumenta. Tavares Silva, (2004, p. 53-54) argumenta em favor, afirmando:

Há uma correlação entre os dois fenômenos: a época em que a ordem VS passa a não ser mais produtiva com os verbos transitivos (fins do século XVIII e início do século XIX) coincide, de certa forma, com a época em que a posição pré-verbal do sujeito começa a ser preenchida, mais freqüentemente, por sujeitos realizados foneticamente. Da mesma forma, o último período que corresponde à segunda metade do século XX em que é verificada a alta restrição da ordem VS aos contextos com verbos inacusativos corresponde também ao período em que há uma alta frequência do preenchimento da posição pré-verbal por sujeitos realizados foneticamente.

De mais a mais, o que observamos é que o PB e o EE diferem em relação à inversão da posição do sujeito. Apesar de ambas apresentarem ordem canônica SVO, a inversão em PB só é possível em contextos monoargumentais com verbos inacusativos, ao passo que em

EE, essa inversão é possível com todos os tipos de verbos, como se pode observar nos exemplos de (63) a (67):

(63) “Se sobrevive allí el resto.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

(64) “*Eso dicen ellos.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

(65) “*Todos los días, salimos nosotros a trabajar.” (Informante 7, 37 anos, Barcelona)

(66) “Después, a partir de ahí, vino la teoría de lo que digo yo, porque lo digo y tal...”
(Informante 5, 50 anos, Madri)

(67) “Lo que hizo él fue una forma de no destruir la literatura.” (Informante 5, 50 anos, Madri)

Sobre os exemplos (64) e (65), é válido referirmos que observamos um desvio que ocasiona, de certa forma, uma agramaticalidade em EE, pois quando um verbo possui todas as marcas distintivas bem definidas, é proibida a colocação do pronome após o verbo, uma vez que os pronomes sempre estarão associados a marcas de número e pessoa:

Nos tempos verbais que exibem as seis desinências distintivas, a presença de um pronome imediatamente após o verbo é agramatical. (...) Os pronomes do plural, seja qual for o tempo verbal, nunca podem aparecer nessa posição já que sempre estão associados a uma desinência número-pessoal. (SOARES E SILVA, 2006, p. 47)

Vejamos alguns exemplos, retirados de Fernández Soriano (1999, p. 1237):

(68)

***Habías** tú **afirmado** antes que no tenías interés en la cuestión.

***Habéis vuelto** vosotros **a hacer** lo mismo.

(69) *Ya habré yo hecho el ejercicio cuando vengas.

(70) *Podríamos nosotros ocuparnos de eso.

Podendo o sujeito pós-verbal ocorrer com todos os tipos de verbos, uma das propriedades de línguas de sujeito nulo como o EE, não podemos afirmar que haja interferências do PB nos dados em análise, tomando por base essa propriedade, pois os informantes, fazem a inversão com diferentes tipos de verbos. O desvio foi identificado com verbos que apresentam marcas distintivas de número e pessoa, Soriano (1999), Soares e Silva (2006), pois tais verbos não permitem a ordem VS.

4.3 Atrito Linguístico: Etapas de Sharwood Smith

Antes de iniciarmos a discussão acerca das etapas sugeridas por Sharwood Smith, é importante definir a noção de competência em que o autor se apoia. Para esse Smith, competência é, à maneira chomskyana, a capacidade inata que se tem de aprender a gramática de uma língua e está relacionada ao desempenho, embora não sejam correferentes:

Para expressar *grosso modo* os mesmos conceitos, SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 18) utilizam as expressões “conhecimento” (ing. *knowledge*) e “processamento on-line” desse conhecimento (ing. *on-line processing of knowledge*). CAPILLA, (2007, p. 27)

Por fim, levantando a discussão acerca do atrito linguístico, considerando as três diferentes etapas sugeridas por Sharwood Smith (1983) já apresentadas na introdução desta dissertação, e relacionando-as à noção de competência e desempenho do ponto de vista chomskyano, analisamos nesta subseção, a partir dos dados obtidos, o que é possível verificarmos no EE em análise.

Quanto à primeira etapa, que se baseia na ideia de que se produzem desvios de desempenho, enquanto a competência permanece estável com relação ao PSN; parece-nos de todo pertinente afirmarmos que essa etapa se confirma na fala de parte dos nativos aqui analisados, salvo os mais idosos, cujo desempenho se mostrou mais estável. É plausível verificarmos que há desvios de desempenho nas amostras coletadas no que concerne ao PSN, uma vez que os nativos investigados, em algumas situações, afastaram-se das normas de sua língua nativa, preenchendo a posição de sujeito em contextos não permitidos.

“De modo geral, o atrito da L1 em um ambiente de L2 é um processo no qual a falta de contato com a L1 leva a uma redução na proficiência desta língua.” (SCHMID; DE BOT, 2004, p. 210). Seliger e Vago (1991 apud CAPILLA 2007) sugeriram uma outra definição: “a L1 é enfraquecida pelo aumento de uso e função da L2”. Segundo Capilla (Ibid., p. 15), “[a]mbas as definições podem ser consideradas complementares e apontam as duas causas para o atrito que identificam Sharwood Smith e Van Buren (1991, p. 22): a privação de *input* da L1 e a influência interlinguística.”.

Tal resultado estaria, portanto, ligado ao que Sharwood Smith (1983) chama de desvios de desempenho, contudo, para esta primeira etapa, não se confirmam mudanças na competência. Acreditamos que a maior parte dos nossos informantes se encontra nesta etapa, pois segundo os dados, 70% dos informantes (7) apresentaram um quadro de ampliação paramétrica significativo. Todavia, acreditamos que a reconfiguração da competência sugerida por Smith não seja uma possibilidade plausível por ausência de parcimônia em tal processo.

A segunda fase é a que se refere a uma etapa transicional na qual ocorrem mudanças na competência, mas o falante é ainda capaz de adotar uma variedade padrão da língua quando as circunstâncias o requerem. Sobre esse ponto, sentimo-nos mais confortáveis com a palavra “desvio” em detrimento à “mudança”, uma vez que acreditamos na capacidade inata de ampliação de parâmetros mediante exposição a diferentes *inputs*.

a palavra “perda” ou *mudança* não chega a refletir o processo de mudança que o atrito produz na L1. Esse processo se manifesta na forma de desvios da norma, decalques léxicos e semânticos da L2, mudanças morfossintáticas, manifestações sobre as quais SELIGER (1989, p. 175; 1991, p. 238), entre outros, considera que existe uma parte de criatividade importante que permite o desenvolvimento de novas regras. (CAPILLA, 2007, p. 15). *Grifo nosso*.

Desse modo, no concernente ao alcance dos contrastes produzidos pelo atrito, acreditamos que nossos resultados (preenchimentos da posição de sujeito em contextos não permitidos no EE, duplicação do sujeito pronominal e nominal sem pausa entoacional evidente, produção de sujeitos plenos em uma língua de flexão verbal rica) são suficientes para determinar, de forma plausível, que os desvios observados situam-se não apenas no nível do desempenho, mas implicam, também, em ampliação da competência linguística, isto é, são problemas de acesso e processos de expansão paramétrica.

Acreditarmos na ampliação dos parâmetros, o que, para alguns, seria enfraquecer a teoria inatista, parece-nos ampliar a perspectiva de reflexão acerca de alguns problemas não explicados. A exemplo, podemos citar a aquisição de L2 por adultos e a capacidade de aquisição simultânea de diferentes línguas por crianças.

Quanto à terceira etapa referente à emergência de uma nova competência, embora acreditemos que seja possível uma ampliação, não temos respaldo suficiente para afirmarmos, com base em nossos dados, que ocorreu formação de uma nova competência, pois acreditamos que, com a ampliação do número de informantes e, conseqüentemente, com a obtenção de um número maior de dados, mais pesquisas neste âmbito fazem-se necessárias para chegarmos a uma conclusão acerca desse assunto tão controverso. A única afirmação que nos parece certa, com relação a esse aspecto, é que o assunto está longe de ser esgotado.

4.4 Sobre a faixa etária: mais idoso, mais conservador?

A fim de discutirmos a ideia há muito difundida de que as pessoas mais idosas tendem a ser mais conservadoras no que concerne à língua, relacionamos as idades dos informantes à quantidade de sujeitos plenos e nulos por cada um deles produzidos. Vejamos abaixo os quadros que apresentam a idade de cada informante e o quantitativo de sujeitos dos dados:

Número do informante	Região de nascimento	Faixa etária	Tempo de permanência no Brasil	Cidade onde reside no Brasil
01	Burgos	45	10	Recife
02	Cataluña	27	11	Paulista
03	Cataluña	60	25	Recife
04	Madri	48	12	Recife
05	Madri	50	20	Recife
06	Salamanca	42	15	Olinda
07	Barcelona	37	10	Recife
08	Madri	29	10	Recife
09	Madri	18	10	Olinda
10	Valência	37	12	Olinda

Quadro 19: Mapeamento dos informantes selecionados na pesquisa

(Sujeito pronominal) Nativos residentes no Brasil	Nulo 51% (765)	Expresso 49% (734)	
		Anteposto	Posposto
		624 (85%)	110 (15%)

Quadro 20: Quantitativo geral de sujeitos plenos e nulos no *corpus* da pesquisa

Do total de 1499 frases com sujeitos plenos e nulos, 51% das ocorrências foram de sujeitos nulos, frente a 49% de sujeitos plenos. Quantificamos esses dados por informante, com relação aos sujeitos nulos e plenos, a fim de ter uma visão geral dos sujeitos produzidos por cada informante. Esses dados podem ser observados no **quadro 21** abaixo; então, a cor azul representa os mais idosos e a cor amarela, os mais jovens.

Número do informante	Faixa etária	Sujeito nulos produzidos	Sujeitos plenos produzidos
01	45	75	52
02	27	56	98
03	60	107	61
04	48	84	45
05	50	116	62
06	42	85	92
07	37	65	63
08	29	58	97
09	18	57	99
10	37	62	65

Quadro 21: Quantitativo de sujeitos plenos e nulos por informante pesquisado

Para muitos, as pessoas mais idosas são as mais conservadoras e as mais resistentes às mudanças implementadas na língua, seja por uma questão de contato, como a que estamos observando neste trabalho, seja por uma questão mais interna, no que diz respeito às mudanças ocorridas no leito da língua materna em contextos monolíngues. Os estudos acerca desta variável extralinguística, geralmente, centram-se na área da sociolinguística.

Um dos mais famosos estudos que leva em conta a variável faixa etária é o de Labov (1972) em sua conhecida pesquisa na ilha de Martha's Vineyard. Nesta investigação, Labov utilizou o seguinte recorte na idade para a seleção dos seus informantes: 14-30a, 31-45a, 46-60a, 61-75a e 75 acima, chegando à conclusão de que os jovens aproximam-se mais do vernáculo da ilha do que os adultos, especialmente os do sexo masculino, corroborando o pressuposto de que idosos e mulheres são mais conservadores em relação às mudanças linguísticas.

Relacionando a variável faixa etária ao sujeito pleno (que aproximaria o informante da gramática do PB) e ao sujeito nulo (que o localizaria mais próximo à gramática do EE), observamos que os informantes mais idosos (fizemos esse recorte a partir dos 40 anos)

produziram mais sujeitos nulos e menos sujeitos plenos, e os informantes abaixo de 40 anos produziram mais sujeitos plenos e menos sujeitos nulos.

Obviamente, temos que levar em conta, também, a extensão do *corpus* de cada informante e a desenvoltura (falar mais e falar menos) de cada um deles. Portanto, corroboramos a ideia de Labov (1972) acerca do conservadorismo das pessoas de mais idade. Além disso, utilizamos os resultados por informante para situá-los nas fases discutidas na subseção anterior sugeridas por Sharwood Smith (1983). Tais informações podem ser observadas no quadro 22, abaixo:

Etapas de Sharwood Smith			
Número do informante	desvios de desempenho, enquanto a competência permanece estável	etapa transicional na qual ocorrem mudanças na competência	emergência de uma nova competência.
01	X		-
02		X	-
03	X		-
04	X		-
05	X		-
06	X		-
07	X		-
08		X	-
09		X	-
10	X		-

Quadro 22: Fases de Sharwood Smith por informante

Com base nos dados referentes ao preenchimento da posição de sujeito em contextos

não permitidos no EE, situamos os nossos informantes nas etapas sugeridas por Sharwood Smith e verificamos que a maior parte dos informantes situa-se na primeira etapa, em que há *desvios de desempenho, enquanto a competência permanece estável*. Acreditamos, contudo, que, com o passar do tempo, é possível que esses informantes passem à segunda etapa e, talvez, em estudos futuros, possamos observar um crescente número de falantes situados na segunda e terceira etapas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar uma língua imersa em outro contexto sócio-histórico é, de longe, um grande desafio. Debruçamo-nos sobre a língua espanhola falada por nativos europeus residentes no Brasil, à luz da teoria dos Princípios e Parâmetros, em busca de interferências do português brasileiro (PB) no espanhol europeu (EE) por eles falado. O parâmetro aqui selecionado foi o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) que vem sendo por muitos discutido desde a década de 80 (cf. LOBO (1994) para o português europeu; RIZZI (1988), KATO, (1999) e MARTINS (2009) para o italiano; BADÍA MARGARIT (1988), LUJÁN (1999) e SOARES & SILVA (2006) para o espanhol) e ainda distante de ser esgotado.

Tomando por base o *corpus* da pesquisa constituído por 1508 sentenças declarativas finitas, analisamos as propriedades do PSN, tomando por base a distinção entre línguas pro-drop, aquelas que licenciam sujeitos nulos, e línguas não-pro-drop, aquelas que não licenciam esse sujeitos. Durante a análise, foi assumida com Tavares Silva (2004) a ideia de que o PB, por estar atravessando um processo de mudança no que concerne à marcação do valor desse parâmetro, tem apresentado características de uma língua semi-pro-drop ou mista (cf. TAVARES SILVA 2004; MODESTO, 2004). Assim, delineamos nossa análise no intuito de verificarmos nos contextos selecionados para a análise até que ponto o PB exerce interferência no EE. Para tanto, retomaremos aqui os objetivos já apresentados na introdução desta pesquisa a fim de apresentarmos mais adiante os resultados obtidos. São eles:

a) observar se falantes nativos do espanhol residentes no Brasil têm preenchido a posição do sujeito por pronomes plenos em contextos que seriam obrigatórios sujeitos nulos em sua língua materna, devido ao constante contato com o PB;

b) analisar os contextos frásicos de produção de sujeitos nulos e plenos na fala dos nativos de língua espanhola, tomando por base as seguintes variáveis a partir de estudos sobre o PB:

1. *Posição do sujeito;*
2. *Tipo de oração;*
3. *Duplicação de sujeito;*
4. *Morfologia de flexão verbal;*

c) relacionar os resultados encontrados ao tempo de permanência dos nativos espanhóis no país bem como à faixa etária dos informantes;

d) discutir, a partir dos dados analisados, o atrito linguístico levando em conta as diferentes etapas sugeridas por Sharwood Smith (1983):

- 1) desvios de desempenho, enquanto a competência permanece estável;
- 2) etapa transitória na qual ocorrem mudanças na competência;
- 3) emergência de uma nova competência.

Acerca do primeiro objetivo, os nossos dados apontaram para um resultado positivo com relação ao preenchimento da posição sujeito por pronomes plenos. Observamos que, em contextos específicos como os de orações coordenadas e encaixadas, ocorreram esses sujeitos, independentemente de ênfase, contraste ou desambiguação, indo de encontro ao que ocorre no EE em contextos monolíngues. Nesse sentido, verificamos que os informantes parecem reconfigurar o PSN, assemelhando-se ao PB, por não obedecerem restrições impostas pela gramática internalizada do EE adquirida em contexto monolíngue que só admitiria sujeitos plenos em caso de ênfase, contraste ou desambiguação (cf. SOARES E SILVA, 2006; SORIANO, 1999; LUJÁN, 1999).

Sobre a referência semântica dos sujeitos nulos e plenos, observamos que a maior parte está relacionada à primeira pessoa do singular. Esse resultado nos parece natural, uma vez que os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais em que cada informante falava sob suas perspectivas acerca dos mais diferentes assuntos. Desse modo,

pelo gênero e pelo teor da entrevista, era de se esperar manifestações mais individualistas (voltadas para a 1ª pessoa).

Quanto ao segundo objetivo, chegamos à conclusão de que há interferência do PB no EE falado pelos nativos residentes no Brasil no que se refere ao tipo de oração e à duplicação do sujeito (pouco produtivos em contextos monolíngues em termo de frequência). Quanto à posição do sujeito pleno e à morfologia de flexão verbal, não constatamos interferência.

No concernente à posição do sujeito, o EE, ao contrário do PB, apresenta sujeitos pós-verbais com todos os tipos de verbos, assemelhando-se a outras línguas de sujeito nulo prototípicas como o PE e o italiano. Caso houvesse interferência, seria esperado que os falantes só produzissem esses sujeitos em contextos monoargumentais, em específicos contextos construídos com verbos inacusativos como ocorre em PB (cf. BERLINCK, 2000; KATO, 1999; COSTA, FIGUEIREDO SILVA, 2003).

Com relação à morfologia de flexão verbal, observamos nos dados em análise que, ao contrário do PB que possui um AGR pobre (cf. DUARTE, 2000; GALVES, 2001; TAVARES SILVA, 2004), o EE caracteriza-se por possuir o AGR rico, seguindo as propostas de Roberts (1993) e Galves (2001), à semelhança do que ocorre no EE em contexto monolíngue. Conforme apresentado no capítulo 4, a concordância verbal é categórica (100%) em todos os contextos analisados. Esse resultado, portanto, levou-nos a refletirmos acerca da interface morfologia/sintaxe defendida por muitos pesquisadores com relação ao PSN (cf. TARALDSEN, 1978; RIZZI, 1997), pois, embora tenha AGR rico, há um grande percentual de sujeitos plenos (49%), ao contrário do que foi observado pela pesquisa desenvolvida por Soares e Silva (2006) em contexto monolíngue do EE, em que esses sujeitos apresentam apenas um percentual de (27%) contra (73%) de sujeitos nulos.

Sobre a riqueza do AGR como determinante para o licenciamento do sujeito nulo, compartilhamos a ideia de Huang (1984). A autora argumenta, com base no chinês, língua de AGR “pobre” que licencia sujeitos nulos, que a relação morfologia/sintaxe não pode ser considerada como fundamental para a legitimação do sujeito nulo. Ferreira (2000, p. 29) afirma que:

A ocorrência de sujeitos nulos, entretanto, não está necessariamente atrelada à riqueza flexionai da língua. o chinês, por exemplo, é o exemplo clássico de uma língua que permite sujeitos nulos apesar de não apresentar qualquer marca flexionai indicando concordância em seu verbo (cf. Huang 1989). Também interessante é o

caso da evolução do islandês. De acordo com Sigurdsson (1993), o paradigma verbal do islandês moderno não sofreu um enfraquecimento se comparado ao islandês antigo. Entretanto, os ambientes de ocorrência de sujeito nulo se alteraram na passagem de um estágio a outro da língua. Estes fatos indicam a existência de outras formas de legitimação do sujeito nulo que não a riqueza de Agr.

Nossa compreensão é que o que está em jogo, no que concerne ao PB, é o fato de essa língua ser uma língua orientada para o discurso com proeminência de tópico. Há nos dados do EE em análise sujeitos duplicados que são tópicos deslocados à esquerda e que são retomados por pronomes resumptivos na posição sujeito, além de contextos em que sujeitos nulos têm seus referentes retomados do domínio do discurso, sobretudo, nos contextos de orações encaixadas.

Não obstante, a interferência é verificada quando analisado o tipo de oração. No que se refere às orações coordenadas e em encaixadas, observamos, tomando por base a leitura referencial dos sujeitos (leitura correferencial e disjunta), que os falantes ora usam pronomes plenos em muitas situações, em que o sujeito nulo era obrigatório em sua língua materna, ora usam estes sujeitos nulos em contextos que seriam obrigatórios para sujeitos plenos para desambiguar ou contrastar.

Sobre as duplicações do sujeito, não paira dúvida de que se trata de uma interferência do PB no EE, pois, nesta língua, sujeitos duplicados são inadmissíveis sem que haja uma pausa entoacional, característica nem sempre presente nos dados. O que é interessante percebermos é que, embora não sejam produtivas no EE em contexto monolíngue, os sujeitos duplicados encontrados nos dados, ao contrário do que ocorre em PB (cf. TAVARES SILVA, 2004), apresentam as mesmas restrições observadas no PE.

Sobre a faixa etária e o tempo de permanência dos nativos no Brasil, aspectos em que centramos nossa atenção durante a análise, chegamos à conclusão de que os informantes mais idosos, mesmo os que residem a mais tempo no Brasil, demonstraram uma tendência maior ao uso de sujeitos nulos, apresentando assim menos desvios em relação à sua gramática adquirida em contexto monolíngue. Em linhas gerais, percebemos que entre os mais idosos, conquanto tenham mais tempo de permanência no país, a ocorrência de sujeitos plenos nas amostras coletadas é baixa, corroborando a ideia de que as pessoas mais idosas são mais conservadoras no que diz respeito à língua materna. Mesmo que nosso trabalho não tenha propósitos sociolinguísticos, alguns estudos nesta área confirmam tal hipótese sobre outros fenômenos linguísticos (cf. SCHERRE, 1998; PAIVA, 1998; SOUZA, 2007).

Quanto ao último objetivo, constatamos que a maior parte dos informantes se enquadra na primeira etapa por apresentarem desvios de desempenho, enquanto sua competência permanece estável. Contudo, por acreditarmos na possibilidade de ampliação paramétrica, entendemos que alguns deles também se enquadram na segunda etapa, a etapa transicional na qual ocorrem mudanças na competência. Com relação à terceira etapa relacionada à emergência de uma nova competência, consideramos prematuro afirmarmos categoricamente que haja a formação de uma nova competência.

A partir deste estudo, refletimos, também acerca da aquisição e, embora não tenha sido um dos nossos objetivos previamente estipulados, chegamos à conclusão de que a aquisição é um processo inato que ocorre na infância, mas que não se encerra como muitos acreditam (cf. EPSTEIN, 1996; HERSCHENSOHN, 2000 e HAWKINS, 2001). Desse modo, estamos em desacordo com a ideia de período crítico por muitos difundida e aceita (cf. CLAHSSEN; MUYSKEN, 1986, 1996; CLAHSSEN, 1988 e MEISEL, 1991).

De maneira geral, consideramos nossos resultados bastante relevantes para os estudos linguísticos realizados no Brasil, pois, até onde temos verificado, são escassas as pesquisas voltadas à interferência de L2 em L1 (cf. CAPILLA, 2007), em específico, do PB no EE, tomando por base a perspectiva teórica aqui adotada. A partir disso, vale ressaltarmos que não tivemos a pretensão de esgotarmos o tema, o que está longe de ocorrer, mas, certamente, visamos contribuir com os estudos linguísticos sob a ótica da sintaxe comparativa.

Algumas questões, inevitavelmente, permanecem em aberto, por necessidade de aprofundamento ou por terem surgido ao longo deste estudo. Entre essas questões, podemos elencar as reflexões acerca do acesso à GU na aquisição em idade adulta, questão que surgiu ao longo desta pesquisa, embora não tenha sido um de seus objetivos iniciais e, como consequência desta questão, a pertinência da teoria do período crítico; A relação entre riqueza da flexão verbal e PSN também se configura como um aspecto que requer maiores reflexões, principalmente no que concerne à línguas em contato em contexto bilíngues; A faixa etária, o grau de instrução, o gênero, entre outras variáveis sociolinguísticas, também merecem atenção, na perspectiva de se elaborar um estudo mais social do PSN.

REFERÊNCIAS

- ADRAGÃO, M. M. Aquisição da inversão numa criança entre os dois e os três anos, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2001.
- ALMEIDA, L. Q. Os reflexivos em português. (Dissertação de Mestrado). UnB, Brasília, 1977.
- AMBAR, M. M. Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português. (Tese de Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.
- ARAÚJO, E. A. Contato linguístico: *uma análise comparativa de construções de tópico nulo na escrita e na oralidade*. *PAPIA* 22 (1), 2012. p. 111-128
- ARRUDA, V. M. B. *As passivas de estado e de mudança de estado em português contemporâneo*. (Dissertação de Mestrado). UnB. Brasília, 1978.
- AZEVEDO, M. G. C. M. Sobre o verbo "começar" em português. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UFRJ. Rio de Janeiro, 1977.
- BADÍA MARGARIT, A. M. “La omisión del sujeto en español”. In: Homenaje a Alonso Zamora Vicente (volume 1). Madri: Castalia, 1988. p. 361-7.
- BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. “A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro.” In: Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, 2001. p. 539-50.
- BASSANEZI, M. Imigrações internacionais no Brasil: *um panorama histórico*. In: PATARRA, N. (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São

Paulo: FNUAP, 1996.

BASSETTO, B. F. Situação Atual das Línguas Românicas. Anais do II Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: v .II, 1999. p.61 – 67.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BELLETTI, A.; LEONINI, C. Subject inversion in L2 Italian. In: COHEN, S. Foster; SHARWOOD, M.; SORACE, A.; OTA, M. (eds) *Eurosla Yearbook..* Amsterdam: John Benjamins, 2004.

_____, A. Inversion as focalization. *Università di Siena* (Revised version). Junho. *Mimeo*, 1999.

BELLO, Andrés. Gramática de la Lengua Castellana, Madri: EDAF, 2004.

BLOOMFIELD, L. *Language*, London: Allen & Unwin, 1935.

BRANCO, M. C. O particípio passado como pré-modificador em inglês. (Dissertação de Mestrado em Linguística). PUC-SP. São Paulo, 1979.

BURZIO, L. Italian syntax. *A government-binding approach*. Dordrecht, Reidel: Kluwer Academic, Publishing Company, 1986.

CABANA, M. N. Estudo em tempo aparente em tempo real do uso do sujeito nulo na fala de Belo Horizonte. *Domínios de Lingu@gem*, Ano 1, nº1 – 1º Semestre de 2007.

CARDOSO, S. H. B. O processo de relativização em diferentes registros do português. (Dissertação de Mestrado em Linguística). PUC-Campinas, 1976.

CAPILLA, M. C. C. Espanhol e Português em Contato: *O Atrito da LI de Imigrantes Espanhóis no Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). Brasília: UBB, 2007.

CHOMSKY, Noam. Lectures on Government and Binding. 2ª ed. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. Syntactic Structures. The Hague: Mouton, 1957.

_____. Knowledge of language: its nature, origin and use. Nova Iorque: Praeger, 1986.

- COOK, V. Second language learning and language teaching. London: Edward Arnold , 1991.
- COSTA, J.; GALVES, C. External subjects in two varieties of Portuguese evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C. et al. *Romance languages and linguistic theory 2000*, *Utrecht*, 30 November-2 December. v. 232. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- _____, J.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Nominal and verbal agreement in Portuguese: *an argument for Distributed Morphology*. Lisboa, 2003.
- _____, J. PB e PE: *orientação para o discurso importa?*. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista: v. 8, n. 1, 2010. p. 123-143.
- CUNHA, C. F. Gramática da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português. Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3a ed..2001.
- CUNHA, M. A. F. Sobre os tratamentos transformacionalista e léxicointerpretativo das construções passivas em português. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UnB. Brasília, 1978.
- CURTISS, S. Genie: *Language and cognition*. UCLA Working Papers in: *Cognitive Linguistics*, 1979.
- CURTISS, S. A critical period for the acquisition of grammar: *Evidence from feral and isolated children*. UCLA Working Papers in: *Cognitive Linguistics*, 1980.
- CYRINO, Sônia M. L. O objeto nulo no português do Brasil: *um estudo sintáticodiacrônico*. (Tese de Doutorado em Linguística). UNICAMP. São Paulo, 1994.
- _____, Sônia M. L.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda. V. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt:

Vervuert-IberoAmericana, 2000. p. 55-73.

DEUS, S. O Tétum-Díli como língua não-*pro-drop*: *na senda do Caboverdiano*. XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011, p. 226-241.

DUARTE, I. A construção de topicalização na gramática do português: *regência, ligação e condições sobre movimento*. (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade de Lisboa, 1987.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil”. *DELTA* 8, n. Especial. 1992. p. 37-52.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: *a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. (Tese de Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. Left-Dislocated Subjects and Parametric Change in Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of the 16th International Congress of Linguists*. Paris: Syntax, 1998. CD-ROM.

_____. Sociolinguística Paramétrica: *Perspectivas*. In: HORA, D. Da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: *Ideia*, 1999. p. 107-14.

_____. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

ELLIS, Nick C. Cognitive approaches to SLA. *Annual Review of Applied Linguistics* 19, 1999, p.22-42.

ELIZAINCÍN, A. Personal Pronouns for Inanimate Entities in Uruguayan Spanish in Contact with Portuguese. In SILVA-CORVALÁN, C. (org). *Spanish in four Continents*. Studies in language Contact and Bilingualism. Washington DC.: Georgetown University Press, 1995. p. 117-131.

ENRÍQUEZ, Emilia V. El pronombre personal sujeto en la lengua española hablada en Madrid. Madrid: C.S.I.C. (Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Miguel de Cervantes), 1984.

EPSTEIN, S.; FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: *theoretical and experimental issues in contemporary research*. *Behavioral and Brain Sciences*, Cambridge, n. 19, 1996. p. 677-758.

FARACO e MOURA. Gramática. São Paulo: Ática, 1994.

FARIA, Pablo. Princípios e Parâmetros: *É Possível Pensar em Reconfiguração de Parâmetros? Língua, Literatura E Ensino*, Maio. Vol. III. 2008, p. 173-182.

FÁVERO, L. Complementação de predicado em português. (Tese de Doutorado em Linguística). PUC-SP. São Paulo, 1974.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. El pronombre personal: *formas y distribuciones*. *Pronombres átonos y tónicos*. In: BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. Gramática descriptiva de la lengua española: *sintaxis básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Espasa, 1999.

FERRARI, M. A hipótese do período crítico na aprendizagem da língua estrangeira analisada à luz do paradigma conexionista. Porto Alegre: UFRG, 2007.

FERREIRA, M. B. *Argumentos nulos em português brasileiro*. (Dissertação de Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. A Posição Sujeito no Português Brasileiro: *Frases Finitas e*

Infinitivas. Campinas, Ed. da Unicamp, 1996.

FINGER, I. *Aquisição de segunda língua: abrangência e limitações do modelo gerativista*. *Revista da ABRALIN*, v.2, n.2, p.31-57, 2003.

FLYNN, S. A parameter-setting model of L2 acquisition. Dordrecht: Reidel, 1987.

GALVES, C. O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. in I. Roberts e M. Kato, (orgs.) *Português brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp, 1993.

_____. Tópicos e Sujeitos Pronomes: *Concordância no Português Brasileiro*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1998.

GUASTI, Maria Teresa e RIZZI, Luigi. Null Aux and the acquisition of residual V2, in: *Proceedings of the 20th annual Boston University Conference on Language Development* ; 201, Andy Stringfellow et-al (ed.) Cascadilla Press, 1996. 284-295.

_____, Maria Teresa. *Language Acquisition. The growth of grammar*. MIT Press, Cambridge, Mass, 2002.

GONÇALVES, M. Para Uma Redefinição do Parâmetro do Sujeito Nulo. (Dissertação de Mestrado em Linguística), Universidade de Lisboa, 1994.

GONZÁLEZ, Neide Therezinha Maia. *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HUANG, J. C. T. Pro-drop in Chinese: *a generalized control theory*. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. *The null subject parameter*. Dordrecht, London : Kluwer Academic Publishers. p. 185-214, 1989.

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. The null subject parameter and parametric theory. *The null subject parameter*. Organização de ed. by O. Jaeggli e K. Safir. Boston: Kluwer, 1989. p. 1-44.

IKEDA, S. A função do pronome se. (Dissertação de Mestrado em Linguística). PUC-SP. São Paulo, 1977.

KATO e RAMOS, *Trinta Anos De Sintaxe Gerativa no Brasil, D.E.L.T.A.*, Vol. 15, n.º especial, São Paulo: 1999.

KATO, M. Os frutos de um projeto herético: *parâmetros na variação*. In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Ideia, 1999a.

_____, M. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, Pós-Graduação em Linguística, UFSC, 1999, p. 1-21.

KATO, M. A. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Ed.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Vervuert, Iberoamericana, 2000.

KAYNE, R. S.; POLLOCK, J. Stylistic inversion, successive cyclicity and move NP in French. *Linguistic Inquiry*, v. 9. p. 595-621, 1978.

Kayne, R.S. (1996) Microparametric Syntax. Some Introductory Remarks. In: R.S. Kayne (ed.) *Parameters and Universals*. Oxford: Oxford University Press, 2000, 3-9

KÖPKE, B. L'attrition de la Première Langue chez le Bilingue Tardif: *Implications pour l'étude psycholinguistique du bilinguisme*. (Tese de doutorado em Psicolinguística) Université de Toulouse-Le Mirail. Toulouse, 1999.

KÖPKE, B.; SCHMID, M. S. First language attrition: *the next phase*. In: SCHMID, M.S.;

KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (orgs.). *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam/Philadelphia: John

Benjamins, 2004. p. 1-45.

KUPSKE, F. F. A aquisição da linguagem à luz de um paradigma teórico de cognição, *Littera Online*, Número 04, 2011. p. 174-190.

LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LEMLE, M. & A. NARO. Sobre sintagmas nominais maximamente preenchidos (Dissertação de Mestrado). 1999.

LIMA, R. Gramática Normativa da Língua Portuguesa, José Olympio Editora, 42^a ed., RJ, 2002.

LLORACH, E. A. *Gramática de la Lengua Española*. Real Academia Española. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999.

LOBATO, L. M. P. Existe mais de um verbo poder em português? *Anais do III Encontro Nacional de Estudos de Linguística e Literatura*. Rio de Janeiro, RJ, Corujinha. 1978.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.), O Português Afro-brasileiro. Bahia: Ed. UFBA. 2009.

LUFT, P. Moderna gramática brasileira. Globo: Rio de Janeiro, 2002.

LUJÁN, Marta. Expresión y omisión del pronombre personal. In: BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. Gramática descriptiva de la lengua española: *sintaxis básica de las clases de palabras* (Vol. 1). Madrid: Espasa, 1999.

MACNAMARA, J. The bilingual's linguistic performance. *Journal of Social Issues*, 23, 1967, p. 58-77.

MAIA, V. L. M. Interrogação e relativização em português. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UNICAMP. São Paulo, 1975.

MARINS, J. E. O parâmetro do sujeito nulo: *uma análise contrastiva entre o português e o*

- italiano*. (Dissertação de Mestrado em Linguística), UFRJ: Rio de Janeiro, 2009.
- _____. E SILVA, H. S. O comportamento das línguas românicas em relação ao parâmetro do sujeito nulo. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 191-216, jul. 2009.
- MARTINS, E. J. Origem e função dos pronomes complemento de terceira pessoa. *Letras de Hoje* 26: 123-133. 1976.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. Gramática da Língua Portuguesa. 5 ed. Caminho: Lisboa. pp. 489-502. 2003.
- MODESTO, Marcello, Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente, *ABRALIN*, vol. III, no 1, p. 119-145, 2004.
- MONZÚ FREIRE, M. T. R. Síntesis gramatical de la lengua española, 4 ed., São Paulo: Novos Livros Editora, 1994.
- MORAES, E. O infinitivo flexionado em português: *uma análise transformacional*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UFRJ. Rio de Janeiro, 1971.
- MORAIS, M. A. T. EPP Generalizado, Sujeito Nulo e Línguas de Configuração Discursiva, *Letras de Hoje*. Trabalhos do XV Encontro da ANPOLL-GT de Teoria da Gramática.
- MIOTO, C., FIGUEIREDO SILVA, M.C. & MENUZZI, S. (orgs.) Rio Grande do Sul. EDIPUCRS. 2003. pp.71-98.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. Aportes de la sociología a la enseñanza de lenguas. *Revista de Estudios de Adquisición de la Lengua Española, (REALE)*, Alcalá de Henares, n.1, p. 107-135, 1994.
- MOURA, D. e FARIAS, J. F. (orgs). Reflexões sobre a sintaxe do português. EdUFAL: Maceió, 2005.
- _____, Denilda (org.). Os Desafios da Língua: *Pesquisas em Língua falada e Escrita*. EdUFAL: Maceió, 2008.

NASCIMENTO, M. Sobre a semântica da passiva. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UFMG: Minas Gerais, 1978.

NOVAES, C. Representação mental do sujeito nulo no português do Brasil, *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.59-80, jul./dez. 1997.

MIRANDA, Z. B. A. G. Aspectos do comportamento sintático dos modais dever e poder. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UNICAMP. São Paulo, 1975.

NARDI, Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade *Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira*. (Tese de Doutorado em teorias do texto e do discurso) UFRG: Porto Alegre, 2007.

NEGRÃO, E. e A. MÜLLER. As Mudanças no Sistema Pronominal Brasileiro: *Substituição ou Especialização de Formas*. *D.E.L.T.A.* 12: 125-152, 1996.

_____, E. O princípio de projeção estendida no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 141-155. jul./dez.. Editora da UFPR, 2001.

NOVAES, C. Teorias da linguagem: *a gramática gerativa e as patologias da linguagem*. II fórum de linguagem: linguagem, natureza e cultura fórum de ciência e cultura curso de fonoaudiologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Teorias da linguagem: *a gramática Gerativa e as patologias da linguagem*, In: II Fórum de linguagem, no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2006. Disponível em: <http://www.sigma.ufrj.br/UFRJ/SIGMA/producoes/consulta/relatorio>. Acessado em 26/07/2012.

ORSINI, Mônica e PAULA, Maria N. de. As construções de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: *um estudo de tendência*, *Revista Investigações* - Vol. 24, nº 2, Julho/ 2011.

- PERINI, M. A. Uma restrição global em português. *Revista Brasileira de Linguística* 4 (2). Ano III: 3-16. 1977.
- POLLOCK, Jean-Yves. Langage et Cognition. Introduction au programme minimaliste de la grammaire generative. Paris: PUF, 1998
- PONTES, E. Sujeito: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática; Brasília, INL, 1986.
- QUADROS, R. Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- RAMOS, R. M. S. A teoria dos casos na análise do uso das preposições em inglês. *Letras de Hoje* 15: 113-130. 1973.
- RAPOSO, E. P. Teoria da gramática: *a faculdade da linguagem*. Lisboa : Caminho, 1992.
- RIZZI, L. Issues in Italian Syntax. Dordrecht : Foris, 1982.
- RIZZI, L. Null subjects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, v. 17, n. 3, p. 501-558, 1986.
- RIZZI, L. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. In: 10th ADVANCED COURSE “LANGUAGE AND COGNITION”. Foundation Archives Jean Piaget, Geneva, p. 1-20, October 10, 1988.
- ROBERTS, I e KATO, M (orgs.) Português Brasileiro: *Uma Viagem Diacrônica*. Campinas, Ed. Unicamp, 1993.
- _____. A generalização de Taraldsen e a mudança linguística: *dois modos de perder sujeitos nulos*. In: TORRES MORAIS, M. A. C. R.; ANDRADE, M. L. da C. V. de O. (orgs.). História do português paulista. *Série Estudos*, v. II. Campinas, SP: UNICAMP, Publicações IEL, 2009.
- _____. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (Org.). Português brasileiro: *uma viagem diacrônica*. 2. ed. São Paulo : Ed. da UNICAMP, 1996.

ROCCA, P. D. A. A Tecnologia de fala aplicada ao ensino de entoação da língua inglesa para falantes nativos de língua portuguesa. PUCSP: São Paulo, 2003.

RODRIGUES, M. H. N. Uma análise gerativo-transformacional de estruturas encaixadas em português. (Dissertação de Mestrado em Linguística). PUCCampinas. São Paulo, 1975.

ROHRBACHER, B. Morphology-Driven Syntax: A theory of V to I raising and prodrop, John Benjamins, Amsterdam, 1999.

ROMUALDO, J. A. Cláusulas comparativas do português. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UNICAMP. São Paulo, 1975.

SALGADO, Solvany S. Ciência Linguística: *da origem saussureana ao percurso sociolinguístico*. *Revista Espaço Acadêmico*, nº100, ano IX, 93-99. 2009.

SCARPA, Ester Mirian: Aquisição da Linguagem. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução à lingüística: *domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)* - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

SCHMID, S. O Atrito Linguístico. Curso da escola de inverno de LOT (*Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap* = Escola Holandesa de Linguística para Pós-graduados na *Vrije Universiteit*), Amsterdã, 9-13 jan. 2006.

SCHMID, M. S. First Language Attrition, Use and Maintenance: *The case of German Jews in anglophone countries*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

SHARWOOD SMITH, M. A. Crosslinguistic influence in language loss. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. Bilingualism across the lifespan. *Aspects of acquisition, maturity, and loss*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 185-201.

_____; e VAN BUREN, P. First language attrition and the parameter setting model. In: SELIGER, H. W.; VAGO, R. M. (Ed.). First language attrition. Cambridge: CUP., 1991. p. 17-30.

_____, On first language loss in the second language acquirer: *problems of transfer*. In: GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.). Language transfer in language learning. Rowley, MA: Newbury House, 1983. p. 222-231.

_____, M. A. Crosslinguistic influence in language loss. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. Bilingualism across the lifespan. *Aspects of acquisition, maturity, and loss*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 185-201.

SELIGER, H. W. Deterioration and creativity in childhood bilingualism. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. Bilingualism across the Lifespan. *Aspects of acquisition, maturity, and loss*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 173-184.

SENDAY, D. Sequências de clíticos em português. (Dissertação de Mestrado em Linguística). UNICAMP: São Paulo, 1975.

SILVA-CORVALÁN. Carmen. Sociolingüística y pragmática del español. Washington, DC: Georgetown University Press, 2001.

SILVA, TAVARES C. R. A Natureza de Agr e suas implicações na ordem VS: *um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*, Maceió: UFAL, 2004.

SOARES e SILVA, H. O Parâmetro do Sujeito Nulo: *confronto entre o português e o*

- espanhol*. (Dissertação de mestrado em Linguística). UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.
- SPANO, M. A ordem verbo-sujeito no português brasileiro e europeu: *Um estudo sincrônico da escrita padrão*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- TARALDSEN, K. T. *On the NIC, vacuos application and the that-trace filter*. Indiana University Linguistics Club, Bloomington. 1978.
- TARALDSEN, K. T. Subject extraction, the distribution of expletives. In: HULK, A.; POLLOCK, J. (Eds.). *Subject inversion in Romance and the theory of universal grammar*. Oxford : Oxford University Press, 2001. p. 163-182.
- TERRA, Ernani. Curso prático de gramática. SÃO PAULO: Scipione, 1996.
- TSAO, F. F. A Functional Study of Topic in Chinese: the first step towards discourse analysis. PhD, University of Southern California, Los Angeles, 1977.
- WHITE, L. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, Michigan, n. 35, p. 47-61, 1985.
- WHITE, L. Is there a 'logical problem' of second language acquisition? *TESL Canadá Journal/Revue TESL du Canadá*, Ontario, n. 2, p. 29-41, 1985.
- WILDNER, A. K. Sujeito Pronominal Nulo e Explícito em Espanhol Oral: *Distribuição Complementar ou Variação Linguística?* (Dissertação de Mestrado), Florianópolis: UFSC, 2011.
- XAVIER, G. R. Aquisição do português brasileiro como segunda língua numa abordagem gerativista: *um estudo sobre o sujeito nulo, Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação* Vol. 12 p.353-368, 2007.
- _____, G.R. Português brasileiro como segunda língua: *um estudo sobre o sujeito nulo*. (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2006.

ANEXOS

Anexo 1
PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

Anexo 2**TERMO DE CONSENTIMENTO****CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, _____,
RG/CPF/_____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo
**INTERFERÊNCIAS DO PORTUGUÊS NO ESPANHOL FALADO POR NATIVOS
RESIDENTES NO BRASIL**, como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a)
pelo(a) pesquisador(a) **ONILMA FREIRE DOS SANTOS** sobre a pesquisa, os
procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de
minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer
momento.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite
do sujeito em participar. 02 testemunhas:**

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Anexo 3
ROTEIRO DA ENTREVISTA 1

*Nenhuma resposta será divulgada com informação que possa identificá-lo, você será sempre chamado de informante.

*As perguntas serão ministradas em português, mas as respostas devem ser dadas em espanhol.

*Os únicos dados pessoais que serão revelados na dissertação são: idade média, sexo, profissão e tempo de permanência no Brasil.

1- Fale de você como pessoa.

2- Como profissional?

3- O que influenciou na escolha da sua profissão?

4- Por que o Brasil?

5- Em sua casa, a comunicação acontece em espanhol ou em português? Como se dá a comunicação?

6- Como você vê o seu idioma no mundo?

7- Teve dificuldades para aprender o Português?

8- Em que situações do seu cotidiano você se comunica em língua materna?

9- Percebe interferência do português no seu idioma quando se comunica em língua materna?

10- Se algo lhe pareceu complicado durante a comunicação em português, defina (sintaxe, léxico, morfologia, semântica) e fale um pouco dessa complicação.

11- Fale dos brasileiros.

12- Como você vê a relação entre seu país e o Brasil.

13- Qual a importância da pesquisa que se desenvolve na academia?

14- Em linguística, Bakhtin ou Chomsky? Por quê?

- 15- Como professor, você considera importante o ensino de gramática na escola?
- 16- Tem intenção de voltar à Espanha?
- 17- Já estudou língua portuguesa no Brasil?
- 18- Que assuntos fazem parte da sua rede de interesse? Por quê?
- 19- Pode dizer sua idade?

ROTEIRO DA ENTREVISTA 2

*Nenhuma resposta será divulgada com informação que possa identificá-lo, você será sempre chamado de informante.

*As perguntas serão ministradas em português, mas as respostas devem ser dadas em espanhol.

*Os únicos dados pessoais que serão revelados na dissertação são: idade média, sexo, profissão e tempo de permanência no Brasil.

- 1- Fale de você como pessoa.
- 2- Como profissional?
- 3- O que influenciou na escolha da sua profissão?
- 4- Por que você não escolheu um país em que se fala a sua língua?
- 5- Em sua casa, a comunicação acontece em espanhol ou em português? Como se dá a comunicação?
- 6- Como você vê o seu idioma no mundo?
- 7- Teve dificuldades para aprender o Português?
- 8- Em que situações do seu cotidiano você se comunica em língua materna?
- 9- Percebe interferência do português no seu idioma quando se comunica em língua materna?
- 10- Como são estas interferências?
- 11- Fale dos brasileiros.
- 12- Como você vê a relação entre seu país e o Brasil.
- 13- Em seu país, você já trabalhava com eventos?
- 14- Fale um pouco dos amigos brasileiros, do lugar onde vive no Brasil...
- 15- O que você buscava em outro país e por que o Brasil?
- 16- Tem intenção de voltar à Espanha?

- 17- Já estudou língua portuguesa no Brasil?
- 18- Que assuntos fazem parte da sua rede de interesse? Por quê?
- 19- Pode dizer sua idade?

ROTEIRO DA ENTREVISTA 3

*Nenhuma resposta será divulgada com informação que possa identificá-lo, você será sempre chamado de informante.

*As perguntas serão ministradas em português, mas as respostas devem ser dadas em espanhol.

*Os únicos dados pessoais que serão revelados na dissertação são: idade média, sexo, profissão e tempo de permanência no Brasil.

- 1- Fale de você como pessoa.
- 2- Como profissional?
- 3- O que influenciou na escolha da sua profissão?
- 4- Por que você não escolheu um país em que se fala a sua língua?
- 5- Em sua casa, a comunicação acontece em espanhol ou em português? Como se dá a comunicação?
- 6- Como você vê o seu idioma no mundo?
- 7- Teve dificuldades para aprender o Português?
- 8- Em que situações do seu cotidiano você se comunica em língua materna?
- 9- Percebe interferência do português no seu idioma quando se comunica em língua materna?
- 10- Como são estas interferências?
- 11- Fale dos brasileiros.
- 12- Como você vê a relação entre seu país e o Brasil.
- 13- Como você encara a distinção das culturas entre o Brasil e a Espanha?
- 14- Fale um pouco dos amigos brasileiros, do lugar onde vive no Brasil...
- 15- O que você buscava em outro país e por que o Brasil?
- 16- Tem intenção de voltar à Espanha?

- 17- Já estudou língua portuguesa no Brasil?
- 18- Que assuntos fazem parte da sua rede de interesse? Por quê?
- 19- Pode dizer sua idade?

ROTEIRO DA ENTREVISTA 4

*Nenhuma resposta será divulgada com informação que possa identificá-lo, você será sempre chamado de informante.

*As perguntas serão ministradas em português, mas as respostas devem ser dadas em espanhol.

*Os únicos dados pessoais que serão revelados na dissertação são: idade média, sexo, profissão e tempo de permanência no Brasil.

- 1- Fale de você como pessoa.
- 2- Como profissional?
- 3- O que influenciou na escolha da sua profissão?
- 4- Por que o Brasil?
- 5- Em sua casa, a comunicação acontece em espanhol ou em português? Como se dá a comunicação?
- 6- Como você vê o seu idioma no mundo?
- 7- Teve dificuldades para aprender o Português?
- 8- Em que situações do seu cotidiano você se comunica em língua materna?
- 9- Percebe interferência do português no seu idioma quando se comunica em língua materna?
- 10- Se algo lhe pareceu complicado durante a comunicação em português, defina (sintaxe, léxico, morfologia, semântica) e fale um pouco dessa complicação.
- 11- Fale dos brasileiros.
- 12- O que você acha da lei que obriga o ensino de Espanhol nas escolas brasileiras?.
- 13- Qual a importância da pesquisa que se desenvolve na academia?
- 14- Em linguística, Bakhtin ou Chomsky? Por quê?
- 15- Como professor, você considera importante o ensino de gramática na escola?

16- Tem intenção de voltar à Espanha?

17- Já estudou língua portuguesa no Brasil?

18- Por que tanto interesse na política brasileira?

19- Pode dizer sua idade?